

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

FRANCISCO MATOS
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Plantas medicinais: história e memória da pesquisa e da política científica no Brasil

Entrevistado - Francisco José de Abreu Matos (FM)

Entrevistadores - Tania Fernandes (TF) e Fernando Dumas (FD)

Data – 10/06/1997 e 11/06/1997

Local – Universidade Federal do Ceará – Fortaleza

Duração – 5h48min

Responsável pelo sumário - Carlos Henrique Assunção Paiva

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

MATOS, Francisco José de Abreu. *Francisco José de Abreu Matos. Entrevista de história oral concedida ao projeto Plantas medicinais: história e memória da pesquisa e da política científica no Brasil*, 1997. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 99p.

Sumário

Fita 1 - Lado A

Comenta sua origem familiar; sua experiência no Exército; a entrada para a faculdade de farmácia, como aluno e professor; sua experiência de trabalho junto ao professor Richard Wasicky em São Paulo; o trabalho na farmácia de propriedade da família; o trabalho no Laboratório Lilly; referência ao ensino e as pesquisas em química no Estado do Ceará; as atividades dos farmacêuticos nas farmácias do país e o papel dos estabelecimentos farmacêuticos na saúde pública brasileira; referência ao Projeto Flora.

Fita 1 - Lado B

Continua comentário sobre o Projeto Flora; faz referência ao Projeto de Pesquisa em Plantas Medicinais (PPPN) e aos materiais e informações do Projeto Flora; comenta o banco de dados sobre plantas medicinais na Universidade de Illinois (EUA); suas pesquisas antes do desenvolvimento do Projeto Flora.

Fita 2 - Lado A

Referência ao Projeto Botânica, Química e Farmacologia; sua experiência no Instituto de Química Agrícola (IQA); a relação com o prof. Otto Gottlieb; comenta o fechamento do IQA; a relação entre a pesquisa científica pura e a aplicada no Brasil; referência ao trabalho do Centro de Pesquisas Pluridisciplinares de Química, Biologia e Agricultura; aborda a política pública brasileira para plantas medicinais.

Fita 2 - lado B

Continua comentário sobre política pública no setor de plantas medicinais; referência aos programas Saúde da família e Farmácia Viva; a relação da medicina com o conhecimento popular sobre plantas; sua relação com a indústria farmacêutica; faz referência a idealização e organização do Projeto Farmácia Viva; a relação do Projeto Farmácia Viva com a universidade e a criação do Laboratório de Produtos Naturais (LPN).

Fita 3 - Lado A

Comenta as políticas científicas no Brasil e a organização de grupos de estudo de produtos naturais: o Laboratório de Tecnologia Farmacêutica (LTF), financiamento e bolsas de pesquisa; aborda a pesquisa de produtos naturais a época que era estudante de Farmácia e, posteriormente, como docente; a relação entre os pesquisadores de produtos naturais na década de 50; a relação ensino-pesquisa; a contratação e incorporação de professores nas universidades brasileiras; as mudanças na organização do trabalho científico da década de 50 ao período atual.

Fita 3 - Lado B

Continua abordando as mudanças operadas no trabalho científico; transformações no padrão

de avaliação dos pesquisadores; o papel da titulação acadêmica na área de pesquisa; a importância da patente para a carreira do pesquisador na área de produtos naturais.

Fita 4 - Lado A

Aborda sua experiência administrativa na universidade; avalia historicamente a administração pública nas universidades; a repercussão do Golpe Militar de 1964 na Universidade Federal do Ceará (UFC); sua transferência do Departamento de Farmácia para o Departamento de Química na UFC.

Fita 4 - Lado B

Comenta transformações históricas durante o século XX no curso de farmácia e a formação profissional do seu pai, avô e bisavô; a trajetória profissional do pai; a relação entre os farmacêuticos a época de seu pai; as motivações para seguir o curso de farmácia; a trajetória profissional dos colegas de faculdade; a relação entre a farmácia e as análises clínicas; a relação entre a medicina e a farmácia; o papel da fitoterapia atualmente.

Fita 5 - Lado A

Aborda a criação do Projeto Farmácias Vivas; a interação do Projeto Farmácias Vivas com os Centros Integrados de Educação e Saúde; os projetos similares ao Projeto Farmácias Vivas; a criação e a utilização dos hortos nas pesquisas científicas; os trabalhos dos professores Selerino (Carriconde?) e Evani; avalia o trabalho das pastorais da Igreja; sua viagem para Barra do Corda (MA); o conhecimento popular sobre plantas; a utilização das plantas medicinais e nocivas; a integração do conhecimento científico e popular

Fita 5 - Lado B

Referência a utilização e as pesquisas com a Aroeira; a relação da fitoterapia com a saúde pública; a regulamentação do trabalho do fitoterapeuta; o papel da tradição para o conhecimento popular das plantas; o Projeto Integrado Botânica-Química-Farmacologia e as pesquisas com moluscos; a relação do trabalho nas universidades e as necessidades do sistema de saúde pública do Estado; o trabalho do Programa Estadual de Fitoterapia; o financiamento do Projeto Farmácias Vivas.

Fita 6 - Lado A

Aborda suas atividades como sindicalista na área de farmácia; a orientação de teses acadêmicas e o trabalho de Teresa N. de Castro Dantas; a organização dos simpósios de plantas medicinais; as publicações em fitoterapia e o trabalho com a cidreira; os núcleos de plantas medicinais que ajudou a criar no país; a relação dos cientistas com a indústria em matéria de fomento e investimento em pesquisa; o trabalho do Dr. Afrânio Craveiro.

Fita 6 - Lado B

Continua a referência as pesquisas do Afânio Craveiro; comenta os trabalhos do Projeto Farmácia Viva e da Oficina Farmacêutica; a relação dos médicos dos postos de saúde com os fitoterápicos; as pragas e o tratamento dos hortos.

Data: 10/06/1997

Fita 1 – Lado A

TF – Entrevista com o Dr. Francisco José Matos para o Projeto: “Plantas Medicinais” da Casa de Oswaldo Cruz, no dia 10 de junho de 1997. Fita número 1.

TF - Professor, nós vamos iniciar então a nossa entrevista, queremos que o sr. nos fale sobre a sua vida, a sua origem, a sua infância, a sua família, enfim, o que o senhor achar importante, que o senhor tenha na sua memória.

FM - Bem, é uma história realmente muito simples, como a maior parte das famílias nordestinas. É sobre uma família de 8 irmãos, 6 homens e 2 mulheres. Eu sou o mais velho em segunda instância, porque tinha um mais velho que morreu, morreu já com 14 anos, realmente, foi uma morte muito marcante para a família porque era o filho mais velho e eu como o segundo, fiquei marcado para ser daí por diante o primeiro da família. Meu pai era farmacêutico, professor do Liceu do Estado, secundário; minha mãe sempre foi doméstica, uma bela mulher que cuidou muito bem dos seus 8 “pimpolhos” em casa, que lhe deram muito trabalho, mas acho que no fim acabaram lhe dando gosto também. Durante todo esse tempo de infância as coisas correram normalmente, brincadeiras de menino, brincadeira de esporte e algumas imagens ficaram desse tempo, imagens do meu avô, Joaquim Matos, que morava em Baturité, cidade do interior. Apesar de ter morrido em 1930, quando eu só tinha só 6 anos, ainda me lembro dele porque ele gostava de me botar para desenhar. Ele tinha uma empregada que fazia uma canjica de milho muito gostosa e eu ia para lá de tarde pegar a canjiquinha e ele dizia: “primeiro vai ter que desenhar mesmo”. Aí me trazia um caderno, um álbum de figuras para desenhar. Eu nunca mais me esqueci de uma das vezes que eu estava... fui começar a desenhar e ele disse: “não, está muito fácil!” Aí virou a figura de cabeça para baixo, era um cavalo, para que eu desenhasse de cabeça para cima, aí por causa disso eu ganhei mais um prato de canjica. Então eu me lembro do meu avô, dessas pequenas cenas de família. Eu me lembro também muito de minha mãe que era ligada ao meu avô; meu avô era farmacêutico, ele fazia uma série de fórmulas, fazia pílulas, fazia extratos, fazia medicamentos para a pele, cosméticos, etc. E tinha um que era muito parecido com o que hoje se conhece com o nome de “leite de colônia” que ele chamava de leite antifélico. Então isso aí marcou muito a minha vida porque quem... ele ensinou a minha mãe a fabricar. Então essa foi a imagem que fica na mente da gente: um terraço, uma bacia de louça, minha mãe colocava dentro dessa bacia mercúrio e colocava ácido nítrico para fazer uma reação e nessa reação saía uma quantidade enorme de fumaça avermelhada e ela era muito bonita, ficava ali perto e eu olhando de longe, ficava assim, uma figura, sei lá, celestial, algo que chegou à terra descido do céu. Essa aí é a imagem da minha mãe que me ficou bastante e que me ligou, talvez, por causa disso, a uma tendência para trabalhar na mesma área de farmácia que era a área do meu avô. Depois disso a vida comum mesmo de colégio até chegar ao Serviço Militar.

TF – O senhor nasceu onde?

FM – Nasci em Fortaleza mesmo.

TF – Criado por quem?

FM – Criado em Fortaleza, filho... não era filho do asfalto porque naquele tempo não tinha asfalto na cidade, era calçamento. No tempo da guerra eu estava já prestando serviço militar, já tinha terminado o serviço militar como soldado quando começou a guerra e eles botaram o CPOR [Centro de Preparação de Oficiais da Reserva]. Então eu resolvi fazer de novo o serviço militar para não ir como soldado, ir como oficial, era mais prático. Realmente foi muito bom para mim porque exigiu muito fisicamente do meu trabalho, meu trabalho físico, de corpo. Eu era bem magrinho, terminei o CPOR mais forte. Quando eu terminei o CPOR, louco para ir à guerra também, mas não consegui, porque logo em seguida a guerra terminou. Tinha muita vontade de seguir Medicina também, nessa época eu estava na dúvida o quê que eu faria, mas em Fortaleza não tinha curso de Medicina, só tinha curso de Farmácia. Meu pai sendo farmacêutico e sendo fabricante das pílulas de Matos me pediu que eu continuasse. Eu acabei fazendo Farmácia, terminei meu curso e fui trabalhar como representante do laboratório Lilly na visitação dos médicos. Foi também um período muito interessante na minha vida, muito útil que me permitiu contato com muitas pessoas preparadas, inteligentes, muita discussão, mesas redondas em hospitais, realmente, eu tive uma vida muito participativa com esse meu trabalho junto à classe médica. Até que um belo dia a faculdade de Farmácia, que era particular, ela foi estadualizada e ficou chamada Faculdade Estadual e aí teve uma redistribuição de professores, alguns podiam continuar, outros não. Aí ficou vaga uma cadeira, a cadeira de Farmacognosia ficou sem professor e por indicação de um ex-professor meu, eu acabei sendo convidado e entrei para professor do Estado nessa época, o que se chamavam professor catedrático interino.

TF – Isso aí em 1900...

FM – Isso em 1951, 1951. Logo em seguida os próprios professores da Faculdade, inclusive eu fui um dos que liderei o movimento para fazer a federalização da Faculdade de Farmácia, para passar do Governo Estadual para o Governo Federal. Realmente, com alguns anos isso foi conseguido, acho que no governo do Juscelino Kubistcheck. Com isso eu me preocupei muito com a tal da interinidade, que me deixava inseguro. Digo: “não, eu vou ter que fazer um concurso para poder, realmente, ficar como professor permanente da Faculdade de Farmácia”. Aliás, eu já estava um grande apaixonado da Farmacognosia nesse tempo e por causa disso eu acabei conseguindo uma das coisas que, naquela época, era difícil aqui para o Nordeste, uma bolsa da CAPES [Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior] por um ano e essa bolsa da CAPES por um ano me levou para São Paulo e eu passei a trabalhar durante esse ano de 1958, durante todo o ano de 58 com um dos maiores farmacêuticos que eu já conheci em minha vida, que era o professor Richard Wasicky. Wasicky tinha vindo da Alemanha, de onde ele fugiu na época da guerra porque ele era judeu e ele ia para a Argentina, mas o Dr. Oswaldo Costa, que era o professor de Farmacognosia da Universidade... naquele tempo Universidade do Brasil, conseguiu... descobriu, conseguiu convencê-lo a ficar no Brasil e ele acabou indo para São Paulo. Em 1958 eu trabalhei com ele, realmente, era um homem genial. Ele tinha sido diretor do Instituto de Farmacognosia de Belém e lá em São Paulo, na USP, ele fez uma coisa que infelizmente depois não foi mantida, ele criou o Instituto de Farmacologia Experimental. Eu acho que foi o primeiro grupo de pesquisa especializado em pesquisas de plantas medicinais no âmbito da farmacologia e da Química que, já naquela época, existiam algumas pesquisas, mas eram pesquisas da química, principalmente lideradas pelo Walter Mors

e pelo Otto Gottlieb, mas com o direcionamento muito químico dos estudos, enquanto que o direcionamento dado pelo professor Wasicky era um direcionamento mais farmacêutico, quer dizer, ele envolvia no estudo da Química a Farmacologia e a própria etnobotânica.

TF – Professor, deixa eu fazer só uma perguntinha, a farmácia da sua família, tinha uma farmácia, o senhor tinha algum vínculo, algum trabalho...

FM – Teve, teve, não... tive, tive ligações com a farmácia, não é? A primeira farmácia da família, está completando hoje mais de 110 anos, fica em Baturité, tem o nome de “Farmácia Matos”, ainda hoje está lá. Na frente é Farmácia com “PH” e Matos com dois “TÊS”, ainda hoje está lá. A ruazinha que fica em uma pequena travessa recebeu o nome do meu avô, é Travessa Joaquim Matos, mas isso, quando eu nasci... Quando meu avô morreu em 1930, já estava perto dessa farmácia não pertencer mais a família porque meu pai já estava morando em Fortaleza como professor do Liceu e não voltaria mais para Baturité. Mas ele manteve uma vida de trabalho, de atividade farmacêutica, ele conseguiu junto a um grupo que financiou, porque meu pai sempre foi pobre, nunca teve muito dinheiro, ele financiou a instalação de um laboratório para a fabricação das pílulas e de outros medicamentos e chamava “Manufatura de Pílulas de Matos”. Esse trabalho durou... eu era praticamente garoto quando ela existiu e eu freqüentava muito lá, olhava, sempre via aquelas coisas que estavam, obviamente, influenciando na minha futura vida profissional e, posteriormente, quando essa sociedade acabou eles instalaram uma outra farmácia, meu pai com outros sócios que foi a Farmácia Oswaldo Cruz, que ainda hoje está ali na Praça do Ferreira em Fortaleza. Lá eu trabalhei bastante ajudando a parte de manipulação farmacêutica junto com a manipuladora que não era farmacêutica, mas tinha uma prática muito grande, eu me lembro era Zuila. Trabalhei durante muitos anos lá, terminei meu curso estagiando lá na própria farmácia, mas ao terminar meu curso, quer dizer, a gente já estava de namoro, já pensando como é que ia enfrentar a vida por conta própria acompanhado de uma mulher que queria. Aí me apareceu o trabalho no Laboratório Lilly. Então...

TF – Antes do senhor se formar?

FM – Não, logo depois que eu me formei. Nessa época tinham dois...

TF – O trabalho com a sua família foi antes do senhor se formar?

FM – Foi antes de me formar, foi, até eu me formar. Logo que eu me formei, eu me formei no dia 8 de dezembro, quando foi no dia 10 de dezembro eu já estava empregado no Laboratório Lilly. Esse Laboratório Lilly, eu trabalhei durante 5 anos, viajando já também, para o interior do Ceará, mas era um tipo de atividade bem diferente da que eu passei a exercer depois. O [Laboratório] “Lilly” neste tempo, ele fornecia uma literatura muito grande, ele só exigia que tivesse contato com o médico se fosse realmente farmacêutico e tivesse preparado. Então a gente ia discutir os produtos [do Laboratório] “Lilly” para incentivar uma venda. Trabalhei assim durante 5 anos, conheci muitas cidades do interior, tanto do Ceará quanto do Piauí, fazendo esse tipo de visitação até quando abriu-se essa vaga na Escola de Farmácia e eu fui indicado e acabei ocupando e posteriormente, depois do trabalho com Wasicky, eu voltei e fiz concurso para

professor catedrático e assumi a cátedra em 1960.

TF – Então o senhor estava na faculdade desde 50?

FM – Desde 50, desde 50 eu entrei lá, tanto que todo esse tempo foi contado depois da federalização. Eu, então, passei cada vez mais a tentar desenvolver o ensino e a pesquisa da farmacognosia, cheguei a fazer uma certa revolução no ensino farmacêutico. Nunca mais esqueci de um grupo que a gente mantinha lá na escola, quando dava 5 horas da tarde, quando todo mundo já estava indo embora, a gente se sentava e tinha uma hora de debates, de estudos e debates, e nessa hora de estudos e debates, depois de uns dois meses de trabalho chegamos a uma conclusão, o curso de Farmácia precisava ser totalmente reestruturado e criamos um plano que batizamos de XPTO. Depois de colocar todas as idéias no papel, o grupo não quis assinar, não teve coragem porque era realmente muito revolucionário. Eu digo: “não, mas eu acredito e assino”. E assinei e isso criou, realmente, uma verdadeira revolução no Brasil inteiro. Por coincidência estava havendo o aniversário, um desses aniversários grandes assim, da Faculdade de Farmácia de Santa Maria e o nosso reitor foi, quando chegou lá, até parece que isso é uma piada, o pessoal falou assim: “quem é esse professor Matos do Ceará?” Que estava com um documento em cima da mesa que era o XPTO. Ele disse: “Ah, esse é um rapaz brilhante que nós temos lá no Ceará, farmacêutico, estudioso e tal... “Pois este homem precisa ter cassado o título de farmacêutico, o que ele propõe aqui é a destruição da Farmácia!” Aí o reitor atrapalhou-se porque pensava... esperava um elogio e o negócio não era nada elogioso. Mas a idéia eu mantenho ainda hoje, é a separação do curso de Farmácia em 3 unidades, totalmente diferentes, que eram uma unidade de ensino de segundo grau, de ensino técnico para o farmacêutico que vai para a Farmácia, ele não precisa estudar Química Orgânica, Bioquímica, Matemática I, Matemática... ele não precisa de nada disso, ele vai ter aquela rotatividade. Um farmacêutico para o trabalho da indústria farmacêutica, então essa seria o núcleo do curso de Farmácia e um farmacêutico que seria um curso de pós-graduação para aquela atividade de geração de novos produtos farmacêuticos, isso seria já o curso de pós-graduação aberto a farmacêuticos, a químicos etc.; e a parte de análise clínica que invadiu a Farmácia, tomou conta da Farmácia, e ainda hoje ocupa um espaço muito maior do que devia no curso de Farmácia, esse passaria para uma outra unidade de ensino que, por sinal, já foi criada, que é o tal do biomédico, só que o farmacêutico continuou fazendo, mas... quer dizer, a estrutura do curso de Farmacêutico, de Farmácia é medicamento. Existem três aspectos para você ensinar que são: dispensação do medicamento que vai para o segundo grau; a fabricação dos medicamentos que vai para o curso de farmácia propriamente dito e criação do medicamento que vai para o curso de pós-graduação. Essa é que era a idéia e essa idéia revolucionou todo mundo e todo mundo disse que a Farmácia se acabaria se fizesse isso. Que poderes teria eu para fazer isso em termos nacionais! Bem, isso foi um dos grandes acontecimentos da minha vida e que também fizeram uma modificação muito grande no meu rumo de trabalho. Nesse tempo eu já trabalhava em pesquisas de plantas, já tinha trabalhado com Walter Mors, tinha trabalhado já com Otto Gottlieb. Tinha um professor de Bioquímica que era uma das cabeças mais notáveis que apareceram aqui no Ceará, um pernambucano chamado João Ramos Pereira da Costa, é um homem de uma versatilidade, de uma inteligência fantástica. Ele era médico, mas fazia principalmente Bioquímica, conhecia Química como pouca gente, e para você ter uma idéia dessa versatilidade, você deve ter ouvido em todo o noticiário a respeito de chuvas precipitadas artificialmente, chamadas chuvas artificiais a base de pulverização com cloreto de sódio nas nuvens, é um processo criado por ele, tanto que ele é conhecido como João

Ramos da Chuva aqui no Ceará. Foi realmente um grande amigo meu, trabalhamos juntos durante muito tempo, meu incentivador em pesquisas. Mas depois desse pequeno “quiproquó” em torno do XPTO, os próprios professores de Farmácia se dividiram em dois grupos, um pequeno que ficou comigo, um muito grande que ficou contra mim e eu aproveitei a circunstância da Reforma Universitária e acompanhei uma disciplina que era da farmacognosia que se chamava fitoquímica e a Reforma Universitária tinha jogado todas as Químicas num único lugar. Aqui tinha um Instituto de Química, foi para onde eu vim com a fitoquímica. Mas todo esse espaço eu fui professor de Química Orgânica durante... de 1970 até 1980... quando eu me aposentei, oitenta e poucos...

TF – Te magoou a relação e aceitação para o químico de um farmacêutico que viesse dar aula de Química ou o senhor vivenciou algum tipo de problema?

FM – Não, não, sempre foi normal aqui no Ceará, quer dizer, nós tínhamos muito poucos químicos, então, tradicionalmente o ensino da Química aqui cresceu em cima de atividades de farmacêuticos. O principal farmacêutico dessa época foi dr. Juarez Furtado, talvez fosse interessante fazer um capítulo desse histórico com a filha dele que ainda é viva, que sabe a história do pai milímetro por milímetro. dr. Juarez Furtado foi praticamente o pai da Química aqui no Ceará e, por outro lado, a Química cresceu muito nas mãos dos agrônomos. O dr. Manoel Mateus Ventura, que hoje está em Brasília, que é um dos grandes bioquímicos do Brasil, ele era o químico cearense daquela época e foi o homem que criou o Instituto de Química e Tecnologia da Universidade Federal do Ceará, uma das inteligências mais vibrantes que eu conheço na minha vida, um homem de trato difícil, realmente, ele não é fácil de tratar, mas um homem de grande coração e maior do que o coração é a cabeça dele. É realmente um homem notável, eu acredito que ele já esteja aposentado também, mas ele fez praticamente muitas gerações de químicos que o sucederam. Ele era muito rígido durante o ensino, mais rígido ainda durante os trabalhos de pesquisa e de formação das pessoas que estagiaram com ele.

FD – Professor, o senhor falou dessa divisão do XPTO da Farmácia em três, queria perguntar uma coisa para o senhor.

FM – Ah, sim.

FD – Como é que o senhor diferencia a prática cotidiana do farmacêutico da Farmácia, que aqui no Brasil não tem farmacêutico na Farmácia, não é? No cotidiano, como é que é essa prática, como é que o senhor vê essa prática da Farmácia no Brasil, no cotidiano da população.

FM – Os poucos farmacêuticos que eu encontro na frente das suas farmácias, eles às custas, eu digo, desse *feedback* entre a população, entre o trabalho que ele faz e do conhecimento que ele tem, ele desenvolveu uma espécie de especialização. Inclusive, tinha um professor na faculdade que queria criar uma especialização do chamado farmacêutico clínico, porque é muito comum o farmacêutico ter sempre ao redor dele pessoas se aconselhando clinicamente: “olha eu tenho isso, meu filho tem aquilo, o quê que eu tomo para isso e tal”. Então, na realidade, o farmacêutico na farmácia, ele assume uma posição de conselheiro médico, não é de médico em si, é de conselheiro, ele faz o aconselhamento do uso de medicamentos e além disso, quer dizer, por essa atividade de aconselhamento ele tem uma posição de alta valia no sistema de saúde pública

nacional, que não é reconhecido, porque a Farmácia praticamente se transformou numa casa comercial especializada, aliás, hoje mais diversificada que especializada. Mas eu acho que o farmacêutico poderia ir para lá e deveria ter uma formação adequada para isso aí. A outra atividade do farmacêutico, a análise clínica, existem farmacêuticos excelentes como analistas clínicos, mas só que para mim eles não são farmacêuticos realmente, eles são analistas clínicos e bons.

FD – E o papel da Farmácia como ela hoje está consolidada, constituída como uma casa comercial, não tem uma influência negativa na saúde pública? Porque quem faz esse papel de conselheiro médico hoje é o balconista.

FM – É, passa a ser o balconista, exato. Isso é uma verdade e daí tem uma série de processos que eu chamo degenerativos da profissão farmacêutica, como a “empurroterapia”. O pessoal tem um estoque de medicamentos, então começa a empurrar, ou tem um laboratório que dá uma gratificação, uma comissão e há o abuso do uso de medicamentos através dessa via.

TF – A sua idéia para formação de nível médio seria exatamente sanar essa prática.

FM – Exato, substituir toda essa gente por um pessoal preparado para isso, devidamente preparado, mas isso aí ficou no ar, não saiu mais. Ah...

TF – Estava na faculdade...

FM – Sim, estava na faculdade já desenvolvendo pesquisas, tínhamos a orientação de vários professores, de várias figuras importantíssimas e eu não poderia deixar de citar aqui o meu próprio professor de farmacognosia, uma das inteligências mais vibrantes que eu conheço também, que eu conheci, já morreu, infelizmente, que era um paranaense fantasticamente inteligente e culto, um homem de uma cultura notabilíssima, dr. Oswaldo de Oliveira Reidel, ele era médico e era farmacêutico e militar. Ele foi meu professor em farmacognosia no tempo em que eu estudei lá na escola em 1944 e depois ele se formou em Medicina, chegou ao generalado no Exército e retornou e fez concurso para auxiliar de ensino da escola de Farmácia e foi ensinar toxicologia, mas, aí dentro da própria escola ele fez outros concursos, subiu e chegou de novo a professor titular. Um dos trabalhos que resultaram do nosso contato, quando eu comecei a trabalhar no grupo da CEME [Central de Medicamentos], aliás do Projeto Flora. O Projeto Flora que foi um dos grandes projetos nessa área no Brasil, que eu não sei porque parou, era um projeto que...

TF – Eu ia perguntar porque parou. (risos)

FM – Pois é, não sei porque, não entendo, as bruxas andaram no caminho desse projeto. Mas um dos trabalhos do Projeto Flora era a recuperação da informação sobre plantas medicinais em duas linhas: uma linha etnobotânica de pesquisa de campo, de informação, isso que você está fazendo; uma outra linha científica que é isto que você está fazendo. Então eu trabalhei mais... eu trabalhei nas duas linhas e nessa época a CEME ou CNPq [Conselho Nacional de Desenvolvimento

Científico e Tecnológico], não me lembro onde foi a fonte do dinheiro.

FD – CNPq.

FM – Acho que foi CNPq.

TF – Foi a CEME ou CNPq... CNPq.

FM – Acho que as duas, não?

FD – Foi CNPq, tenho certeza (inaudível).

FM - Eu sei que depois de algum tempo todo material foi repassado para o CEME, porque a CEME tinha gasto muito dinheiro em cima disso.

TF – Foi sim, a CEME entrou também.

FM – É, então eu tive nessa época trabalhando comigo dois agrônomos e um médico, que eu me preocupava muito com a coleta da informação popular na hora que essa informação fosse registrada. Qual o significado médico da informação. Eu como farmacêutico conhecia uma parte, mas as minhas duas coletoras de informações, que eram agrônomas, não conheciam nada. Então eu consegui recursos e contratei em tempo parcial o dr. Oswaldo Reidel para ser o homem capaz de adaptar a informação popular em termos científicos, encontrar um significado para aquelas informações populares. E ele depois de algum tempo, ele publicou “Glossário dos Termos de Medicina Popular Usados no Ceará”, e é simplesmente notabilíssimo. O que é “espíndela caída”, o que é... Bem, eu tenho até esse glossário aqui comigo porque estou reeditando o meu livro de plantas medicinais, e em um dos capítulos eu coloquei esse glossário e ampliei esse glossário já com outras informações posteriores e uma das coisas que não tem aqui na literatura de produtos naturais, principalmente ligado à planta medicinal, não existe. Você encontra a informação popular, quer dizer, uma atividade atribuída, geralmente atribuída com um nome que muitas vezes é mal traduzido, que não é fácil você pegar a informação popular e jogar aquilo dentro de uma terminologia farmacológica, porque você teria que conhecer o verdadeiro significado que a pessoa estava dando àquilo ali, tanto que a minha orientação no registro dessas informações é que informação popular... Isso pode servir, inclusive, para o seu trabalho, a informação popular precisa ser registrada, não como uma tradução farmacológica, mas como a transcrição do uso. O sujeito diz... nunca dizer antidiarréico, não, não é antidiarréico, é para diarreia... isso é remédio para piolho e assim por diante, quer dizer, você usa a palavra original, como foi captada. Isso era o que eu fazia com Oswaldo Reidel, jogar a palavra como foi captada e ele repassava no formulário da CEME já com a tradução médica daquilo, tanto quanto ele podia. De vez em quando não tinha possibilidade, por exemplo, “dor velha de mulher”, que é isso? Não sei o que é!

FD – Não sei...

FM – E não encontrei ninguém até hoje quem me explicasse, inclusive, o detalhamento da informação dada pela pessoa que informou não se chega a nada. O que é essa “dor velha de

mulher”? A criatura, inclusive, encabulou-se muito na hora, olhava para o marido, assim como alguém que dizia: “isso eu não posso falar”. Mas depois de muita conversa, de um cafezinho com ela, bebi uma cachacinha com o marido, ela acabou já sentando ali no terraço da casa e a gente conversando ela disse: “professor, isso é uma dor que dá nas mulheres e que ela tem que botar o sol para fora”. Como é minha senhora? Tem que botar o sol para fora. E como é que bota esse sol para fora? “Ela tem que se abaixar, fazer uma força até o sol sair porque se o sol não sair ela morre!” E como é esse sol, pelo amor de Deus! “Ah, doutor, quando ele sai parece assim um ovo estrelado”. Muito bem, tomei nota de tudo, trouxe para o meu amigo doutor Oswaldo Reidel, traduza por favor. Bem, não conseguiu traduzir, ainda hoje estou com essa dúvida pendurada aí sem saber o que é isso. E ela tinha as plantas que usava para curar essa “dor velha de mulher”. Eu na hora dizia: “isso não é dor de mulher velha!” “Não senhor, é dor velha de mulher!” Tudo bem. E por aí tem “N” outras histórias a respeito de informação desse tipo. Depois dessa etapa desse trabalho junto ao grupo da CEME, que foi numa sequência logo depois do Projeto Flora, a CEME começou a trabalhar o chamado PPPM, Projeto de Pesquisa em Plantas Medicinais.

TF – Então esse projeto, de certa forma foi a continuidade do Projeto Flora, seria isso?

FM – Não, não chegou a ser uma continuidade, mas assumiu alguns aspectos do chamado Banco Satélite de Plantas Medicinais do Projeto Flora.

FD – O quê que era o Projeto Flora? O quê que era o Projeto Flora?

FM – Olha rapaz, o Projeto Flora, ele foi idealizado para ordenar todas as informações botânicas existentes no Brasil, então ele tinha um segmento central que era montado em cima dos herbários e das informações contidas nas fichas de coleta.

TF – E era regionalizada?

FM – Começou na Amazônia, começou em... no Museu Goeldi se não me engano. Começou no Museu Goeldi onde existia talvez, a maior coleção de exicatas do Brasil, talvez do mundo, eu não sei, mas do Brasil com certeza. Então elaboraram uma ficha especial que foi depois muito criticada, porque a pessoa que elaborou as fichas foi depois para os Estados Unidos e trabalhava em computador e foi estudar como faria a coleta dessas informações para ser jogada numa fita que pudesse ser passada para um computador e foram feitas milhares de fichas. Eu acho que o herbário do Museu Guelde nessa época tinha 200 mil fichas de exicatas, todas elas foram passadas, de lá eles passaram para a Amazônia, de lá eles vieram para o Ceará, vieram para Pernambuco, foram para Brasília... Todos esses dados estão guardados hoje, a maior parte não sei se já está em fita, mas a grande parte foi colocada em fita e, recentemente o dr. Otto [Gottlieb] até me perguntou se eu não sabia qual era a senha de acesso dessas fitas e eu fiz todos os contatos possíveis com o pessoal que trabalhava, inclusive na época, e não consegui a senha. Então, ele disse: “olha Matos, eu tenho um mundo de informações e não tenho acesso”.

FD – E onde estão essas fitas?

FM – Olha, essas fitas eu acho inclusive que elas foram reproduzidas de alguma forma, não sei como, mas eu sei que essas estavam lá com o Otto [Gottlieb], eu acho que uma grande parte está

lá na CEME e outra parte deve estar no CNPq e eu não sei o que fazer! A grande crítica que foi feita é que a pessoa que fez o esquema de trabalho, de selecionar as informações, jogar...

Fita 1 – Lado B

FM – ... e iria exigir, era um programa extremamente caro para computador, você poderia ter feito um outro programa muito mais simples que te daria as mesmas informações. Mas aí eu não posso dizer nada porque, principalmente, na época o computador para mim era “bicho do outro mundo” e eu também não conheço a pessoa e nem todo o esquema de trabalho que foi feito, só um comentário de pessoas ligadas ao programa. Então o Projeto Flora tinha um seguimento central que abrangeria o levantamento das informações de herbário, em cima disso aí ele criava um esquema de formação de pessoal para herbário. Aqui um botânico de herbário praticamente não existe, é uma profissão totalmente extinta, porque não tem emprego para ele, ninguém mais vai escolher uma coisa que não possa trabalhar. Então, o Projeto Flora estava criando essa... esse oferecimento de empregos. E, paralelamente a isso, então apareciam os outros segmentos, quer dizer, informações sobre madeiras, então um outro grupo iria agora coletar informações da importância daquelas madeiras, mas ligada aquela planta que já estava no herbário. Plantas medicinais, do mesmo jeito. Quer dizer, teoricamente o programa seria de uma beleza enorme e hoje nós teríamos uma facilidade muito grande, principalmente via rede, de pegar todas essas informações, mas de repente a coisa...

TF – Quem foi o mentor desse projeto?

FM – Olha, eu tenho a impressão que o primeiro líder do projeto, que eu não sei se é realmente o mentor, foi o dr. Alcides Teixeira que é professor pesquisador, acho que em Brasília, se não me engano, não sei se é Brasília, não é Brasília... é Brasília ou interior de São Paulo, mas sei que ele é um especialista em micologia, mas é um homem também muito trabalhador, dedicou-se enormemente a isso aí; enquanto teve dinheiro, ele trabalhou.

TF – E o senhor, o seu papel nesse projeto era qual?

FM – O meu Projeto Flora...

TF – Era só no Nordeste ou o senhor tinha uma coordenação mais ampla?

FM – Não, eu não tinha. No Projeto Flora em si eu não tinha coordenação. Como o Projeto Flora fazia o trabalho de coleta de informações no campo e eu trabalhava com um botânico que foi do Projeto Flora aqui, o dr. Afrânio Fernandes, o homem que me acompanhou aqueles milhares de quilômetros, então nós associávamos o trabalho. Quando eu saía na viagem, eu saía através do Projeto Plantas Aromáticas e ele, Projeto Flora e nós nos ajudávamos mutuamente. Isso foi... rendeu tanto que nessa época, quando começamos, o número de exicatas do herbário Prisco Bezerra, que é do herbário da Universidade, era 3 mil registros, quando nós terminamos aquela viagem estava em 18 mil registros. Então foi realmente um trabalho muito produtivo, embora nem todas as plantas tivessem identificadas porque ele sendo especialista mais em leguminosas,

então o que era leguminosa ele ia em cima e as outras ele ia de acordo com a literatura disponível e ia conseguindo. Nós descobrimos nessa época, por exemplo, coisas interessantes nessa relação química e botânica, por exemplo, trabalhando com plantas aromáticas. Então a gente coletava aquelas plantas que tinham potencial de produzir óleo essencial e de repente nós nos deparamos com as espécies do gênero *Croton* (inaudível), muitas delas com boa produtividade de óleo essencial e a literatura citava apenas 3 espécies de *Croton* como produtos de óleo essencial, e nós entramos assim com 30 espécies que produziam óleo essencial. Agora, com grande problema, no Brasil ninguém identifica *Croton*. Então algumas poucas espécies de *Croton* que foram identificadas às custas de muito trabalho, foram identificadas pelo Afrânio, Afrânio Fernandes que sempre entrava em colaboração com outros herbários lá fora. Inclusive, chegou até gerar polêmica, ele dizia que tratava de uma espécie, o botânico do exterior não aceitava, queria que fosse outra e no fim ele acabou, realmente, reconhecendo; porque há uma diferença muito grande entre o botânico de herbário e o botânico de campo. O botânico de campo conhece a planta toda, o botânico de herbário conhece um pedaço, não é? Então ele sempre que acabou vencendo. Mas, essa etapa logo depois do Projeto Flora foi quando começou o PPPM e como eu já tinha muitas publicações em plantas medicinais, principalmente em química de plantas medicinais; em etnobotânica, praticamente, não tinha nada. Mas eu fui um dos convidados pela CEME para a instituição do grupo inicial do PPPM, foram alguns farmacologistas extremamente importantes do Brasil, dr. Carlini, dr. Lapa e vários outros que não recordo bem o nome agora. Acho que na parte de farmacognosia, acho que eu fui... não! Eu fui... foi também o professor de Farmacognosia da Universidade do Rio de Janeiro... Foi um grupo relativamente grande e esse grupo então passou a trabalhar em um outro projeto que eu não sei por que é que parou e para mim, entendente em plantas medicinais, é o maior projeto que já se fez no Brasil, inclusive por sua metodologia de trabalho.

FD – Esse PPPM?

FM – O PPPM. Olha, eu vou te dizer, se você pegar a literatura sobre plantas medicinais italiana, ali tem um monte de informações aí nesse livreto que é resumo de Congresso. De modo geral, todos os trabalhos começam dizendo que a planta tal X serve para isso, há informação de que houve utilidade médica nisso daqui, daquilo outro, aí em seguida vem o trabalho. Quando você chega na conclusão do trabalho não tem nada a ver com a motivação do trabalho, a motivação mudou para o estudo meramente clínico ou meramente farmacológico.

FD – Como assim? Explica isso melhor.

FM – (risos) É o seguinte, você... vou dar aqui um exemplo... tentar transformar isso num exemplo fictício. Vamos supor, uma planta e o sujeito diz: “ah, encontrei essa planta, nunca foi estudada, mas o povo diz que ela é muito útil para provocar...” É como diurético, o caboclo diz: “é uma planta boa para as urinas”. Aí o sujeito pega, joga aquilo num laboratório, faz uma série de extratos, extrato (inaudível), extrato alcoólico, extrato (inaudível), passa em coluna cromatográfica, extrai uma série de substâncias e vai determinar a estrutura da substância. Então a estrutura da substância é um anel pentacíclico, com não sei quantos radicais pendurados, não sei... etc., etc. E o que é que tem com a atividade diurética? Nada! Nada! Simplesmente nada! O sujeito usou uma motivação, mas no decorrer do trabalho ele mudou o direcionamento do trabalho para uma pesquisa meramente química ou meramente farmacológica. Ele é capaz de

alterar o número ou a frequência de vibração dos cílios da mucosa nasal. Muito bem, e daí? Ou é capaz de contrair o útero mesmo na presença disso, disso, daquilo, e daquilo outro, certo? Então se perde nos detalhes e o objetivo principal fica descartado. No trabalho da CEME, esse do PPPM, ele foi importantíssimo nisso, não é um trabalho da CEME, foi um grupo que se reuniu e que discutiu qual a metodologia a ser utilizada. Foi muito simples a metodologia, foi primeiro, quais são as plantas que são usadas e para quê? Vamos descartar algumas que a gente não vai poder estudar porque são muito complexas. Planta que sirva para câncer, não vamos estudar, noutro programa ele poderá ser estudado, mas nesse não. Então vamos estudar plantas diuréticas, estudar plantas hipotensoras, plantas que sejam antiparasitárias.

TF – Então vocês selecionavam as plantas para que um determinado grupo de pessoas estudasse.

FM – Exato. Então aquele... aí foram criados protocolos de avaliação de, se atividade atribuída existe ou não existe; e acompanhada de um protocolo para clínico de atividade tóxica e isso era leilado aos grupos brasileiros.

FD – E como era esse leilão?

FM – Esse leilão era um leilão inverso, aquele que fizesse em menor tempo e por menos dinheiro ganharia, mas o prazo mínimo era de 2 anos e o relatório tinha que mostrar que realmente tinha sido desenvolvida uma atividade séria. Então foram selecionadas de início 20 plantas submetidas a uma série de ensaios em vários pontos em todo o Brasil, depois mais 20, acho que no final já estava em setenta e tantas plantas com um rendimento extremamente fabuloso. Das 70 plantas que foram selecionadas, eu tenho a impressão que no mínimo 20 apresentaram confirmação da atividade. Se você comparar isso com o que faz o NCI nos Estados Unidos, que estuda 1500 extratos de plantas do mundo inteiro, atividade antitumoral e consegue tirar 1 ou 2 por cada 1500. Porque a metodologia inicial, o crivo inicial é que foi diferente. Quando você usa o crivo daquelas plantas mais frequentemente utilizadas pelo povo para uma determinada condição patológica, você está jogando em cima do seu trabalho uma atividade experimental empírica, mas experimental, de muitos, muitos e muitos anos, talvez até de séculos! Isso, inclusive, me levou a publicar um dos trabalhos que eu fiz, que eu escrevi que foi “*Plantas Medicinais Brasileiras: um desafio para os químicos orgânicos do Brasil*”. Onde eu mostro que, exatamente, não adianta você ir atrás de estruturas, porque... eu sei que é um trabalho muito importante, muito bonito, você descrever uma estrutura nova que nunca ninguém encontrou e que aquela atividade, aquela nova estrutura pode um dia servir para alguma coisa. Mas eu acho que a gente ganharia mais tempo seguindo o outro caminho. Agora, não é um caminho fácil porque toda metodologia utilizada em química de produtos naturais no Brasil foi direcionada mais ou menos nesse sentido mais específico da substância e a metodologia que deveria ser utilizada para o princípio ativo é uma metodologia diferente que exige outro tipo de equipamento, outro tipo de processo de separação.

TF – Quem mais fazia parte desse grupo (inaudível)?

FM – Como eu gostaria de estar com tudo isso escrito para lhe dar! Mas você consegue isso nos relatórios da CEME [Central de Medicamentos], ainda hoje a líder desse trabalho, ela hoje não está mais na CEME porque a CEME acabou, mas ela está ainda no Ministério, não sei em qual

Secretaria do Ministério, e diz ela que está segurando o PPPM dentro do Ministério da Saúde, e que a idéia do Ministro é manter o PPPM agora dentro do Ministério, chama-se dra. Cyrene dos Santos Alves, é uma maranhense médica pediatra, mas é a maior vibradora que eu conheço para defender o estudo de plantas medicinais brasileiras.

FD – O senhor não disse que o projeto acabou?

FM – Sim.

FD – E como é que ela está segurando, o quê que é isso?

FM – Pois é. Você já ouviu falar na FENIX?

FD – (risos) Claro, já!

FM - Já, não é? Pois é, o PPPM é mais ou menos assim. Ele tem aquela quantidade de recursos para desenvolver trabalhos etc., daqui a pouco os recursos diminuem, diminuem, diminuem... vai morrer, passa em estado latente, assim uma porção de tempo, de repente aparece novamente recurso. Por exemplo, o horto de plantas medicinais aqui do meu trabalho do Projeto Farmácia Viva durante o ano de 1996 e 97 está sendo mantido pelo PPPM e a CEME.

FD – Mesmo sem a CEME existir?

FM – Mesmo sem a CEME existir, porque eles já liberaram o dinheiro, agora não vão tomar de volta, não é? Se morreu como é que eu vou entregar o dinheiro ao defunto? (risos) Não tem mais jeito!

FD – Prof. Matos, me diz uma coisa, com relação ao Projeto Flora, essas informações coletadas, esse técnico que foi para os Estados Unidos para processar esse material, elas não ficaram nos Estados Unidos?

FM – Não, não, porque ele foi antes da coleta da informação. Ele foi para os Estados Unidos para aprender desenvolver um programa que permitisse, levantando as fichas de herbários, colocar isso num formulário que pudesse ser jogado num computador. Então esse foi o trabalho desse pessoal que foi para os Estados Unidos.

FD – Eles não levaram as informações?

FM – Eles não levaram nenhuma informação, nenhuma.

FD – Agora eles criaram um programa...

FM – Eles criaram um programa adequado a um formulário, ok? Pronto, aí...

FD – Aí voltaram para o Brasil com esse formulário...

FM – Voltaram para o Brasil com esses formulários, foram impressas toneladas de formulários...

FD – Todo esse material do herbário que o senhor disse, que é uma quantidade imensa de informações, foi posto nesse formulário....

FM – Foi posto nesse formulário.

FD – Foi passado para a fita e não se tem a senha de entrada, é isso?

FM – Não sei se é exatamente isso, quer dizer, depois que eu me afastei do Projeto Flora, eu passei apenas a ouvir dizer algumas coisas, inclusive, uma é essa do Dr. Otto, ele diz: “Olha, eu tenho as fitas, não sei quantas, mas como você trabalhou no Projeto Flora no começo, veja se você me descobre qual é a senha de acesso a fita”. E eu não consegui. Fiz alguns contatos, inclusive, com uma das técnicas que hoje está no IBAMA e que trabalhava comigo, tinha trabalhado antes comigo, mas depois já tinha trabalhado na CEME, Issamar Megheditia.

FD – Issamar? O senhor pode soletrar?

FM – “I -s-s- a- Issamar, agora Megheditia, é que eu acho difícil.

FD – Meghedite, eu vou escrever assim.

FM – Megheditia. Não sei se é húngaro ou... Então ela trabalhou, ela chegou a fazer um programa para aproveitar o... ela fez um mestrado, qualquer coisa assim, aí desenvolveu um programa de computador para pegar essas fichas assim, mas eu acho que nunca foi bem utilizado.

FD – Como era o resultado esperado do Projeto Flora?

FM – O resultado do Projeto Flora era conseguir manter em... conseguir gerar um arquivo básico sobre a planta com vários arquivos satélites onde você pudesse ter todas as informações até hoje coletadas sobre plantas brasileiras, seja informações química, etnobotânicas, botânicas, taxonômicas, madeireiras, utilitárias ou não. Tudo isso ficaria nesses programas satélites que através de uma rede que os pesquisadores brasileiros teriam acesso à todas essas informações.

FD – Isso já existe em algum outro país?

FM – Existe alguma coisa parecida através de informações médicas, tem um programa grande, tem o (inaudível) que é da Universidade de Illinois, que é considerado o maior programa de produtos naturais do mundo, mas que eu também ponho certas restrições. Que eu me lembro quando eu estava orientando uma tese sobre uma planta aqui do Nordeste, muito comum no Nordeste, que eu achava que nunca tinha sido estudada, chamada “Pereiro Preto” que é o aspidosperma pirifólio e nesse tempo eu estava ligado ao Projeto Flora. Aí...o meu trabalho, o meu trabalho de pesquisa bibliográfica sempre foi desenvolvido em cima do Kenny Koaps que, realmente, é uma coletânea fantástica de informações. Eu estava coletando e o gênero aspidosperma é de uma riqueza de publicações que é um negócio impressionante e eu comecei a

acumular muito trabalho, aí falei com o Alcides, tinha já sido publicado a essa época, um opusculonzinho feito pelo Otto Gottlieb que era “Cadastro Fitoquímico Brasileiro”, você conhece?

TF – É, acho que eu já li. É, eu tenho ele.

FM – É, saíram já duas edições, uma primeira e uma segunda. Nesse tempo saiu a primeira, então eu peguei e falei: “Alcides, pega esse negócio aqui e manda pedir esse gênero aspidosperma nos Estados Unidos que você tem ligação”. Ele fez mais do que... ele mandou pedir todas as informações de todas as plantas que estavam no cadastro do Otto. Deve ter gasto um dinheirão. Quando eu, acidentalmente, eu vou a CEME, o material já tinha chegado, eu digo: “ah, eu estou precisando do aspidosperma...” Não me lembro se eles me deram os originais, acho que não me deram, eles me deram talvez uma cópia, tiraram uma xerox, era um pacote mais ou menos assim dessa altura de informações sobre aspidosperma, 60% dessas folhas tinha assim escrito: “informação não disponível”, e cada uma custou 2 dólares.

FD – Por que informação não disponível?

FM – Provavelmente em interesse da indústria americana, indústria farmacêutica americana. Disseram: “não, nós estamos estudando a possibilidade de industrialização, pererê... Não solta a informação!”

FD – Ah, quer dizer que eles têm um banco...

FM – Provavelmente, não sei. Esse banco é... nos Estados Unidos tudo é interligado ao capital, não tenha a menor dúvida.

FD – E o resultado social do Projeto Flora? O quê que era esperado?

FM – Olha, se você tem... a minha resposta é meramente intuitiva, se você tem uma comunidade onde os cientistas podem ter facilidade de estudar as suas próprias plantas, as plantas do seu país, muito mais fácil será fazer com que essas plantas se tornem úteis para a sua gente, inclusive, os ingleses chegaram a essa conclusão muito antes de nós. Quando eu já tinha o meu Projeto Farmácia Viva, quando eu tomei contato com o projeto chamado Projeto Nordeste, criado pelo Kew Gardens, esse projeto até mudou de nome depois, passou a ser chamado Projeto Plantas do Nordeste. Projeto Plantas do Nordeste criou um lema, o lema tinha por objetivo preservação do mundo vegetal e se chamava *local plants for local people* “as plantas do lugar para o povo daquele lugar”; porque dizia ele: “se você consegue convencer uma população que uma planta é útil a ela, essa população protege a planta”. Então, a mesma idéia eu ponho em cima do Projeto Flora. Se você consegue, realmente reconhecer nas plantas a sua utilidade e transferir essa informação para a sua comunidade, você está fazendo a preservação da natureza e o meu Projeto Farmácia Viva se encaixou exatamente aí dentro, não é? São as plantas do Nordeste que eu uso para repassar para as comunidades e, olha, isso é tão importante e fazendo um levantamento das informações etnobotânicas sobre plantas do Nordeste, eu consegui catalogar cerca de 700 espécies diferentes que são usadas para uma coisa ou outra. Quando a gente passa isso no crivo da bibliografia, seja bibliografia, vamos dizer, produzida localmente ou internacionalmente, eu

consegui selecionar 70.

FD – As outras não aparecem.

FM – As outras não aparecem, não tem informação.

FD – Olha, é uma diferença de 10%.

FM – 10%, quer dizer, o povo está usando 90% das plantas por utilizar. Eu ponho algumas restrições naquilo que você diz: “não, então eles desenvolveram um trabalho de seleção tradicional”. Será tradicional quando você pega, por exemplo, o uso do Confrei¹? É tradicional? Não pode. O Confrei entrou no Brasil há 50 anos. Não tem tradição! Quando você pega uma planta que era secularmente conhecida com o nome de Chambá² e de repente o povo começa a chamar de anador, é tradição anador? Não pode ser tradição! Anador, no entanto, está lá na farmácia. Simplesmente alguém tomou um chá e achou que aquilo era parecido com anador e assim “N” outras plantas. Então a nossa informação popular, a nossa informação tradicional aqui no Nordeste, ela está toda deturpada através dos meios de comunicação, através da falta de cultura, através da destruição da cultura que existia, que não existe mais com a migração, não é? Aquela história que o Dr. Adalberto captou a perda da personalidade do homem que veio do interior e acabou, se perdeu, todos os seus padrões de valores que ele tinha antes. Então ele está no mundo perdido, ele não tem mais tradição, daí ele tentar buscar essa tradição, um retorno a essa tradição através da planta que ele conhecia lá no quintalzinho dele. Então a maneira de reconhecer a validade do estudo das plantas, a validade do estudo químico, do estudo farmacológico, do estudo etnobotânico, para mim tem que ser sempre através de manter o elo entre a sua comunidade e aquilo que você pode fazer de ciências. Isso se firmou tão profundamente na minha mente que eu hoje, eu não quero nem saber de plantas amazônicas, nem de plantas do Sul do país, nem de plantas estrangeiras, quer dizer, o mundo, o universo vegetal nordestino, apesar do Nordeste ser semi-árido, mas essas ilhas que a gente tem por aqui dentro desse semi-árido já são de uma riqueza enorme em termos de potencial para estudos que, sei lá, “N” gerações estarão aí e não conseguirão acabar esse potencial.

TF – Professor, antes do Projeto Flora, o senhor participou de outros projetos também.

FM - Ah, sim.

TF - Eu queria que o senhor falasse neles.

FM – Antes do Projeto Flora, a minha participação era muito mais em projetos individuais, aqueles projetos que você faz para conseguir o auxílio do CNPq.

TF – O senhor já estava lá na fitoquímica.

FM – Já estava na fitoquímica, enquanto eu estive na Farmácia eu não consegui nada do CNPq,

¹ CONFREI: Nome científico: **Symphytum officinale L.**

² CHAMBÁ: Nome científico: **Jusicia pectoralis Jacq**

consegui aqui. O primeiro grande projeto coletivo...

TF – Por quê? Por que o senhor não conseguiu? Na Farmácia não era fácil?

FM – Porque na Farmácia eu não sabia nem o que era o CNPq! (risos). O Nordeste...

TF – Então, o senhor nunca solicitou?

FM – Não, nunca solicitei anteriormente. O Nordeste era mais ou menos uma área afastada do mundo, do Sul, onde se desenvolvia principalmente atividades dos grandes financiadores. Tanto que, quando nós começamos já, que eu tinha saído da Farmácia, e começamos aqui na Química, dentro de pouco tempo nós tínhamos já formado uma boa equipe. O líder da nossa equipe nesse tempo, hoje trabalha lá no Sul do país, foi o professor da Universidade Rural, um dos maiores químicos orgânicos espectrometristas que eu conheço, é uma mente de computador, é um negócio assim do jeito que você lê um texto escrito, ele vê uma estrutura molecular dentro de uma série de espectros. Monta na cabeça, ele olhando aquilo vai montando na cabeça, é incrível! Chama-se Dr. Raimundo Braz Filho, é um personagem extremamente interessante. Ele mora hoje no Rio de Janeiro, se vocês puderem entrevistá-lo um dia, eu espero, vai contar uma história muito interessante, porque o Dr. Raimundo Braz Filho começou como jogador de Futebol e ele hoje é um dos maiores químicos orgânicos do Brasil, filho intelectual de um outro grande homem que se chama Otto Gottlieb. Filho intelectual do Otto e acho que um filho muito querido viu? Porque ele conseguiu retribuir muita coisa que o Otto esperava. Bem, pouco depois a universidade permitiu o ingresso de novos professores e chegaram alguns professores de fora, inclusive, tinham trabalhado também com o Otto.

TF – Depois que o senhor disse que veio para cá?

FM – É, pouco depois que eu vim para cá.

TF – Na década de 70.

FM – É, exatamente. Mais ou menos em 75, chegando já perto. Um deles foi um homem que fez uma verdadeira revolução da química dentro do nosso grupo de química aqui da Universidade e ainda hoje está aqui e continua sendo um revolucionário extremamente polêmico, se chama Dr. Afrânio Craveiro, por sinal, sobrinho do Renato Aragão e que tem o mesmo espírito gozador do Renato Aragão, mas é um homem muito inteligente, muito bem preparado em Química, mas com uma capacidade de realização como pouca gente existe. Então, quando nós formamos esse pequeno grupo, os nossos auxílios, como eu dizia, os pequenos auxílios do CNPq, pensei só, esse negócio não vai levar o grupo para frente não. Aí fiz a primeira tentativa de montar nossos laboratórios com equipamento mais moderno, me lembro que pedi um aparelho de ressonância magnética nuclear de 60 Mhz, naquele tempo era muito bom, hoje em dia não vale mais nada. Era o M-360, e pedi, acho que foi a CAPES [Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior], de repente recebo um telefonema da CAPES dizendo: “olha, o auxílio que você pediu foi concedido, agora nós tivemos que fazer uns cortes, você compreende, tem muita gente pedindo e os dinheiros são poucos e de forma que você só ganhou 1/3 do que você pediu”. Ele disse: “professor... eu não me lembro quem era ... o senhor pega esse terço e entrega

a outra pessoa que tenha ganho 2/3 porque eu não posso comprar 1/3 do aparelho” e bateu o telefone. Dois meses depois o dinheiro estava chegando com o aparelho inteiro. Então ele com esse tipo de atitude, ele fez grandes conquistas e nós fizemos a reunião, o que é que a gente pode fazer que seja diferente dos que os outros estejam fazendo para a gente poder conseguir dinheiro. Nesse tempo, vamos dizer, os auxílios seriam de 20... fazendo uma adaptação da moeda, 20.000 reais, 10.000 reais, 15.000 reais. Ele disse: “vamos arranjar 200.000 reais (inaudível) com estudo das Plantas Aromáticas, vamos fazer um trabalho de óleos essenciais”. Onde é que a gente tem que pedir esse dinheiro, mexe dali, mexe acolá, então descobriu-se que tinha uma possibilidade no Banco do Nordeste do Brasil. Quando estava correndo o processo do Banco do Nordeste do Brasil, ele recebe um telefonema de uma pessoa conhecida dele do banco e disse: “olha, o outro departamento está pedindo 400 mil porque que vocês só estão pedindo 200”. Ele disse: “ah, não tem problema, vamos já fazer um reparo”. Aí ajeitou e passou para 400. Foram concedidos os 400 mil e a história de 400 mil o sujeito tinha lido errado, era 40 mil (risos). Aí com isso nós montamos todo o equipamento, até importamos o equipamento de análise de óleos essenciais e foi comprado o veículo para fazer as viagens, foi conseguido dinheiro para as diárias etc. e tal. Aí começou o grande trabalho que eu já referi a vocês, mostrei ali no mapa e de Norte, Sul, Leste, Oeste do Nordeste nós corremos 110.000 km e coletamos centenas ou milhares de plantas e esse foi o grande projeto que iniciou todo o trabalho e que me deu toda a base para o projeto seguinte. Depois outro projeto no qual eu fui envolvido, foi o projeto de Pós-graduação em Química Orgânica que eu também passei a lecionar, fui professor e esse projeto era o projeto da FINEP [Financiadora de Estudos e Projetos], foi chamado projeto, “Primeiro Projeto Integrado no Brasil”. Olha, isso é história, viu? Eu já tinha participado de inúmeras reuniões no Brasil inteiro, então sempre tinha grandes vales entre os participantes do Congresso, em uma montanha ficavam os químicos, aí tinham enormes vales, em outra montanha os farmacologistas, em outra montanha os botânicos, em outra montanha os etnobotânicos e não tinha nenhuma ponte interligando e todo mundo achava que a gente tinha que fazer um trabalho integrado. Então nós conseguimos manter...

TF – Todo mundo, quem?

FM – Os químicos, os botânicos, os participantes desses seminários, dessas... inclusive, com a participação do CNPq, de FINEP etc. Todo mundo: “não, tem que juntar, tem que juntar!” Aí nós conseguimos. Ah, foi talvez um momento histórico especial, as condições estavam ali naquele instante, fazer um projeto em que se associassem Botânica, Química e Farmacologia. No grupo Farmacologia estava Dr. Manaces, médico farmacologista, Dr. Manaces Fonteles, Dra. Glauce Barros Viana, farmacologia farmacêutica, todos dois com PHD. Todos dois treinados com experimentação de plantas medicinais. No grupo da Química estavam o Afrânio, o Zé Wilson de Alencar que era agrônomo, mas também já estava com mestrado em Química, estava o Bráz que passou pouco tempo e foi logo embora a chamado do Otto, estava o Carlos Humberto também discípulo do Otto e Guilherme... Raimundo Guilherme de quê? ... Correia, também discípulo do Otto, e na parte de Botânica estava o Dr... eu chamo doutor, mas ele faz questão de dizer que não é doutor porque nunca fez mais nada além da graduação, mas ele realmente é um doutor de verdade, de fato, ele... Dr. Afrânio Fernandes. Então eu digo: “olha, com essa equipe aqui a gente vai longe, a gente vai fazer...” E conseguimos fazer um trabalho, um projeto integrado para a FINEP – Botânica, Química, Farmacologia, que se somou e deu continuidade posterior ao trabalho de óleos essenciais. Então a gente passava já a coletar mais coisas, mais

informações diferentes, plantas diferentes, etc. E nós tínhamos um trabalho sistemático, que a planta chegava aqui já era toda distribuída, uma parte ia para exicatas herbário, a outra preparava alguns extratos e ia para a Farmaco...

Fita 2 – Lado A

TF – Fita número 2. Dia 10 de junho de 1997, para o Projeto: “Plantas Medicinais”. Pode continuar.

FM – Ih... Ah...Quando quebra assim a sequência, assim dá um...

TF - Um “estalo”, é.

FM - Um “estalinho” na cabeça, tem que bater de novo para ela “estalar” novamente e voltar para o lugar. Sim, este projeto de Botânica, Química e Farmacologia foi histórico no Brasil inteiro porque nenhum outro grupo no Brasil conseguiu fazer a associação de Botânica, Química e Farmacologia.

FD – Qual o objetivo desse projeto?

TF - Que tipo de integração, fala também um pouquinho disso.

FM – A integração era a seguinte:...

TF - De laboratório?

FM - ... Era de laboratório, porque quando a gente tinha planta, a gente tinha que classificar a planta; então havia integração botânica aí. Quando fazia a coleta química, coleta para estudo químico, obrigatoriamente estava feito uma coleta também de exicata para o grupo de Botânica. Isso tinha um retorno, quer dizer, a planta coletada para estudo químico tinha uma garantia de ter um documento, que era a exicata, para a sua identificação e ao mesmo tempo quando você tinha o estudo farmacológico, você tinha daquela mesma planta um desenvolvimento de estudo químico e uma identificação segura da parte botânica, isso é que formava a integração. Até então, essa integração apesar de ter sido extremamente útil, ela continuava falha num aspecto que era exatamente isso. E o objetivo final, onde é que vocês iriam chegar? Bem, se o objetivo fosse fazer publicação de trabalhos de Química e Farmacologia e relação de plantas identificadas, esse objetivo foi alcançado largamente. Se era conseguir informações que pudessem ser utilitárias, que pudessem beneficiar a comunidade de alguma maneira, então aí não houve isso. Porque, exatamente aquela história que eu comecei a contar aqui a vocês sobre as publicações em termos de Química e de Farmacologia de plantas. Geralmente a motivação é dada numa introdução ligada a um uso que é feito da planta, mas o resultado final é o estudo de uma molécula, estudo de uma atividade farmacológica que na maioria das vezes não tem nenhuma ligação com a motivação. Bem, mas eu continuei nesse “barco”, cheguei a fazer cerca de... sei lá, acho que 100 ou 200 comunicações de Congresso, dezenas de trabalhos publicados, orientação de várias teses que resultam também em trabalhos publicados; aí, chega a minha aposentadoria. Bem, quando

me aposentei me sentia ainda com muitas forças para continuar o trabalho, já era bolsista do CNPq e tive a minha bolsa renovada. Então não tenho porque ir para casa, vamos tocar pra frente. Mas me permitiu também, associando o que eu tinha conseguido apreender com o Projeto PPPM da CEME, com o Projeto Flora, com todo esse trabalho anterior de Botânica, Química e Farmacologia, inclusive, com essas captações de informações etno-botânicas pelo interior, isso me fez fazer uma pergunta. O que é que vou fazer com essa produção científica? Prateleira? Não pode retornar nada para ninguém. Aí imaginei o Projeto Farmácia Viva, baseado em todas essas informações úteis que eu tinha conseguido coletar, eu podia agora passar tudo isso num crivo e que deixasse passar aquilo que era utilitário para a comunidade. Daí a minha vinculação maior agora com o que era do Nordeste, porque não me adiantava saber, por exemplo, que *Pactus bacata* é uma planta do Norte da Europa, que produz uma substância chamada Pacsol que é capaz de curar câncer de mama e de ovário nas mulheres, que preciso... 6 árvores são suficientes para fazer uma cura. Eu não tenho *Pactus bacata*, então prefiro pegar as daqui. Aí criei o Projeto Farmácia Viva com essa idéia de conseguir a utilização de plantas que pudessem ser consideradas como validadas medicinalmente, só que a atividade atribuída pudesse, se não comprovada clinicamente, mas pelo menos fosse óbvia através dos trabalhos de Química e Farmacologia como foi o caso, por exemplo, da *Lippia sidoides* que eu encontrei lá no Mossoró, num programa de óleo essencial, não era outra coisa; peguei, cheira, “hum, puxa que cheiro forte! Essa planta está cheia de óleo essencial, vamos ver o que é!” Aí, fala com uma pessoa, com duas... É usada? Não, não serve isso aqui e tal. “Isso aí só serve para matar cavalo”. Como é? “Ah, porque o nome dela também é “Estrepa-cavalo”. Por que “Estrepa-cavalo”? “Ah, porque ela dá nessas pequenas matas aqui, essas mais grossinhas assim, da grossura de uma garrafa. Quando o boi é perseguido, ele entra nessa matinha e o vaqueiro vem com o cavalo atrás e essa planta quando ela quebra, quebra em forma de paliteiro, fica cheio de pontas e o cavalo que vem atrás se estrepa, bate e morre mesmo! Então por isso é ‘Estrepa-cavalo.’ Tomei nota de tudinho. “E para que é que usa?” “Não, ninguém usa, ninguém usa!” Acabei que de 10 pessoas encontrei, duas que diziam que usavam para aquele mal que você disse que não conhecia, o estalicito, não é? Que são crises repentinas e intensas de espirros, provavelmente para rinite alérgica em que eles preparam o chá da folha, aspiram pelo nariz e dizem que passa o tal do estalicito. Deve arder muito porque é alecrim, como eu chamei alecrim-pimenta, não é? Deve arder um bocado! Bem, pegar uma planta como essa e transformar numa coisa útil para a comunidade, então isso foi crescendo. Hoje eu tenho 52 plantas, embora algumas não sejam do Nordeste, mas que eu incluo porque elas são de fácil acesso até no supermercado e que a população pode usar. Por exemplo, tenho uma informação que é pouquíssimo aproveitada, mas que na época me pareceu extremamente útil. Nós estávamos quase que em plena crise de cólera, tinha começado lá por Belém e foi, desceu... chegou a alcançar o Brasil inteiro, maior ou menor intensidade em alguns lugares e nisso me cai nas mãos um trabalho realizado na China mostrando que o chá preto tem atividade bactericida contra o vibrião colérico e o que é melhor, tem atividade neutralizante da toxina do vibrião do cólera. Que a toxina é que é a responsável pela diarreia violenta, entendeu? Poxa, então está aqui o remédio para a cólera! Fácil! Pega na bodega o chá preto, faz um chá forte e bebe, não é? Esse trabalho, inclusive, a motivação que levou a descoberta disso é muito interessante. Os pesquisadores descobriram que em uma determinada ilha daquelas lá do arquipélago do Japão, aonde a cólera era endêmica, periodicamente havia um decréscimo enorme nos casos de cólera que eles examinaram e coincidia com o festival do chá preto. Então vamos estudar o chá preto e encontraram essas atividades que foram confirmadas em laboratório.

FD – Essa informação não circulou pelo Brasil?

FM – Está no meu livro, o pessoal não lê meu livro! (risos)

TF – Bem, recomeçando professor, nós percebemos que tínhamos algumas lacunas e queríamos que o senhor recomeçasse por elas...

FM – Ah, pois não!

TF – Quando o senhor esteve... estava recém formado... ué, recém formado? Uns 10 anos de formado, o senhor esteve no Rio de Janeiro, Jardim botânico, passou pelo IQA [Instituto de Química Agrícola] e nós gostaríamos que o senhor falasse um pouco desse momento.

FM – Ah sim, também é um momento importante da minha vida. Deixa eu lembrar bem... ... Foi... Que ano foi? A idéia aí é de?

TF – 58.

FD - 58 no Jardim Botânico, 62 no IQA.

FM – É, foi o tempo que eu estive em São Paulo, também estive no Jardim Botânico e no IQA...

TF – Com o Gottlieb.

FM – É, estive com o Gottlieb no IQA, com Walter Mors também no IQA.

TF – Em momentos diferentes.

FM – Momentos diferentes, é.

TF - Essa experiência no Jardim Botânico, ela foi... fala para a gente como é que foi.

FM - Ah, sim.

TF - O quê que o senhor foi fazer lá...

FM – Essa experiência fazia parte do meu treinamento para defesa de tese, porque a matéria que eu estava ensinando e queria fazer o concurso, que é farmacognosia, é uma matéria que envolve muitos aspectos do estudo das plantas como matérias-primas para produção de medicamentos, quer dizer, envolve o estudo botânico e envolve o estudo anatômico para a perfeita caracterização, mesmo da planta depois de seca e transformada em droga, envolve os aspectos químicos e muitas vezes os farmacológicos também. Então essa minha ida ao Jardim Botânico, ida realmente muito agradável a começar pelo ambiente do próprio Jardim Botânico e por causa também de uma influência muito positiva que eu tive logo antes desse período, que foi o contato com um dos maiores botânicos que eu já conheci e, talvez, seja um dos maiores botânicos que já passou pelo Brasil. dr. Adolfo Duque, que era um botânico que passou a vida toda, praticamente,

desde que ele chegou no Brasil com pouco... bem jovem, acho que com 17, 18 anos, aí ficou lá, ligado à floresta Amazônica até ficar velho. Quando ele estava velho, ele veio para o Ceará, foi quando eu o conheci pessoalmente, trabalhamos alguns anos juntos e ele se referia sempre muito ao Jardim Botânico como um lugar muito bom de trabalho. E eu fui para lá, principalmente, para desenvolver um trabalho de treinamento em anatomia vegetal, porque é exatamente um dos aspectos que permitia ligar o Jardim Botânico à disciplina de Farmacognosia, para fazer o estudo das drogas, estudo microscópico das estruturas anatômicas. Então, lá eu estive trabalhando, quem orientava todo esse trabalho era um professor muito... não sei se ele é professor ou pesquisador, muito ilustre, dr. Fernando Romano Milanez. Ainda me lembro do nome todo, era um verdadeiro *gentleman* e a pessoa que trabalhava mais no laboratório, porque o dr. Milanez era uma figura assim, de domínio mais geral lá na área dele, no trabalho de anatomia vegetal, e eu trabalhei mais diretamente com o Armando que, por sinal, era também Matos, embora não fosse nem parente meu nem nada, mas um excelente anatomista! Ele trabalhava com anatomia de madeira e o que ele pôde me fazer treinar em cima da anatomia de madeira, ele fez e, realmente, eu me tornei um excelente microscopista, apesar da falta de modéstia, me tornei um microscopista tão bom que eu passei. Quando eu voltei, passei a orientar todos os trabalhos de microscopia vegetal aqui na Universidade Federal do Ceará, todos eles sempre acabaram na minha mão para resolver os problemas que eles não conseguiam resolver. Então foi um período realmente muito bom lá de... desse trabalho com... Ainda tenho uma lembrança, quase que eu perco o dedo, não me esqueci mais nem do nome da... do micrótomo, micrótomo (inaudível). Esse micrótomo é um micrótomo gigante, a navalha dele, o dorso da navalha tem assim uns 2 ½ cm de diâmetro, o dorso! Aí afina assim e a gente tinha que aprender a amolar essa navalha. Interessante é que a técnica de amolar navalha tem um teste final para saber se... dois testes muito importantes: primeiro você vê se consegue cortar um fio de cabelo no sentido longitudinal; pegar um cabelinho e “fsiu...” partir em dois, se não partir em dois a navalha não está boa e o segundo teste é um teste feito no microscópio, você coloca, dentro da lupa no microscópio, aquelas lupas de botânico, coloca lá e vê se o fio da navalha está numa linha reta ou se continua aquela sinuosidade característica da coisa que não está bem amolada. Então, só depois disso é que... você tem, agora a navalha está boa de corte. E eu estava trabalhando nesse (inaudível), e nesse (inaudível) a navalha fica parada e o rolo com o material vegetal fica indo e voltando, aí você molhando constantemente com um pincel e água e esse dedo geralmente é um dedo que sobra, não é? E ele sobrou entre o tronco e a navalha e eu senti o micrótomo parar, ele é uma manivela manual. Quando eu ouvi a pancada, digo: “quebrei o micrótomo!” Não senti nada, que eu olhei, aí estava tudo sujo de sangue. Era exatamente, fez essa marquinha que eu tenho ainda aqui.

TF – Certo, certo.

FM – Mas nem precisou ponto, eu fiz um ponto falso, fechei, botei esparadrapo em cima, acabei ficando bom. De vez em quando me faz lembrar, quando chega assim um período frio, ele aí dói um pouquinho, aí me lembro do Jardim Botânico (risos). Mas foi um tempo muito bom e com o dr. Otto Gottlieb, foi a pessoa que me introduziu na técnica cromatográfica que naquele tempo no Brasil era novidade. Então comecei a trabalhar em cromatografia com ele, foi o homem que me impressionou logo, não o conhecia, quem me apresentou foi o Walter Mors. Quando comecei a conversar com ele, eu me lembro, a gente falando sobre a importância do estudo das plantas, sentado ali no IQA, aí olhou assim... que ficava perto do Jardim Botânico e olhou assim “está vendo essa vegetação toda aí? Cada planta dessa tem a sua composição química. Quantos

componentes estão aí que são de extrema importância que ninguém sabe e que, portanto, a gente precisa saber, até quando elas estarão aí esperando para a gente estudar?” Eu... “dr. Otto, o senhor tem razão, realmente tem que começar logo (risos) antes que isso se acabe”. E, realmente, nos demos muito bem, fizemos uma boa amizade, ele me tem numa conta muito boa a tal ponto que me convidou para participar da banca de exame de uma das alunas dele que fez teste de doutorado numa... na química de uma família das curcubitáceas. Então ele mandou me convidar... “Não, dr. Otto, já estou afastado dessas... dessas lides”. Hoje eu estou trabalhando com planta medicinal, mas... ele disse: “não, mas eu quero que você venha porque você foi a primeira pessoa que trabalhou comigo em curcubitacinas no Brasil. Então nós dois somos pioneiros no Brasil e essa tese é sobre curcubitacinas. Eu quero que você esteja aqui e, além disso, curcubitacina tem para você uma conotação de história da sua família, a planta que seu avô usava para fazer as pílulas tinha curcubitacina”. (risos) “Está bem, ótimo!” Fui e, realmente, fiz o exame da jovem, ela se defendeu muito bem, foi um belíssimo trabalho, o trabalho dela, trabalho muito bem feito como não podia deixar de ser. Acho que depois disso não estive mais com o dr. Otto, mas é uma pessoa por quem eu tenho respeito e uma admiração muito grande. Esse trabalho foi naquela época do IQA, depois disso, naturalmente, tive outros encontros com ele e o trabalho com o Walter [Mors], sempre que eu ia ao IQA ou posteriormente, quando eles dois saíram, porque o IQA acabou-se, os dois saíram e o Walter foi para o NPPN [Núcleo de Pesquisa em Produtos Naturais] que era CPPN [Centro de Pesquisa em Produtos Naturais] naquele tempo, hoje NPPN. Então eu sempre fiquei mais ligado ao Walter, porque o trabalho do Walter era mais próximo ao meu. O Otto já trabalhava numa linha bem mais avançada, o Walter trabalhava numa linha mais próxima do meu trabalho. Então, sempre que eu saía de Fortaleza, que tinha oportunidade de ir ao Rio, eu tirava sempre um tempo para ficar junto aos laboratórios do Walter, não só pela facilidade material que tinha lá, a facilidade da biblioteca, lá permitia um avanço maior nos estudos de plantas medicinais que eu desenvolvia.

TF – Como é que o senhor sentiu naquele instante... o fechamento, a mudança do IQA?

FM – Olha, não sei, já faz tempo, mas eu acho que não foi, vamos dizer, uma coisa útil o fechamento do IQA; embora na época em que ele foi fechado os próprios pesquisadores do IQA já não estavam aceitando a mudança de rumo que tinha sido dado ao IQA pelo Ministério da Agricultura. O IQA desenvolvia perfeitamente os trabalhos dele, sob controle de material agrícola, tinha uma equipe simplesmente excelente, mantinha uma revista de caráter técnico e científico também excelente e de repente toda a atividade de pesquisa foi considerada dispensável e o IQA foi direcionado exclusivamente para controle químico agrícola. Então, gente como o dr. Otto Gottlieb, como dr. Walter Mors, principalmente esses dois, embora tivessem outros que trabalhavam também nessa linha de pesquisa, não estavam mais se sentindo bem dentro do IQA e, talvez, por essa razão levou o IQA a uma condição de baixo rendimento de trabalho e acabou sendo fechado. Mas o grande mal não foi o fechamento, o grande mal foi o que antecedeu o fechamento, foi a mudança de rumo, você não permitir que os trabalhos de rotina fossem associados aos trabalhos de pesquisa, esse que foi o grande mal, o que chegou a acontecer inclusive nas universidades. As universidades começaram a ser questionadas por gastarem muito dinheiro e não estarem desenvolvendo trabalhos que pudessem ser rentáveis, acho que a grande mercadoria da universidade não é nenhum produto posto à venda, a grande mercadoria da universidade é o saber, é principalmente a geração do saber e a transmissão do saber. Então nisso aí... que dizer, começa a querer que a Universidade comece a criar produtos. Ela pode ter setores

que permitam isso, não há dúvida; onde você possa criar um elo entre o saber desenvolvido numa universidade ou acumulado dentro da universidade e a sua aplicação na comunidade. O meu Projeto Farmácia Viva, por exemplo, faz isso; é hoje, eu considero, eu pessoalmente considero, talvez esteja puxado um pouco de “brasa para a minha sardinha”, mas eu considero que o Projeto Farmácia Viva é um dos principais elos entre a universidade e a comunidade, através do saber acumulado, que é traduzido de modo a ser absorvido pelo povo e repassado para esse povo. Existe outras formas de se fazer isso, aqui mesmo na Universidade tem uma outra experiência muito interessante que eu, pessoalmente não participo dela, embora a admire muito, que é feito bem próximo aqui em um órgão chamado PADETEC, é um parque de desenvolvimento tecnológico da universidade. É uma coisa que se vocês puderem visitar será interessante ver o que acontece lá, eles têm o que se chama de incubadora de empresas. Então é um local onde o saber acumulado na universidade também é adaptado a um processo de repassagem para o empresário que vai servir a população, tem várias empresas incubadas aí. Quando você tem esses.... vamos dizer, são os apêndices, que eu acho os apêndices da universidade e vão fazer a ponte entre a ciência e o povo. Mas dizer que... não, agora vamos fazer só isso, a universidade fecha!

FD – Aí o senhor está chegando de novo naquela questão que a gente estava falando lá do projeto integrado do FINEP, da pesquisa pura e da pesquisa aplicada que aqui no Brasil é uma briga eterna, nacional e eterna.

FM - É, uma briga eterna.

FD – Como é que isso se organizou ou se desenvolveu ao longo do tempo da sua carreira?

FM – Realmente, isso é uma preocupação, que eu acho que praticamente todos os professores de universidade que se dedicam a pesquisa, saber o quanto será direcionado na sua cabeça para a realização de um trabalho de busca científica e quanto esse trabalho de busca científica pode ser direcionado para a aplicação direta, quer dizer, a diferença entre a ciência pura e a ciência aplicada. Bem, a primeira coisa que eu acho é a seguinte, o pesquisador é um tipo especial de gente, é uma pessoa que não tem um comportamento muito preso a rotina, geralmente é uma pessoa que está sempre em busca de coisas novas e isso é que faz com ele seja realmente pesquisador e que busque essas coisas. Que essas coisas cheguem a ser úteis ou não, na maioria dos pesquisadores isso não importa, eu não sei se isso seria uma deformação na própria formação do pesquisador e de modo geral o pesquisador brasileiro, ele é um pesquisador “*self made*”. Eu me lembro que quando eu comecei a pesquisar, eu pesquisava pela beleza que eu encontrava na pesquisa, não importava que resultado pudesse chegar e isso é a grande maioria, as pessoas também fazem assim e a grande maioria dos meus colegas que começaram a trabalhar, trabalharam assim. Depois, tomando conhecimento de como é que se desenvolve um trabalho semelhante no exterior, por exemplo, um professor é ligado a uma indústria que tem interesse na solução de um dado problema dentro da nossa área, produtos naturais, de uma determinada planta, por exemplo. Então ele planeja o estudo daquela planta de modo a que possa chegar a atender àquela indústria, mas ele não desenvolve aquela pesquisa de uma forma integrada, ele simplesmente fragmenta e cada fragmento passa a ser pesquisa pura, constituição dos componentes alcalóidicos contidos nas folhas, a outra constituição dos óleos essenciais tirados da raiz e “pererê...” e cada aluno dele vai fazer uma tese de doutorado em cima daqueles fragmentos e fazem ciência pura. Mas ele na hora que junta todos os fragmentos, ele faz ciência

aplicada e ele é quem ganha o dinheiro da indústria, não é? E quanto aqueles que fizeram os fragmentos terminam o seu doutorado, se são de lá ficam lá mesmo, mas muitos voltam para seus países e quando chegam aqui eles não vêm o todo, só vêm a parte e continua esse mesmo processo, trabalhando a pesquisa pela pesquisa. Eu não acho que isso seja um mal extremamente grande porque, na realidade, quando um indivíduo chega a um doutorado, a desenvolver uma pesquisa, o que importa muito não é aquele produto do trabalho que ele desenvolveu, o que mais importa para mim é o que ele conseguiu desenvolver em termos de pensamento na cabeça, quer dizer, a forma de pensar de um doutor é uma forma de pensar diferente do homem comum, ele é realmente investigador, ele tem uma visão muito mais ampla, então ele poderá ser perfeitamente adaptado a qualquer pesquisa aplicada, embora o prazer dele possa até estar na pesquisa pura.

FD – Mas não é esse tipo de problema que gerou é...

FM – O Projeto integrado?

FD – É... a não existência de resultados sociais no Projeto integrado?

FM – Eu acho que não é bem, bem exatamente esse, mas é nesse mesmo rumo. Pelo que eu posso deduzir hoje, já me sentindo... olhando aquele problema já de fora daquele universo, quando eu estava dentro do universo, é claro que eu não via o problema, mas depois que eu saio, eu estou olhando e estou vendo. Quando a gente conseguiu fazer um projeto integrado, eu não sei se motivado por aquilo que você falou, hoje em dia se você não fizer um interdisciplinar você não tem auxílio. Bem, quem sabe naquele tempo já se pensava assim e por isso também a gente pensou em fazer isso. Mas, na realidade, o que estava se pensando também, talvez eu tenha influenciado consideravelmente nessa integração porque a minha formação de farmacognosia me levava a fazer uma integração Química- Botânica- Farmacologia.

TF – Não seria específica deste campo, quer dizer, me parece que estudar planta medicinal sem você ter botânico ou quem estudar sem botânico fica um problema meio...

FM – Fica, é claro. Não precisa nem ser medicinal, por exemplo, estudar produtos naturais, de modo geral. Então nessa área aí, a gente começou a sentir a necessidade dessa integração. Como fazer o estudo de uma planta, se você não sabe qual é a identificação botânica dessa planta, não é? Como fazer o estudo farmacológico se você não sabe que composição tem essa planta. Como estudar aquela... procurar atender aquela orientação inicial do trabalho que aquela planta era usada para não sei o quê. Você vai fazer o estudo químico, se você não tem a farmacologia para checar. Então houve necessidade disso, agora, talvez tivesse faltado amadurecimento suficiente no grupo para chegar até aquilo que o grupo, depois reunido em torno da CEME, conseguiu fazer. Que para mim foi o redirecionamento das pesquisas de produtos naturais, só que ela é uma pesquisa realizada em etapas: uma primeira etapa etnobotânica, uma segunda etapa farmacológica e não química, uma terceira etapa que pode ser, inclusive, até clínica e uma quarta etapa que seria a química. Mas o que é que acontece? É o contrário, você começa pela química. Os grupos mais fortes que receberam mais dinheiro nesse país...

TF – Qual foi o grupo?

FM – Foi o grupo de química de produtos naturais, muita coisa e, realmente, é uma área que gasta muito. Se vocês forem visitar ali o PADETEC e olharem a central analítica, o instrumental que está li dentro é dinheiro que a gente... Bem, eu nunca ganhei aquele dinheiro durante toda a minha vida.

FD – E a produção dele justifica esse investimento de financiamento desses grupos?

FM – Depende de como você imagina que isso possa ser justificado. Por exemplo, em termos de conhecimento da composição química da flora aromática do Nordeste, se isso vale realmente alguma coisa, justificou; porque nós conseguimos identificar os componentes de praticamente umas trezentas espécies de plantas, foram 300 óleos essenciais que foram estudados e a.... em termos de formação de pessoal também, que você tem aí inúmeras teses que foram desenvolvidas. A gente fica sempre pensando assim, desenvolveu uma tese e essa tese foi aplicada em quê depois? Não foi aplicada em nada. Mas, aí a gente retorna para aquele problema que eu digo que, agora o elo de ligação está exatamente nisso, naquele tipo de formação que o indivíduo é induzido a ter e que depois, quando ele se isola do sistema, porque o grande chefe que estava lá, que fazia o controle da aplicação não veio com ele, nem repassou esse conhecimento. Então isso tem que ser desenvolvido, tem que ser amadurecido aqui entre nós mesmos, não é? Eu acho que se o projeto PPPM tivesse tido bastante recursos, tivesse tido estímulo em formação pessoal e impulsionado toda pesquisa nesse mesmo rumo etnobotânica, farmacologia, comprovação de atividade e agora vamos saber por que da atividade através da Química e da Farmacologia. Aí nós estaremos em nível internacional e aí nós teríamos as aplicações, mas isso não tem sido possível, tudo isso é muito caro. Eu mostrei ali aquela volta daquele ciclo exagonal, são de 5 milhões a 200 milhões de dólares cada volta para um produto novo e esse produto geralmente tem existência curta por causa da concorrência entre as próprias companhias que ficam sempre querendo um produto melhor do que o que já foi lançado na praça e às vezes consegue.

TF – E a CEME tem financiado muito esses projetos através, exatamente, dessa volta que o senhor está dizendo?

FM – Tem, tem, a intenção foi exatamente essa. Apesar desses momentos de crise e de desenvolvimento que o programa PPPM teve, a última vez que a dra. Cyrene esteve aqui em Fortaleza, ela fez um pronunciamento sobre isso. Quer dizer, começou o quê? Foram 70 plantas que foram estudadas, dessas 70 plantas, cerca de, vamos dizer, 30 tiveram comprovadas as suas atividades. Logo aí você já tem uma primeira bifurcação, na hora que você comprovou a atividade de baixa toxicidade, você não precisa tirar o princípio ativo, você já pode usar; muitas delas eu uso aqui na Universidade do Nordeste, em seguida os trabalhos prosseguiram e ela já conseguiu através da Universidade de Campinas, acho que é aquele CQPPA [CPQBA: Centro de Pesquisas Pluridisciplinares de Química, Biologia e Agricultura] que tem lá em Campinas. Você conhece? Um grande grupo.

TF – Com essa sigla não, acho que é (inaudível)

FM – Eu sei que é CQPPA, vamos dizer assim, uma sigla desse jeito. Eles estão fazendo um trabalho para a CEME, para isolar o princípio ativo que já foram isolados e lançar o produto fitoterápico com esses princípios ativos com a patente nova, brasileira e um produto de geração brasileira. Eu não me lembro muito bem quais são essas plantas, mas se não me engano, uma delas é o próprio Guaco³ que é usado na forma de extrato e agora vai poder ser usado também na forma de princípio ativo. O outro, se não me engano, é o próprio “quebra-pedra” que tem ações fabulosas, todas elas descobertas e estudadas mais profundamente pelo doutor Calixto, lá de Santa Catarina e, se não me engano, é uma das que também vai ser transformada em medicamento já a partir de princípio ativo. Então você tem, realmente, uma comprovação de que essa linha pode chegar a um produto realmente. Agora volto um pouquinho toda essa história, quanto é que esse produto vai chegar na praça? Em termos de custo, quanto? Eu não sei se esses 85% da população brasileira que não tem recursos para ter acesso a medicamentos, vai ter acesso a esse medicamento. Então, nesse caso, a gente estaria trabalhando só para uma elite?

FD – E aí eu lhe coloco uma questão, quer dizer então que o país não tem política pública para planta medicinal.

FM – Não, nunca teve.

FD – Por quê?

FM – Esse por quê... Você sabe que essa sua pergunta é que queimou o computador, o maior computador que tinha no mundo (risos). Realmente não é fácil responder o porquê das coisas. Olhe, até os idos dos anos 50....

Fita 2 – Lado B

FM – ...o que ainda resta em plantas medicinais, passado, presente e futuro. Então, até os idos dos anos 50, nós tínhamos uma série de plantas na farmacopéia brasileira, tinha uma série de estudos químicos desenvolvidos sobre plantas e tinha uma série de estudos farmacológico também, embora toda a nossa ciência de produtos naturais fosse extremamente incipiente ainda naquela época. Então as plantas que entravam na farmacopéia entravam através de uma seleção empírica, a gente não sabia direito como é que aquilo funcionava, o povo usava, então bota na farmacopéia e usa. Bem, logo em seguida veio a revolução industrial na indústria farmacêutica, foram desenvolvidos numerosos produtos novos, principalmente de síntese, a maior parte dos produtos naturais foram deixados de fora, embora alguns, mesmo antigos, ainda perdurassem como a digitoxina da folha digital⁴ que ainda hoje é usada, a ergonovina tirada de um tungo que

³ GUACO: Mikania Cordifolia, Willdenow, família das Compostas. DICIONÁRIO DE PLANTAS ÚTEIS DO BRASIL. Civilização Brasileira, RJ,1982.

⁴ DIGITAL: Família das sscrofulariáceas (*Digitalis purpurea*). DICIONÁRIO AURÉLIO.

dá no centeio que ainda hoje também não é sintetizada, é usado tal como está na natureza, mas a grande maioria passou a ser produtos de sínteses, ou mesmo como a quinina, produto... a quinina não, nem adianta falar porque a quinina realmente começou como quinina, mas rapidamente transformou-se em cloroquina, metacina, etc., os derivados sintéticos. E isso foi produzido em uma escala enorme para atender ao mercado mundial e fez com que essa influência chegasse, por exemplo, a todos os cursos da área de saúde. Então, os médicos não precisavam mais estudar plantas porque os medicamentos não eram mais de plantas, estava lá enfrascado. O farmacêutico não precisava fazer nada, nem manipular, bastava pegar o frasco que já estava bem rotulado lá na prateleira. Com isso a área de ensino que existia no Brasil, que podia desenvolver o ensino de produtos naturais e plantas medicinais fechou-se, fechou-se como um caramujo e se você chega aos currículos de Medicina, de Farmácia, de Enfermagem, etc., você pode examinar, no currículo não existe nada, nada de planta medicinal, nada. Quando aparece alguma planta, se for planta brasileira é uma planta brasileira que foi estudada no exterior e voltou como um princípio ativo, se não, é planta estrangeira.

FD – Isso após os anos 50, até os anos 50 tinha.

FM – É, até os anos 50 tinha, tinha, tinha no currículo sim. Tem um grande livro feito lá em São Paulo pelo prof. Reiner, “O Que Vende os Hervanários de São Paulo”. Estava lá, era uma preocupação o estudo das pessoas, dos cientistas da época. Mas, de repente, com esse impacto enorme da indústria, acabou afogando tudo, inclusive, afogando os próprios cursos e tirando dos cursos todos interesses sobre plantas. Mas, aí vem uma contra partida, a população não tinha acesso completo a esses novos medicamentos, então continuou em busca daquilo que ela estava acostumada, em busca de seus chás que deixavam de ter corrigido o seu emprego porque não tinha quem corrigisse e eles passaram a desenvolver e a criar uma profissão. Não me esqueço mais das palavras da dra. (inaudível) Campos, lá de São Paulo, quando ela dizia que: “uma profissão existe quando uma comunidade exige aquele serviço, se a comunidade não exige o serviço não adianta você criar a profissão que ela não funciona, não vai a frente”. Então essa profissão de conhecer plantas existe, o povo quer, busca e é 85% da população, quer dizer, a sua grande maioria. Resultado, se você chega no curso de Farmácia com uma planta que você pegou lá no mercado e pergunta ao professor de Farmacognosia ou qualquer professor de Farmácia ou qualquer médico, não sabe absolutamente nada. Aí você chega na banca do “raizeiro”, ele diz: “ah, isso aí é a casca de jatobá”. Quer dizer, onde é que está o cientista de farmacognosia? Está lá no meio deles com todas as deformações naturais por falta de um currículo! Aprendeu na vida. Se você chega ao médico e diz: “olha, me deram essa mistura aqui, essa garrafada feita com babosa, para que é que eu devo... dizendo que servia para isso... doutor, serve? Rapaz, derrama isso aí, você é louco? Vai beber esse negócio? Aí chega lá no “doutor raiz”, o “doutor raiz” dá uma aula sobre aquela babosa. Quer dizer, onde é que está o fitoterapeuta?

FD – Na população.

FM – Na população. Então, o quê que a gente pode fazer para recuperar? E ainda criou-se um dilema, você tem uma ciência que deixou escapar esse tipo de conhecimento, em termos, vamos dizer, de conhecimento de nível superior, mas você tem essa mesma ciência rebaixada ao nível popular e que por isso tem os seus erros e os seus defeitos. Mas o quê que a gente pode fazer agora para corrigir isso? Teve um homem no mundo que resolveu o problema, até às vezes eu

me encabulo de citar o nome dele porque diz: “esse cara, ele não é vermelho só na cor não, sabe!” É Mao Tse Tung quando criou o programa dos chamados “médicos dos pés descalços”, que simplesmente ele pegava essas pessoas que estão no meio do povo e que se dedicaram a esse tipo de coisa e disse: “tragam essa gente para a universidade, para os hospitais, faz uma reciclagem sobre conhecimento, dá-lhe um treinamento, dá-lhe uma condição de continuar na liderança da sua gente e devolve lá para o meio do povo dele de modo a que ele possa continuar servindo, mas agora de uma forma corrigida, de uma forma correta já”. Então isso não existe em nenhum programa no Brasil, tem algo assim relativamente parecido e muito recente que é o chamado “Programa Saúde da Família”.

FD – O médico de família.

FM – É, o médico... é o programa chamado “Saúde da Família” que vem os médicos que são obrigados a ir para o interior e tratar das comunidades no interior, quer dizer, (inaudível) o dobro, mas tem que ficar lá. Agora, eu digo, esse programa está bom, mas está faltando uma perna nele, está andando só com uma perna, está “capenga” porque ele vai receitar o quê?

FD – Falta o outro lado.

FM – Falta o outro lado! Então, o que é que completa o Programa Saúde da Família? É o Projeto Farmácia Viva, sem dúvida! E já existem algumas experiências nesse sentido. Eu tenho um Município aqui perto, o Município de Itaitinga onde o grupo de médicos que foi para lá, teve uma abertura muito grande porque já estava instalado o programa Farmácia Viva. Então eles passaram a se integrar, eles estão receitando remédio produzido na Secretaria de Saúde com as plantas cultivadas no horto da própria Secretaria e com um êxito enorme, fabuloso, está dando tudo certo. Agora, o que precisava, naturalmente, era normatizar todo esse tipo de ação e estender, estender por todo o país.

FD – E quem ensina esses médicos de família desse programa Saúde na Família a usar essas plantas, a cultivar essas plantas...

FM - Olha...

FD - Porque essa é uma tradição perdida como o senhor falou.

FM – É uma tradição perdida, mas no caso do projeto Farmácia Viva a gente tem uma saída. Há alguns anos eu fiz a edição de um livro, porque teve um secretário de saúde, o médico dr. Carlini (inaudível), que resolveu começar um programa de fitoterapia no Estado todinho. Tivemos várias reuniões, depois de várias reuniões com médicos e farmacêuticos, aí descobriu o seguinte: está tudo muito bem, mas só tem uma pessoa aqui que entende desse negócio e ele não pode estar em todo canto. “Matos, você faz um livro colocando todas essas suas informações para que fique à disposição de todos os médicos da Secretaria de Saúde”. “Eu faço”. E fiz. “Guia de Seleção e Emprego de Plantas Medicinais do Nordeste”. Ele fez o livro, espalhou todinho, a edição esgotou-se, foi uma edição pequena. Em seguida, quando eu comecei o meu projeto, eu fiz um outro mais simples, que esse eu tinha feito em uma linguagem, vamos dizer, de médico para superior, depois eu fiz em uma linguagem de médico para inferior, que é o livro chamado

“Farmácias Vivas” onde vem a descrição da planta, forma de usar etc., tudinho. Então esse livro está virando Bíblia para que os próprios médicos possam receitar essas plantas medicinais, especialmente se ele estiver ligado ao projeto Farmácia Viva da Secretaria de Saúde, que só vai trabalhar com essas plantas. Agora, à medida que ele desenvolve o seu trabalho, ele pode abranger outras plantas. Tem o dr. Selerino Arricone, por exemplo, ele tem uma metodologia de trabalho um pouco diferente da minha, talvez se eu fosse médico tivesse fazendo o que ele faz, mas não sou; ele pode fazer acompanhamento clínico. Então, se ele chega em uma comunidade e aquela comunidade diz: “olha, aqui todo mundo só trata de tosse com Jatobá”. Ele: “Que bom!” Aí toma nota dos pacientes todinhos e faz um acompanhamento dos meninos que estão com bronquite, etc., consulta, ausculta... “Puxa, o Jatobá funcionou!” Então ele, a experiência clínica que ele faz não é uma experiência, vamos dizer, executada por ele, mas sim observada. Mas, quando ele chega em 40 casos favoráveis de que a atividade atribuída realmente está comprovada naqueles 40 casos, ele passa a registrar aquilo e propagar para outra comunidade, para outros grupos e para outras pessoas. Então, através disso... é um outro esquema paralelo ao que eu propus de início, mas funciona maravilhosamente bem.

FD – E qual o valor que a ciência convencional, que o cientista tradicional, convencional, dá a esse tipo de experiência do dr. Carlini, por exemplo.

FM – Dr. Selerino.

FD – Selerino, é. Desculpa! Que é um conhecimento empírico, não é? Ele faz um acompanhamento clínico empírico daquele uso daquela planta, não é?

FM – Exato.

FD – Qual o valor que um médico recém saído da Faculdade de Medicina dá a isso?

FM – Não sei, depende da sua própria formação, depende da visão que ele tem de como resolver esse tipo de problema. Mas para mim é algo assim como se você chegasse em uma região de mineração que você não sabe onde estão os veios, os lugares certos dos garimpos, mas tem um meninozinho que diz: “olha, tem umas pedrinhas parecidas com essa que você anda atrás bem acolá, numa vereda dacolá...” e você vai lá e encontra realmente o caminho certo. Então, quando você faz a descoberta ou a comprovação de que a atividade atribuída de uma planta existe mesmo, você descobriu um veio de uma mina porque dali a pessoa já pode usar sem susto. O químico já com certeza não vai mais fazer loteria como normalmente faz. Se você perguntar aos químicos: “por que é que você estudou essa planta?” Ele diz: “ora, porque estava aqui perto de mim, porque alguém mandou, foi um extrato que chegou da Amazônia...” Então é loteria. O farmacologista também não vai mais fazer loteria, ele já sabe que aquilo está certo. Então essa descoberta é de um valor enorme, não só para a comunidade, para o povo que está usando, como para toda a comunidade científica da área, porque é preciso, realmente, abrir os olhos e sentir que ali está o caminho que ele pode encontrar uma boa solução para muitos problemas.

FD – O senhor acha que a maioria da comunidade científica acredita nisso? Ou ela rechaça esse tipo de experiência pelo empiricismo?

FM – Olha, quando você fala assim, realmente, a gente fica pensando que existe muito preconceito em cima disso e, realmente, há, há muito preconceito; embora esse preconceito às vezes seja muito preconceito de ordem social. Ainda ontem eu estava conversando com minha filha, falando a respeito de um médico que é amigo dela que estava tomando uns chás para isso, para aquilo, para aquilo outro e ela perguntou: “ah, você gosta de fitoterapia?” Ele disse: “Para receitar não! Mas eu não deixo de usar”. Quer dizer, ele não receita por problema social apenas, porque se ele usa e sente o efeito, ele sabe que funciona. Mas é como alguns médicos às vezes me respondem: “Oh Matos, você acha que eu vou chegar no consultório, a pessoa veio e pagou a consulta e eu digo: “olha, você pega um “pé de quebra-pedra”, cozinha com um copo d’água...” Ela diz: “dr., se eu quisesse um raizeiro eu tinha ido lá para o mercado”. Não é? Agora, a coisa pode ser contornada, não precisa fazer como ele disse, ele simplesmente podia dizer: “olha, você vai tomar umas cápsulas de philantos (*inaudível*)”. O sujeito não está sabendo que é o “quebra-pedra” (risos) e a cápsula, o farmacêutico fez ali na esquina que você receitou. Então você pode realmente usar na hora, daí a validade do projeto Farmácia Viva, é você conseguir separar daquele universo enorme que eu encontrei no Nordeste de 700 espécies diferentes, você conseguir separar 70 espécies que você diz: a atividade atribuída existe, então você pode utilizar. Agora, a forma de utilizar vai depender da habilidade de cada um e pode chegar até a indústria como a CEME está chegando agora na industrialização de 3 das plantas do PPPM.

TF – Professor, o senhor está acompanhando essa discussão fora do Brasil, como é que é essa incorporação... essa possível incorporação de fitoterapia à Medicina?

FM – Não, não tenho, realmente não tenho acompanhado. Mas eu tenho percebido, principalmente nos seminários de Plantas Medicinais, nessas reuniões, etc., que há um interesse crescente da indústria, mas para mim o interesse é meramente comercial, quer dizer, foi um novo mercado que se abriu, então vamos utilizar. Amanhã, provavelmente, eu estarei aqui recebendo uma visita de alguém assim, que vem armado de uma médica e o que eu sei é que o interesse dele é meramente comercial, ele quer pescar as informações que estão aqui para negociar. Mas...agora...

FD – E como é que o senhor lida com uma pessoa dessa?

FM – Tem que ter um certo “jogo de cintura”, não é? Oculto grande parte das informações, mostro o lado mais negro do problema e às vezes me aborreço.

FD – Explica isso melhor, o senhor oculta quês informações? Qual é o lado negro do problema que o senhor mostra, como é isso?

FM – Por exemplo, é o lado negro. “Olha meu amigo, se você for querer cultivar... vamos dizer, Guaco, Guaco não é bom exemplo, porque Guaco já está no comércio, mas se quiser cultivar aroeira para produzir medicamentos, você vai criar um problema junto a vigilância sanitária, porque você vai ter que fazer o registro da aroeira como matéria-prima medicamentosa, para fazer esse registro você tem que fazer primeiro um ensaio de toxicidade na aroeira. Um ensaio de toxicidade sai por 50.000 reais, depois você tem que fazer um ensaio sobre a atividade farmacológica, a atividade terapêutica, como a aroeira tem atividade anti-estamínica, ou seja, anti-alérgica, tem atividade cicatrizante e tem uma atividade anti-inflamatória, você tem que

fazer 3 ensaios farmacológicos, cada ensaio desse vai sair por 70.000 reais. Depois disso você consegue registrar o seu produto e eu vou lhe dar os parabéns porque vai lançar um novo produto na praça.”

TF - Com 260 mil... (risos)

FM - “Agora, o investimento inicial é esse. Fora disso você pode fazer outra coisa, você pode montar o seu laboratório, não diz nada a ninguém, faz, lança o seu produtozinho e aguarde que a vigilância chegue lá e lhe prenda.”

FD – (risos) E o quê que o senhor oculta dele?

FM – Eu oculto que a coisa não é tão difícil assim. O que você pode... como você pode usar um chá para você beber e ninguém vai te proibir, não é? Então se você tiver uma pequena comunidade e recomendar o uso daquele chá também não tem problema nenhum, não é?

TF – O que pode é não ser industrializado, não é?

FM – É, exato!

FD – E por que que o senhor recebe uma pessoa dessa para... por que... o senhor podia não atender.

FM – Pois é. Primeiro eu tinha que botar um vigilante na entrada, quer dizer, mando... faço um questionariozinho sabendo o que é que ele quer, não é? Eu estou pensando isso porque ele já visitou aquela minha ex-aluna do doutorado da Aroeira e ela foi obrigada a dizer umas verdades a ele e aí ela me disse: “Olha dr. Matos, eu já disse umas coisas a ele, ele não disse a que veio, o quê que ele é, o que é que ele quer, diz só que quer lhe conhecer. Eu disse a ele que não ia repassar para ele as informações que adquiri do senhor depois de 30, 40, 50 anos de estudo e dar isso de mão beijada para ele, sem saber o quê que ele queria fazer com isso e no fim ele ficou até espantado quando eu disse: ‘afinal de contas, a quê que o senhor veio aqui, para quê?’ Ele deu meia volta e foi embora!”

FD – Quer dizer, disse a que veio.

FM – Disse a que veio.

FD – dr. Matos, deixa eu insistir nessa coisa, vamos encaminhar mais na coisa de Farmácia Viva porque a gente já está dentro disso, depois a gente volta para a sua trajetória mais institucional, que eu acho que é uma lacuna que ficou quando o senhor contou a sua história de vida.

FM – Pode ter sido.

FD – Eu queria que o senhor falasse mais da Farmácia Viva. O senhor idealizou um projeto, quer dizer, o senhor teve uma carreira de pesquisa em que o senhor saiu da área de Farmácia mais específica por várias questões, foi para a Química, não é? Trabalhando muito com pesquisa pura

e depois que o senhor se aposentou o senhor ficou pensando em como aplicar todo esse conhecimento.

FM – Exato.

FD – E idealizou o Farmácia Viva. Como é que se sente uma pessoa nessa situação e o que... como é que o senhor consegue organizar esse lado social do projeto? Como é que o senhor consegue organizar essa atuação junto às comunidades, como é que o senhor consegue entrar?

FM – Olha, eu acho que se tornou muito simples. Depois que... quer dizer, eu montei o Projeto Farmácia Viva, que ele realmente começou a funcionar, ainda em muito pequena escala, uma das primeiras experiências, por exemplo, foi feita aqui próximo numa favela aqui que tinha uma orientação social da universidade. Então o grupo de assistência social, sabendo que aqui tinha planta medicinal, trouxe as mães. Elas vieram aqui, eu estive conversando com uma, mostrando uma coisa ou outra, ao mesmo tempo percebendo quais eram os maiores problemas de saúde que elas tinham; um problema ginecológico, por exemplo, então lá se vai estudar o (inaudível) do alecrim, problema de (inaudível) o uso do alecrim-pimenta [*Lippia sidoides*], problema de tosse que é terrível, então lá se vai o Guaco e depois de repassar esse tipo de... de perceber, de trocar esse tipo de informação, acabei, vamos dizer, instruindo que elas levassem algumas mudas, fosse para lá, instalassem as coisas, surgiram alguns probleminhas porque elas ficaram umas enciumadas umas com as outras. “Essa planta é minha! Não, essa é minha! Não sei o quê...”. Mas no todo, a coisa funcionou. Um dos problemas que tinha me chamado muita a atenção era que as crianças tinham uma frequência de visita as clínicas de emergência para fazer...

FD – Inalação?

FM – Não é inalação o termo...

TF – Vaporização.

FM – Não, não.

FD - Esqueci o nome, o Arthur usa isso também...

FM – Aerosol, faziam aerosol, aerosol geralmente de antibiótico, é um verdadeiro assassinato. O aerosol... retificando, o aerosol antibiótico é, realmente útil, nos casos que ele é bem indicado, mas não como uma medida geral, não deve ser usado. E com o xarope que foi ensinado a ser feito com essas plantinhas, a incidência de visita para aerosol caiu 95%. Bem, depois disso eu recebo a visita das próprias... das mesmas mães, uma trazia uma cesta de ovos, outra trazia um frango, outra trazia um bolo de milho: “dr., está aqui, um bem que o senhor fez para os nossos meninos, nós não temos dinheiro mas o senhor leva isso para comer em casa”. Olha, eu quase que choro, viu?

FD – Ih! Com certeza.

FM – Quase que choro! Meu Deus! Então, realmente, você tem facilidade de, através dessa via

você chegar a comunidade; porque você está trabalhando, está falando a mesma língua deles nessa hora, só que com uma vantagem, você está levando para eles uma experiência que eles não tem.

FD – Um conhecimento.

FM – Um conhecimento que eles não têm. Então... eu acho que não há problema, embora a maior parte do meu trabalho não se dê exatamente na linha de comunidades desse tipo e só aqui, ali, que isso acontece. A minha linha de trabalho tem sido alcançar essa mesma gente, mas de uma forma indireta, através das Secretarias de Saúde, como eu mostrei aqui nesse exemplo. Então, também é uma outra linha completamente aberta, às vezes um pouco fechada pelos próprios médicos. Eu tenho tido exemplos, por exemplo, eu tive um exemplo em Itanguá, uma cidade que fica aqui em cima da serra, uma cidade grande, excelente clima, parecido assim como o clima do Rio de Janeiro, temperatura entre 15 e 25 graus, uma beleza! Natureza belíssima, fica a 700 metros de altitude separando o Ceará do Piauí. Então chegou lá uma secretária de saúde, gostaria de me lembrar bem o nome dela porque foi realmente uma criatura espetacular, e ela veio aqui, visitou, já tinha ouvido falar no programa e montamos uma Farmácia Viva. Resultados, excelentes! Chega na época de eleição, o candidato dela perde, o da oposição ganha; ela foi transferida. O médico que assumiu... ela era enfermeira com pós-graduação na Alemanha e, talvez por isso mais naturista e o médico quando eu visitei, ele disse: “não, não senhor, eu não acredito em planta medicinal” e simplesmente encerrou o programa. Então, quer dizer, existe esse bloqueio ainda, para mim, conseqüente daquele meio século entre a época em que eles estudavam planta medicinal e o meio século que eles passaram estudando bula. Pronto, então a gente encontra isso. Mas existe algumas vias de acesso interessantes, a facilidade com que você consegue discutir fitoterapia com o médico que é homeopata apesar de homeopatia não ter nada com fitoterapia, mas de qualquer maneira ele faz uma certa associação porque eles trabalham com muitos extratos vegetais, embora nas chamadas doses homeopáticas e na fitoterapia você usa doses alopáticas, mas a coisa ficou sendo um problema apenas de dose, você encontra um número de médico homeopata que já trabalha também em fitoterapia é cada vez maior.

TF – Como é que a universidade incorpora esse seu trabalho, alguma... afinal de contas tem uma distribuição de verbas, não é? Como é que os outros departamentos, as outras áreas da universidade vêm o seu trabalho? Vou fazer mais uma pergunta, o senhor me responde junto, eu queria que o senhor falasse sobre a criação do LPN, sobre a criação do Laboratório de Produtos Naturais.

FM – Certo. Foi realmente um grande sonho, um sonho fantástico que eu sonhei junto. Na época que antecedeu a criação, nós tínhamos conseguido um grau de integração em pesquisa de Botânica, Química e Farmacologia em um grupo muito bom, um grupo grande de químicos, farmacologistas e botânicos, excelente grupo. Nós estávamos com o máximo de produtividade, quando o próprio CNPq e a Universidade Federal do Ceará fizeram uma carta de intenções. Considerando que o projeto era um projeto, inclusive, de importância estratégica para o país e o grupo era o que poderia ser considerado uma das ilhas de competência no Brasil. Então o ideal seria que esse grupo fosse mantido e, não só mantido, que fosse estimulado a crescer e para isso, nessa carta de intenções o CNPq assumiu o compromisso de adotar o grupo na forma de laboratório associado, em compensação, a Universidade também se comprometia a dar todo o

esforço para que esse laboratório crescesse, tivesse realmente suas instalações adequadas a esse desenvolvimento. A idéia era a criação de três divisões: uma divisão de Botânica que incluiria, inclusive o herbário da Universidade e, naturalmente, outras dependências necessárias; incluiria toda a atividade de Química de Produtos Naturais e de Farmacologia de Produtos Naturais. Bem, várias coisas não permitiram que essas idéias se concretizassem. Uma das coisas foi o grau de corporativismo muito grande na Universidade, o pessoal da Botânica disse: “o herbário daqui não sai!” O petróleo é nosso! Mais ou menos a mesma idéia. “Não pode sair o herbário!”. Embora eles... talvez o departamento de Biologia como um todo, considerasse o herbário seu, um local não de muitos estudos, um local que só cheirava a naftalina, mas na hora não dava. A Farmacologia disse: “ah não... o laboratório de Farmacologia, embora a pesquisa no setor de Medicina fosse incipiente, o lugar onde mais se desenvolvia pesquisa era exatamente na Farmacologia de Produtos Naturais! Então também a Farmacologia “não, aqui ninguém sai!” E assim teve esse lado negativo. Em seguida tem o que... ao mesmo tempo tem mudança da presidência do CNPq que esqueceu o compromisso de criar o laboratório associado e em terceiro lugar, chegou a grande crise brasileira, as universidades tiveram capados os seus recursos. Os recursos todos desaparecerem a tal ponto de um prédio de 6 andares que deveria estar aqui nesse lugar, tenha se transformado nisso, que cresceu, mas esse pedacinho as custas do Kew Garden. Quando o grupo do Kew chegou aqui para financiar um projeto, o meu gabinete era ali onde vocês viram sentada a dra. Iracema. Eu trabalhava ali, ele disse: “não, não dá para colocar os computadores, para botar isso, botar aquilo, suas estantes e o seu material não dá. Quanto é que você precisa?” Aí calculamos. Ele deu isso aqui, realmente, deu uma estrutura nova e permitiu o projeto se desenvolver. Então o laboratório de Produtos Naturais, por isso é que eu digo, foi um sonho, um sonho que não se concretizou na realidade. O que restou dele foi isso e um documento escrito dizendo que tem um diretor, tem um diretor, divisão etc., mas que ele não corresponde a realidade para o que foi criado. A coisa mais desenvolvida e que funciona dentro do laboratório de Produtos Naturais hoje, são duas coisas que não fazem parte do organograma da universidade, o Horto de Plantas Mediciniais e o Projeto Farmácia Viva. A nova geração de professores ficou sempre com a idéia de que o LPN, o Laboratório de Produtos Naturais poderia, realmente, vingar e crescer e eles estão começando, realmente, um movimento para ver se conseguem novos financiamentos, novas idéias para que ele possa desenvolver e até chegar a hora de deixar acontecer o movimento de substituição daqueles que já trabalharam, já cumpriram a sua obrigação e agora chegarão os novos para tocar a coisa para frente.

TF – Quantos funcionários o senhor tem?

FM – Eu separo um pouco o que se chama de laboratório daquilo que eu chamo de Projeto Farmácia Viva, que é onde eu estou mais envolvido é nesse esquema de trabalho Farmácia Viva, Horto de Plantas Mediciniais. Nesse conjunto aqui, tenho como pesquisador, tenho eu e como auxiliar de pesquisa de segundo grau tem a Selene, que me ajuda em alguma coisa, tem um agrônomo que trabalha na parte de fitotecnia com apoio, aí tem um certo apoio de, vamos dizer, convênio com o departamento de fitotecnia da Universidade de Ciências Agrárias. Na parte de Química, que aí já não é, vamos dizer, Projeto Farmácia Viva. O Projeto Farmácia Viva aproveita o produto do estudo químico, mas não desenvolve o estudo químico. Então aí... aqui dentro tem alguns alunos que desenvolvem tese e orientação da dra. Iracema, e orientação da Goretti e da Selene sendo que a Iracema e a Goretti já estão aposentadas, a Iracema e a Selene, a Goretti ainda não está. Então tenho um grupo relativamente pequeno, esse grupo, antes, quando era o grupo da

Química Orgânica era bem maior, nós éramos 8 pesquisadores.

TF – Esses auxiliares são da Universidade?

FM – Da Universidade, os oito pesquisadores eram todos da Universidade, era o pessoal de Química-orgânica.

TF – O convênio, esse que o senhor tem é... que sustenta, por exemplo, Farmácia Viva, pelo que eu entendi, ele sustenta em que termos? Ele paga pessoal além desses 18, tem mais pessoal?

FM – Paga, a Universidade paga um técnico agrícola que trabalha aqui a parte de cultura das plantas, paga o servente que faz o serviço de limpeza aqui dentro e só. Sim, paga energia elétrica...

FD – A Francilene quem paga?

FM – A Francilene é paga às custas de convênios, quer dizer, quando eu faço um convênio com a Prefeitura dessas, a Prefeitura “me dá tantos reais”. Uma parte desses reais vão para ela e o agrônomo também, os dois são pagos assim e o jardineiro também são pagos assim às vezes isso me deixa noites e noites acordado, da onde é que eu vou tirar dinheiro para pagar esse pessoal.

FD – Então vamos lá, é... a gente podia...

TF - Tinha que falar um pouco mais da política científica no Brasil.

FM - Ah, sim.

TF - Desses financiamentos (inaudível); que o senhor desse um panorama de outros grupos que trabalham com plantas naturais nas universidades, nas...

Fita 3 – Lado A

TF – Entrevista com o professor Francisco Matos, para o Projeto: “Plantas Medicinais” da Fundação Oswaldo Cruz, em 10 de junho de 97. Fita número 3.

TF - Queremos que o senhor nos falasse um pouco da questão da política científica no Brasil e a organização de outros grupos similares ao seu no estudo de produtos naturais.

FM – Melhorou, viu? Como eu estava dizendo, eu acho que não sou a pessoa mais indicada para explicar sobre esse assunto. Depois da aposentadoria e o próprio Projeto Farmácia Viva já desenvolveram tanto que eu perdi, praticamente, muitos contatos. Mas, em termos gerais a... em termos gerais o desenvolvimento da pesquisa de produtos naturais no Brasil teve um período áureo e depois um decêndio muito grande por falta, principalmente, por falta de financiamento.

FD – Dá uma datada nisso para a gente, as datas mais ou menos.

FM – Ah, se eu pudesse lhe dizer isso bem direitinho com datas.

TF – Não é precisamente, só uma década. O senhor não situa o período em que está falando.

FM – Quer dizer, o período áureo para nós, começou em 1976 e foi até 1985. É uma década todinha, foi o nosso período áureo, depois disso eu acho que no Brasil inteiro houve um decréscimo enorme de investimentos na pesquisa de produtos naturais, na grande maioria dos grupos, não sei se todos os grupos ficaram fora desse esquema ou não. Alguns grupos tiveram uma sobrevida maior por questões circunstanciais, por exemplo, o grupo da Paraíba, que é um excelente grupo que cresceu através da cabeça de um farmacêutico, que era o verdadeiro líder, realmente um grande... um grande, vamos dizer, cavador de verbas. Então ele conseguiu criar lá na Paraíba, inclusive, de um certo modo, até separado do próprio curso de Farmácia, o chamado LTF, Laboratório de Tecnologia Farmacêutica, que se desenvolveu e acabou se transformando no local do curso de pós-graduação em Química e Farmacologia de Produtos Naturais e conseguiu reunir um grupo de professores internacionais, chegou um período em que às vezes, até se fazia por pilhéria, dizia-se que a maior concentração de doutores por metro quadrado, existia lá no LTF.

TF – Como era o nome dele?

FM – Do professor que criou o LTF e chegou a esse desenvolvimento todinho?

TF – É.

FM – Doutor Delby Fernandes.

TF - Delby...

FM - E conseguiu, realmente, dar uma estrutura aos trabalhos de pesquisa que eu considero superiores aos que tem aqui na Universidade Federal do Ceará, pelo menos se comparar o LTF com o LPN, aí não tem nem termo de comparação porque o LTF está muitos pontos acima em prédios e instalações, em pessoal, em números de pessoas que trabalham lá.

FD – A origem dos dois laboratórios é semelhante?

FM – É não, é diferente, é diferente. O LTF, ele foi criado como um laboratório de tecnologia farmacêutica em uma época em que se tornou, vamos dizer, importante que o curso de Farmácia tivesse um setor de produção industrial para servir os hospitais da Universidade. Esse movimento começou em São Paulo com o professor... é... como era o nome dele, meu Deus! Ia saindo e enganchou ... não me lembro agora... Bom, bom farmacêutico, ele criou no Hospital das Clínicas de São Paulo, o primeiro laboratório farmacêutico, quer dizer, o Hospital das Clínicas de São Paulo tinha um laboratório que produzia medicamentos para o hospital, não todos os medicamentos, mas uma boa parte. Isso começou a servir de modelo para outras instituições de ensino de farmácia no Brasil e o Delby foi um dos que adotou o esquema e montou o laboratório de tecnologia farmacêutica e conseguiu realmente fazer um bom laboratório, excelente! Aqui no

Ceará houve um também que se chamou Farmácia Escola, mas ficou muito restrito, muito pequeno; o do Delby, ele conseguiu sair de dentro da escola e criar um... como se fosse uma entidade nova dentro do Campus, dentro daquele esquema todinho.

TF – Ela não era ligada a Faculdade? Não ficou ligada a Farmácia? O laboratório não ficou ligado...

FM – Eu nunca entendi direito.

TF – Era só estudo de tecnologia.

FM – Eu nunca entendi direito como é que é. Eu sei que eles dão aula para o pessoal da Farmácia, mas o professor de Farmacognosia, por exemplo, hoje que é da faculdade de Farmácia, ele trabalha no LTF e por sinal, para mim hoje, é um dos melhores do país, o dr. José Maria Barbosa. É um homem de uma capacidade de pesquisa excelente, com uma bagagem de produção científica como poucos, é um grande pesquisador em produtos naturais. E o LTF foi um dos organismos que conseguiu ficar flutuando em cima desse marasmo geral que aconteceu com os produtos naturais no Brasil. Eu sei que o próprio NPPN que para mim era uma das maiores instituições lá do dr. Walter Mors, chegou a passar momentos extremamente difíceis também, não é? E os órgãos financiadores disso aí mudaram completamente a sua política, quer dizer, o CNPq tinha uma série de financiamentos que eram direcionados especialmente ao pesquisador, mas daqui a pouco o CNPq começou a chegar naquela situação terrível que eu chamo: “como conseguir dividir a miséria”. Isso é terrível! Resultado, mais recentemente, grandes pesquisadores das universidades do Brasil inteiro não tiveram suas bolsas renovadas pelo CNPq. A minha bolsa não foi renovada, não que eu me considere um grande pesquisador, mas eu já era pesquisador B com boa bagagem, mas o dr. Raimundo Brás Filho, o maior químico orgânico espectrometrista do Brasil, talvez da América do Sul, e um dos melhores do mundo, também teve a sua bolsa cortada, e assim alguns pesquisadores de São Paulo também; aqui no Ceará teve também, o Afrânio Craveiro também não teve, embora tenha conseguido recuperar depois. Então essa mudança, essa alteração da política de financiamento de pesquisa do CNPq e depois a mudança da política de financiamento da própria FINEP [Financiadora de Estudos e Projetos] também, que passou a ser de uma morosidade enorme e isso já vinha desde algum tempo. Eu, por exemplo, antes de não ser mais bolsista do CNPq, eu tinha dois pedidos de auxílio aprovados...

FD – Na FINEP.

FM – Não, no CNPq. Aprovados com comunicação: “processo aprovado vai receber o dinheiro, aguarde seis meses”; aguarde seis meses, três anos depois ainda não chegou o dinheiro. Então não vem mais, não é? É claro! É aquela história que eu... eu acho que foi o problema de dificuldade de recursos, que o Governo começou a enxugar os recursos para pesquisa no país. A FINEP também teve esses momentos, depois eu perdi o contato com a FINEP, não pedi mais nada a FINEP. Eu sei que tem um projeto aqui do próprio laboratório de produtos naturais que foi solicitado no tempo que o professor Afrânio era diretor, mas quando ele saiu, que eu assumi a diretoria, eu preferi que não fosse mudado a coordenação do projeto que poderia criar problemas de liberação de verbas e ele então continua com essas verbas lá nesse laboratório

chamado LTF ou PADETEC. Mas, em termos assim panorâmicos, para mim o que aconteceu foi uma restrição muito grande de recursos para a pesquisa.

TF – Para a pesquisa em geral ou ela se localiza na pesquisa de produtos naturais?

FM – Eu acho que para a pesquisa em geral, acho que não foi especificamente de produtos naturais. Produtos naturais teve um agravante, é que um grande número de gerenciadores dessa atividade de concessão de auxílios para a pesquisa se tornaram mais pragmáticos. Então eu ouvi algumas vezes, recursos que a FINEP gastou em produtos naturais já dava para ter comprado várias patentes no exterior, me ajeitar com os produtos aqui e, no entanto, gastou-se esse dinheiro e não se tem nada, não é? É aquela idéia pragmática da pesquisa, você fazer uma pesquisa: eu quero esse produto. Para isso o CNPq já criou também a sua carteira, que é o RAI. O RAI é uma carteira que ele tem assim, você entra aqui com uma bolsa, com dois anos você tem que dar o produto: “está aqui!” Então você pode fazer, realmente, pesquisa aplicada; o que não pode é cortar aquilo que a gente chama de pesquisa pura porque ela é a mãe da pesquisa aplicada. Sem a pesquisa científica você não tem a pesquisa aplicada, você tem que comprar a pesquisa aplicada!

FD – dr. Matos, no tempo que o senhor estudava, como é que era essa estruturação da pesquisa nessa área de produtos naturais? No tempo que o senhor estava na faculdade.

FM – No tempo que eu estudava? No tempo que eu era estudante de Farmácia?

FD – É.

FM – Ah, meu Deus, faz muito tempo! (risos). Olha, eu, como disse antes, eu estudei em uma faculdade que era uma faculdade particular. A Faculdade de Farmácia era particular, não era nem estadual e para você ter uma idéia, aquela época era o curso seriado, eram três anos de farmácia: primeiro, segundo e terceiro ano; cada ano tinha quatro disciplinas, eram doze disciplinas. Existia para as aulas práticas um microscópio, tem até um exemplo...

TF - Eram quantos alunos?

FM – Na minha turma eram 13 alunos, aliás por coincidência, o retrato da minha turma está ali em torno de um... do tal microscópio (risos), o professor de Higiene e Saúde Pública, dr. Leite Maranhão. Então não se falava em, realmente, em pesquisa nesse tempo dentro da faculdade de Farmácia, a não ser, quer dizer, tinha alguma coisa, tinha... tinha o professor que eu falei de Química, o dr. Juarez Furtado. O dr. Juarez Furtado desenvolvia um trabalho em cima de óleo da Castanha de caju, que ele achava que tinha atividade antileprótica, mas também nunca chegou a uma conclusão; tinha o dr. João Ramos, na época trabalhava sempre em muitas coisas diferentes, não era assim muito... praticamente não existia pesquisa naquela época.

FD – Aqui no Ceará ou vale para o Brasil todo?

FM – Aqui no Ceará, não é válido para o Brasil todo.

FD – E no resto do Brasil, o senhor tem uma idéia de como se estudava?

FM – Quando? No tempo que eu era aluno?

FD – É.

FM – Não, no tempo que eu era aluno o Ceará ficava muito distante do mundo. Agora, no tempo que eu, por exemplo, entrei como professor, aí eu tive a oportunidade de conhecer muitas, principalmente escolas de Farmácia; não conheci muitas outras coisas, mas muitas escolas de Farmácia eu conheci, praticamente quase todas no Brasil inteiro. Então eu me lembro que a antiga Universidade do Rio de Janeiro... Universidade do Brasil, Universidade do Brasil, o curso de Farmácia lá, o professor de farmacognosia, o dr. Oswaldo Costa já era pesquisador. Em São Paulo tinha realmente vários setores de pesquisas desenvolvidas até em Química de Alimentos, tinha muitas pesquisas, a dra. (inaudível) Campos... Foi criado pelo dr. Wasicky o Instituto de Farmacologia Experimental e não sei por que razão, não posso explicar, nunca! Ao invés de crescer, um belo dia ele foi implodindo, sem explicação.

TF – Um belo dia quando, mais ou menos. Se lembra?

FM – Olha, eu estive em São Paulo durante o ano de 1958, já existia o laboratório... não! Tinha sido implodido, acho que em 58. Ele tinha sido fundado antes, mas foi a época em que o prof. Wasicky completou 70 anos e não pôde mais estar no serviço público, então com a saída dele implodiram. Mas eu me lembro que o laboratório tinha... eu vi ainda algumas publicações do Laboratório. Eles tinham criado uma revista de pesquisa, se tivessem continuado talvez a pesquisa de produtos naturais no Brasil tivesse tomado outro rumo. Agora, existia, naturalmente, já naquela época, instituições que já eram famosas, como o Instituto Adolfo Lutz em várias áreas, o Instituto Oswaldo Cruz, lá Manguinhos também, que era a expansão, era uma beleza aquilo ali já, não é? Engraçado, existia até onde eu aprendi a desenvolver trabalhos de pesquisa e cromatografia de papel com um professor chamado, não me lembro mais, Francisco Martins, morreu recentemente; ele era técnico do laboratório do Jockey Club, você conheceu?

TF – Não, mas eu vi no seu currículo.

FM – Ah, você viu no meu currículo, está lá, realmente foi...

TF – Ele fazia que tipo de trabalho lá?

FM – Ele fazia toxicologia de animais no pós corrida, a coisa me deixou admirado, nunca tinha visto um Jockey na minha vida, Jockey Club assim. Então os cavalos corriam, chegavam, vinham para as baias, aí tinha um especialista lá, um senhor especialista em fazer o cavalo urinar, ninguém conseguia e ele chegava lá, dava uma ajeitada no cavalo e “pchichi”, colhia a urina do cavalo. Colhia então aquelas 3 amostras na presença de fiscais, fechava, dois ficavam fechadas no cofre, um vinha para o laboratório. Então era feito todo um processamento para extração de substâncias, já colocada no papel esse (inaudível) e ia para as câmaras cromatográficas. Quando dava 9 horas da noite, o vigia abaixava a alavanca da câmara e o papel mergulhava nos solventes,

quando era 6 horas da manhã ele levantava, quando era 7 horas outro vinha e aí chegavam os pesquisadores, eles abriam e botavam aquilo para secar nas câmaras de secagem, aí faziam as revelações e imediatamente, logo sabia se tinha havido dopagem ou não. Eu acompanhei esse trabalho lá com...

FD – dr. Matos, será que a gente pode dizer assim que os anos 50, final dos anos 40, a pesquisa na área de produtos naturais era mais centrada no pesquisador do que em grupos de pesquisa?

FM – Nos anos 50...

FD – Final da década de 40, 50 até 60 quando o senhor estava se formando....

FM – Claro, eu acho que sim.

FD – Porque essa coisa dos grupos de pesquisa é mais recente.

FM – É, os grupos são bem mais recentes. Vocês tinham, realmente, pesquisadores isolados e às vezes esses pesquisadores estavam... exatamente, criavam seus... as pessoas que aprendiam com ele, mas não se falava em grupo, realmente, não se falava.

FD – E como era a relação de trabalho entre esses pesquisadores? Tinha uma concorrência muito grande? Tinha uma colaboração muito grande? Porque cada uma era dono do seu espaço, como era?

FM – Olhe, eu acho que em todas as relações humanas isso acontece, não é? Quando as pessoas começam a ficar em evidência por alguma razão, o sujeito é pesquisador, começa a publicar, começa a publicar, começa a ser convidado, quando começa a ser convidado os que não foram convidados começam a dizer: “por que que o sujeito viaja e eu não viajo? E se criam essas situações assim, como em todas as organizações se formam grupos que às vezes ficam uns contrários uns aos outros. A gente encontra sempre, eu sempre encontrei inúmeros grupos desses; às vezes eu ia falar com um professor, ele estava lá, totalmente isolado, os outros não queriam saber dele, achavam que ele era isso, era aquilo, aquilo outro. Aqui nós tivemos o próprio professor Ventura que ficou meio em ostracismo durante muito tempo, muitos professores não gostavam dele, mas... é uma questão humana mesmo, acho que isso até no meio das famílias acontece do mesmo jeito. Parece a mim que essas estruturas e o próprio desenvolvimento da pesquisa individual ou em grupo tem passado por ciclos. Eu me lembro, por exemplo, que a universidade achava que ia conseguir deslanchar em pesquisa, pesquisa universitária brasileira, quando o governo concedesse o tempo integral, porque o professor não precisava estar saindo, fazendo ganhar dinheiro lá fora. Foi conseguido o tempo integral, a coisa, realmente, mudou de figura, começou a se desenvolver. Aí, quando chegou em um certo grau de desenvolvimento, o governo corta o tempo integral, aí a pesquisa cai; passa algum tempo, aí aparece um esquema COPERTITE [Comissão Permanente de Tempo Integral e Dedicção Exclusiva] ou Concretite, não sei se você chegou a alcançar. Concretite foi criado pelo Ministério da Educação como um organismo central, que era uma comissão de pesquisas do Ministério ligada a sub-comissões de pesquisas chamadas aquelas Copertites colocadas dentro das universidades que controlavam as gratificações. Os professores, normalmente, ficariam com 12 horas, então poderiam ter

gratificação para trabalhar 24 horas ou para trabalhar 40 horas, dependendo dos seus planos etc. Mas é tal coisa, na hora que você faz isso dentro de uma universidade, todos querem o 40, não é? “Ah, por que que é diferente para mim? Quero 40!” E tentou-se, realmente. Eu fui inclusive presidente da COPERTITE; a gente tentou manter a COPERTITE em uma situação que permitisse aos professores que queriam trabalhar realmente, trabalhar bem. Mais nem sempre a gente conseguia, depois de um certo ponto acaba-se o regime COPERTITE porque fracassou, não deu certo! Aí já se cria outro sistema, sistema de produtividade e assim por diante. Mas, na realidade, para mim o que falta é caracterizar o professor através, realmente, de sua formação, permitir que os professores tenham realmente uma boa formação, e isso se você generalizar passa a ser um problema geral do país, é um problema de educação. O país, realmente, não tem ligado muito para a educação, nem primária, nem secundária, nem superior, não é? A carência nessa área é realmente muito grande, muito grande.

TF – O que eu entendi pelo seu currículo, o senhor faz uma defesa... faz apresentações em alguns congressos, digamos... em algumas mesas, em algumas palestras, da relação ensino-pesquisa muito forte, quer dizer, eu não sei o conteúdo, como é que o senhor defende essa relação...

FM – Sempre defendi, embora às vezes defenda sozinho. Aqui, por exemplo, eu e a dra. Iracema, eu sou pró-ensino e pesquisa como atividades complementares. Eu acho que o ensino mantém o professor em contato com a juventude, em contato com o processo de renovação de problemas constantes, uma relação que leva o professor a buscar sempre ser melhor no ano seguinte do que foi no ano anterior e por outro lado ele, nesse processo de melhoramento, ele encontra a maior fonte de recursos em cima da própria pesquisa, não é? Porque enquanto ele está realizando a pesquisa ele está também estudando, lendo, para poder interpretar aquela sua pesquisa. Então para mim as coisas podem ser juntas; a dra. Iracema acha que não, que era melhor ter um professor só para ensino e pesquisadores separados. Então pesquisador tem que ser aquela entidade que fica trabalhando sozinho, mas eu continuo achando que ensino e pesquisa são atividades complementares que devem ser desenvolvidos juntos. É óbvio que você teria que evitar ou teria hoje, teria que corrigir um defeito que foi introduzido no período da reforma universitária durante a revolução. Antes você tinha uma hierarquia no magistério, você tinha um professor que chegava a um nível da cátedra que correspondia, vamos dizer, ao doutorado; aí você tinha os outros que chegavam a nível de adjunto etc. Você tinha aquela sequência e você podia ter um grupo de colaboração que amanhã quando você saísse aquele que estava logo em seguida subia enquanto estava ingressando outro. Na reforma universitária que foi feita durante a revolução, que eu chego até a pensar que foi uma coisa realmente estudada para que acontecesse, quer dizer, o militar sabe que o que segura a estrutura militar é a disciplina...

FD – E a hierarquia...

FM – E quem sustenta a disciplina é a hierarquia e como a atividade na universidade era uma atividade que gerava subversão, a primeira coisa a fazer seria acabar com a hierarquia e acabaram, acabaram. Então o professor titular ou catedrático, ou seja, lá o que se chame, o professor doutor ficava em igualdade de condições na sala de aula ao aluno, ao estudante que tinha acabado... a um profissional que tinha acabado de tirar o seu curso e entrava para ensinar. Como chegou naquele período, foi um dos períodos terríveis da universidade brasileira, foi aquele crescimento exagerado para fazer figura perante o exterior, de multiplicar o número de

estudantes universitários e que obrigou a entrar na universidade os chamados professores horistas e professores colaboradores, que se pegava no meio da rua, que vinha passando... “vem, vem, entra aqui e vai ser professor!” Isso foi complementado de uma forma ainda mais terrível, é que num dado momento um senhor Ministro da Educação, por sinal, militar também, mandou aproveitar todos os colaboradores como professores assistentes sem... apesar da Constituição dizer que para isso precisava concurso, mas não precisou, entrou! Isso foi que gerou em alguns setores uma revolta muito grande, por exemplo, nós tínhamos alguns alunos que tinham começado naquele período áureo que eu falei como bolsistas de iniciação científica, tinham estudado já durante 2 anos, aí tinham feito concurso, tinham entrado para auxiliares de ensino, aí eles precisavam agora de um mestrado. Aí foram para o exterior, se candidataram, passaram, foram para o exterior para poderem com esse mestrado em mãos ou doutorado, voltar e ter uma ascensão no magistério. Quando eles chegaram o lugar estava ocupado por colaboradores promovidos por decreto. Você fazer isso com uma universidade, realmente, é querer liquidar o ensino.

FD – Isso foi em que ano mais ou menos?

FM – Meu Deus! Nem me pergunte porque eu perdi a sequência!

FD – Porque essa prática ela se repetiu...

FM - Isso foi feito no Brasil inteiro.

FD - ... isso foi com o Jarbas Passarinho...

FM – Não, foi antes do Jarbas.

FD – Foi antes do Jarbas?

FM - Foi antes do Jarbas.

FD - Porque essa prática se repetiu dos anos 70 até o final do governo Sarney.

FM – Eu acho que sim.

FD – A última canetada do Sarney incorporou todos os professores visitantes a Universidade, não é? E o Sarney era a continuação disso aí!

FM – É, exato, era. Todas essas coisas, realmente criaram situações dentro da universidade que tornaram difícil a sobrevivência de um sistema lícito de ensino e eu me admiro até que alguns frutos daquela época, filhos que eram estudantes naquela época tenham se tornado realmente grandes professores; pessoas que realmente conseguiram desenvolver um trabalho muito bom, cresceram apesar de tudo isso. Então, acho que a universidade tem algo de místico nela, que de vez em quando faz renascer o espírito de ciência ou o espírito de saber em algumas pessoas para que realmente aquele processo não se extinga.

FD – dr. Matos, então pensando... o senhor estava falando dessa organização dentro da universidade, pensando nisso, na organização do trabalho científico, o senhor acha que teve uma... que houberam mudanças na estruturação da organização do trabalho do cientista no laboratório, na pesquisa da década de 50 para cá?

FM – Na área de produtos naturais muito pouco, uma evolução relativamente lenta e talvez condicionada a aquisição de equipamentos.

TF - Em termos da relação, seria isso que você está falando?

FD - É, também, também.

TF – Da relação interna... Nesse campo científico a relação entre profissionais, quer dizer, de que maneira, por exemplo, passa a ser avaliado o pesquisador, a articulação...

FD - Não, não...

TF - Eu acho que é por aí, acho que vai por aí também. Como é que eles se organizam, como é que esse campo científico se organiza, não é isso?

FD - Não, não, não tinha pensado isso não. A resposta dele estava no sentido mesmo, quer dizer, não houve muita mudança na organização, o que houve foi a partir de uma evolução tecnológica, vamos dizer assim, uma evolução tecnológica.

FM – Exato, isso aí gerou uma mudança. Eu não posso, vamos dizer, generalizar isso, claro! Porque eu não tenho assim um convívio muito intenso com outros núcleos; os núcleos que eu andei participando assim com trabalho e colaboração etc., são os núcleos mais próximos, por exemplo, daqui pro... às vezes não tão próximos, talvez próximos em relação talvez de amizade. Paraíba, por exemplo, eu sempre tive uma boa relação, já em Pernambuco eu não consegui nunca manter um trabalho de colaboração estreita apesar de lá existir um grande centro que sempre, eu cheguei até a ter inveja dos membros desse centro; que hoje o departamento que antigamente era o Instituto de Antibióticos de Recife, o NPPN também que eu sempre tive uma ligação lá, mais uma ligação via Walter Mors e até um certo ponto cheguei até Porto Alegre onde eu passei a reconhecer na Faculdade de Farmácia da Universidade do Rio Grande do Sul, talvez a melhor escola de Farmácia do Brasil. É muito bem organizada, muito bem estruturada em todos os sentidos, tanto no sentido de ensino como no sentido de execução de trabalhos, de farmácia prática no sentido do desenvolvimento de pesquisas. Agora, por que isso? Lá no Rio Grande do Sul eu sei o motivo, é a ligação com os alemães, eles têm uma ligação muito estreita, não sei se é o DAA, DAAD ou outra instituição alemã, mas que dá um apoio muito grande lá. Na universidade há um intercâmbio muito grande de professores e realmente a coisa cresceu por aí. Lá na Paraíba cresceu muito em função da ligação do Delby com o reitor que eram amigos bastante íntimos e o reitor chegou a ser Ministro da Educação, foi Linaldo. Então quando Linaldo foi Ministro da Educação, Delby tirou na loteria, não é? Aí, realmente, equipou muito bem o laboratório lá, o Laboratório de Tecnologia Farmacêutica.

FD – E quê que mudou dessa organização do trabalho... nessa organização do trabalho da

pesquisa científica, o que muda dessa fase menos tecnológica para uma fase de uma tecnologia mais sofisticada. O que mudou na prática da organização?

FM – Olha, eu não sei se a gente pode falar em termos de organização de grupos de pesquisa nesse sentido porque a coisa tem sido, a meu modo de ver, assim um crescimento muito do dia a dia sem haver, vamos dizer, um planejamento de organização realmente. Não sei e não posso lhe responder realmente isso aí. Se pudesse tirar como exemplo o que ocorreu aqui no grupo de pesquisa de química orgânica, não sei se isso se repetiria no resto do país, não é? Mas nós tivemos um período, que eu chamei aquele período áureo, que foi da integração; depois disso, um período de desagregação que surgiu, vamos dizer, com a criação de um sonho e a desilusão seguinte e que levou a que os pesquisadores tomassem rumos diferentes. Um grande líder que levava esse trabalho de desenvolvimento de pesquisas aqui, que conseguiu esses recursos do banco do Nordeste, de FINEP, etc., que foi o Afrânio, ele acabou deixando aqui o próprio LPN e se passando para o PADETEC e que gerou lá um outro grupo com novas idéias, que foram as idéias, vamos dizer, das incubadoras de empresas. Está lá e agora ele já está partindo para outra, agora é a incubadora da própria empresa, da empresa privada, ele entra já, já para ser empresário, ele já está aposentado, tanto que ele está em um ponto em que ele está viajando mensalmente para os Estados Unidos; todo o mês ele vai e volta. Então eu acho que ele está montando alguma empresa, não sei. E... aquela atividade organizada de pesquisa em óleos essenciais, por exemplo, que foi o grande forte aqui do grupo... não sei se esgotou a matéria-prima ou pelo menos diminuiu a matéria-prima, porque quando a gente começa a trabalhar, praticamente a cada esquina você encontra uma planta nova, mas depois que você colher aquelas primeiras vai ficando mais difícil encontrar outras. Então isso talvez tenha feito diminuir um pouco a velocidade de crescimento do “Projeto Óleos Essenciais”, que hoje está praticamente reduzido a uma repetição ou uma repassagem dos óleos anteriores e aqui e ali uma análise nova. Que o grupo, por exemplo, que era um grupo muito grande foi se dividindo e formando grupos menores e eu acho que o processo não se repete mais; o que aconteceu passou.

FD – E aí então, pegando daí essa coisa que você está falando, quer dizer, a organização ela se...

Fita 3 – Lado B

FD – Então, quer dizer, se mantém mais ou menos como estava essa organização, mas ao mesmo tempo os valores de avaliação do pesquisador mudam no país...

FM - Mudam sim.

FD - ...não só por parte das agências de financiamento, mas internamente, quer dizer, pelos próprios valores introjetados pelas novas gerações que vão se formando, não é?

FM – Ah, sim.

FD – Como é que é essa mudança nesses padrões de avaliação, como era quando o senhor começou a dar aula, começou a trabalhar com pesquisa e agora, o quê que mudou?

FM – Eu não sei, porque eu, realmente, nunca entrei no mecanismo de avaliação dos pesquisadores, quer dizer, eu sempre fui avaliado.

TF - Sim, pois é...

FD – Mas o senhor está dentro para o que era avaliado.

TF - Qual era o parâmetro de avaliação do seu próprio trabalho? Que nas instâncias de financiamento para as universidades... como é que... Para o senhor entender, em que que essa questão da avaliação contribui ou atrapalha, enfim, colabora nessa organização no campo científico, no direcionamento desse campo específico de trabalho.

FM – Eu sei, estou entendendo. Olha, quando o número de pesquisadores era relativamente pequeno, é provável que a maioria dos avaliadores sejam da FINEP, do CNPq, ou de outros organismos financiadores. De uma maneira ou de outra chegavam a ter conhecimento mais próximo com os pesquisadores. À medida que isso cresceu, na minha impressão o tipo de avaliação passou a ser muito mecanizado. Então você... transformados em números, quer dizer, quantas revistas, quantos artigos que você publicou em tal ano, tal ano; aí você tem, se você está crescendo ou se você está baixando, se as revistas que você usou tinham refrin, não tinham refrin, etc., etc. Aí vai para o “*index citation*” se o seu trabalho já foi citado. Então foi praticamente tudo mecanizado. Então na hora que você faz a mecanização em um tipo de atividade como essa, eu acho que começam a ser cometidas injustiças; a avaliação da qualidade do trabalho deixa de ser feita e passa a ser feita uma avaliação numérica de produtividade, como se você fosse uma fábrica de automóveis. Então, se você produz 10 carros no mês, você está ótimo! O outro produz 20, está melhor do que você! Mas ninguém olha a qualidade do carro e assim eu acho que está acontecendo com a avaliação dos pesquisadores nesse país. Eu não sei se isso vai ser um caminho bom porque há determinados fatores que deveriam ser levados em conta como diz o nosso colega dr. José Wilson. Quando se vai fazer uma avaliação desse tipo, talvez essa avaliação mereceria ser relativa e não absoluta; é saber se você produziu quantos trabalhos por ano, por quanto, qual o investimento que foi feito. Então você pode dizer que, por exemplo, que um pesquisador publicou dois trabalhos por ano e que, no Ceará, lá em São Paulo ele publicou 10 mais, se você examinar o que foi investido em São Paulo para publicar 10 e o que foi investido no Ceará para publicar 2, mas na hora de investir no Ceará só pode ser feito dois, em São Paulo 10. Então já coloca numa ordem de classificação bem diferente. Então essa avaliação relativa que devia ser feita, não é feita, não se faz e em função disso surgiram aqueles casos que eu falei, do corte do dr. Braz, etc., etc...

FD – E o senhor falou então que... é... vamos lá para a década de 50, quando o senhor começou a entrar nesse mercado. Essa avaliação ela era mais próxima, a relação entre o avaliador e o pesquisador avaliado era mais próxima.

FM - Era mais próxima.

FD - O quê que era levado em conta nessa época para avaliação? O quê que um gerente de projeto da...

FM – Provavelmente é a qualidade do projeto. Quando você tinha uma oportunidade de ler aquele projeto com mais detalhe, quando você... hoje em dia, realmente, não é fácil. Eu ainda hoje recebo projetos com o consultor *Ad hoc* do CNPq. Eu tenho projetos de... eu não sei como é que é feita essa avaliação por todos, eu procuro fazer uma avaliação de acordo com aquilo que eu conheço e na maioria das vezes não conheço as pessoas a quem eu estou avaliando. Mas, para lhe dar uma idéia do que era no passado e do que é hoje, eu não sei se isso seria possível hoje. Eu me lembro que quando eu saí de São Paulo e que vim para o Rio de Janeiro, eu precisava passar mais dois meses no Rio de Janeiro para desenvolver outros trabalhos e eu não tinha bolsa, minha bolsa já tinha terminado, mas eu trouxe um bilhete do dr. Wasicky para o professor Carlos Chagas, que foi quem me colocou em contato com o Jockey Club. Aí, quando eu chego lá ele me disse: “você quer ficar mais dois meses? Você precisa fazer um projeto, você me traz esse projeto na próxima semana”. Eu digo: “Não, eu faço o projeto agora!” Eu estava com a cabeça bem “fresquinha” naquele tempo. “O senhor tem uma máquina aí?” Ele disse: “tenho!” Aí, me sentei, “pa, pa, pa, pa...” Aí eu fiz, ele olhou e disse: “tá!” Pegou o telefone, “oh fulano...” que era o da CAPES “... eu estou com um ex-bolsista da CAPES aqui, gente que está precisando passar mais um tempo aqui, e eu posso dizer que é um candidato excelente! Você tem saldo de bolsa aí, que ele precisa ficar 2 meses”. “Pode ficar, sua bolsa já foi concedida”. Quer dizer, era um tempo bem diferente do que é hoje, não é? Hoje, é claro, você não podia fazer isso em termos de Brasil, mas para mostrar que só o fato de uma avaliação pessoal, quer dizer, ele só pediu, porque se eu tivesse feito uma loucura lá ou tivesse enrolado, ele não ia nem se preocupar com isso, não é? Mas, ele me achou... “esse merece um investimentozinho para ver o que é que vou dar nele”. E realmente ele fez isso.

FD – Mas o senhor não acha muito complicado para o processo de produção científica que essa relação pessoal prevaleça? Porque isso nem sempre privilegia um bom pesquisador.

FM – A não ser que você tenha nos órgãos chaves, de decisão, que você tenha realmente gente de boa qualidade. Se você não tiver, se você trocar, vamos dizer, o pesquisador que estava lá no lugar por burocratas, aí você pode ter, realmente, o tráfico de influência; embora não queira dizer que o pesquisador seja imune ao tráfico de influência, porque também ele pode ser.

FD – E em relação, por exemplo, a titulação. Que diferença de peso tinha a titulação quando o senhor começou a sua carreira e hoje em que sem o doutorado você não é nada, não é? O mínimo é doutor.

FM – Isso é extremamente variável. Olha, eu acho que o sistema normal, realmente, de você conquistar mestrado, doutorado, pós-doutorado, é um bom sistema; eu acho que isso deve existir, mas não deve deixar de contar também as pessoas que tem o seu desenvolvimento fora dessa rotina. Eu digo isso porque, por exemplo, um botânico que me acompanhou, ele é apenas graduado e faz questão de dizer: “só sou graduado! Sou agrônomo, estudei botânica porque gosto!” Mas ele é realmente um doutor em Botânica. Você pode pegar, ele já publicou uns 3 ou 4 livros de botânica e são, realmente, livros muito bons. Agora, como ele não tem doutorado, inclusive, ele fica bloqueado em várias coisas, não é? Vai ser chamado para examinar um concurso, não sei o quê... “Por favor, mande o seu diploma de doutor”.

FD – Ele está fora.

FM – Ele não tem diploma, então não vai. Vai querer uma bolsa do CNPq, vai ser classificado na categoria um, cadê se é doutor? senão, não é classificado. Então ele vai classificado como graduado. Quer dizer, esse tipo de avaliação quantitativa, meramente quantitativa, mecanicista, é que eu acho que, realmente, não está certa. Agora, que é complicado você dentro de um sistema gigantesco como é o sistema hoje brasileiro, você ter regras para as exceções não é fácil, mas é possível.

FD – E outro ponto, a patente. Que peso tem a patente na carreira do pesquisador na área de produtos naturais e, sempre pensando nessa coisa histórica, como era quando o senhor começou e hoje?

FM – Realmente eu nunca estive muito preocupado com isso, a não ser quando... quer dizer, estava me formando químico, não conhecia quase nada da vida e dizia que: “quando eu me formar eu vou conseguir fazer 3 patentes e eu vou me tornar um dos homens ricos desse país”. Vou descobrir e patentear um remédio para careca (risos), vou descobrir e patentear um remédio contra impotência e descobrir e patentear um remédio para levantar os seios das mulheres, pronto! Com esses 3 aí eu não quero mais nada da vida e, realmente, não fiz nenhuma das três coisas (risos). Primeiro, porque patente é um negócio extremamente difícil, o registro de marcas já é uma coisa complicada nesse país. Eu me lembro que meu pai por herança tinha recebido o tal registro das pílulas de Matos, que tinha sido registrada pelo meu avô pela primeira vez em 1888. Eu fiquei emocionado numa visita que eu fiz ao Ministério da Saúde e fui ver os arquivos e vi o registro, a concessão do registro para ele. E ao longo da vida dele como pai de família e depois contando com meu apoio como farmacêutico, a luta para renovar esse registro é uma coisa fantástica! Terrivelmente desagradável! Você sempre ficava envolvido com alguns escritórios profissionais que fazem esse tipo de serviço e que sempre buscavam ganhar muito mais dinheiro do que deviam ganhar e era uma complicação terrível; e que não era patente! Então, depois com... agora com as patentes, a coisa continuou muito difícil, principalmente com o relacionamento internacional torna isso cada vez mais difícil. Produtos naturais, patente é tão complicada que, por exemplo, aí tem um grupo nos Estados Unidos que conseguiu desenvolver um estudo em cima do “quebra-pedra” e descobriu que o “quebra-pedra” tem uma atividade fantástica contra o vírus da hepatite B, cura hepatite B. Agora o processo de usar é diferente, você não pode permitir o contato (inaudível). Inclusive a patente não pode permitir o contato do “quebra-pedra” com o estômago etc., etc., e tem uma série de meios que precisa ser evitado. Não foi patenteado nos Estados Unidos, foi patenteado na França, porque lá nos Estados Unidos você não consegue patentear extrato e eles queriam patentear o extrato porque eles não sabiam qual era a substância responsável por isso, mas a descoberta da ação já era uma coisa muito importante. Então foi patenteado para lá. Aqui no Brasil tem um grupo, eu acho que é de Minas Gerais, eu não sei, eu me lembro bem é com aquela planta... como é o nome... (inaudível), já ouviu falar?

FD – Verbena, não é?

FM – Não, não é verbena. É verbenacea porque ela tem a folha parecida com a verbena; é uma plantinha muito simples, do campo, que foram encontradas substâncias que tem uma atividade

anti-inflamatória excepcional, fantástica! Eles nunca publicaram, sempre mantiveram segredo até que isolaram a substância, comprovaram a atividade e patentearam na França a substância. Então ele vende hoje no Brasil com patente francesa. Então eu não sei, talvez por causa de todas essas coisas, eu aí já consegui dar essa volta enorme e cheguei ao meu ponto de partida, a Farmácia Viva, onde eu não preciso patentear nada, não é? Aí a Farmácia Viva foi gerada, talvez por isso mesmo, como um processo de... não é bem um processo, é um projeto de... programa, aliás um programa de assistência social farmacêutica onde não intervém o lucro. E para mim, eu acho que fitoterápico no Brasil deveria, realmente, tomar esse rumo; porque torna praticamente impossível você conseguir controlar essas patentes, todos esses produtos farmacêuticos a partir de plantas.

TF – Mas, de qualquer forma, usar patente no Brasil... a gente também não tinha patente.

FM – Não, não tinha. Agora, eu não sei nem o resultado da lei da patente, como é que ficou. Mas eu sei que foi aprovada a lei das patentes de acordo com as regras que foram ditadas já pelos grandes organismos internacionais. Mas a patente ela vai proteger o quê? Ela vai proteger os grandes investimentos que são próprios da grande indústria farmacêutica. A única evolução que eu vi nesse esquema, esquema onde o “bocado” maior sempre fica para o grande, é uma certa abertura para que as origens daquelas pesquisas sejam também beneficiadas. Então existem já organismos internacionais, empresas internacionais que, se aquele produto que foi descoberto em função daquelas pesquisas iniciais realmente derem renda; então aquela comunidade também será beneficiada de alguma forma pela construção de um hospital, pela instalação de um serviço de saúde, alguma coisa, quer dizer... mas, é um assunto onde eu, realmente, não tenho me envolvido muito não.

FD – Mas, olha só, é... a patente hoje ela não tem um peso na carreira do pesquisador, até porque não se tem tradição disso no Brasil, é uma coisa...

FM – É, realmente, não tem.

FD – Mas se a gente pensar em uma Instituição, e aí eu estou pensando lá na Fiocruz, por exemplo, no Far-Manguinhos ou... A avaliação dos financiadores da instituição pressupõe a aquisição, o patenteamento de produtos, quer dizer, eu investi tantos milhões de dólares durante tanto tempo e vocês não patentearam nada e a Roche investiu metade disso em metade do tempo e tem 50 patentes, não é? Quer dizer, isso é um dado real, concreto hoje, não é?

FM – Sem dúvida que é.

FD – Agora, o pesquisador para chegar a patente, ele não pode publicar nada sobre o que ele está pesquisando.

FM – Exatamente.

FD – Como é que ele se relaciona nisso aí?

FM – Se ele não publicar nada, ele não tem bolsa do CNPq.

FD - Pois é.

FM - Sem bolsa do CNPq, ele não pode ser pesquisador porque só com o salário não dá, ele tem que buscar dinheiro em outro canto.

TF – É, e uma das críticas que o senhor faz sobre as patentes é exatamente essa; patente com licenciamento da divulgação científica, licenciamento da ciência, do conhecimento científico.

FD – Como é que o senhor vê essa dicotomia aí, porque está numa encruzilhada, não é? Porque se a gente pensar aí, um pesquisador de Far-Manguinhos que está há 10 anos investindo na pesquisa de um fármaco novo, que vai ser patenteado, cada patente requerida vai levar 5 anos para essa patente sair, quer dizer, ele vai ficar 15 anos sem publicar nada, ele vai estar 15 anos no ostracismo, 15 anos é a carreira dele!

TF - Ele faz a carreira.

FM – Isso eu acho que é uma coisa que está ocorrendo pela superposição de dois esquemas de trabalho. A pesquisa no Brasil sempre foi desenvolvida, ligada a instituição pública, principalmente a universidade, e a... o crediamento das pessoas que trabalham aí é em função da sua produção científica, porque senão ele se toma um mero desconhecido. Na hora que você põe esse tipo de esquema de trabalho superposto ao esquema de trabalho do primeiro mundo em que a patente é absolutamente necessária para garantir a vitória na guerra entre os competidores, aí a coisa não pode funcionar porque você está com os dois esquemas jogados juntos com objetivos bem diferente. Eu garanto a você que os pesquisadores que você falou da Shering ou da Bering, ou seja, lá de que for, eles não estão preocupados em se tornar conhecidos, em garantir uma produção científica, eles estão preocupados em manter aquele seu trabalho e aquele trabalho vai ser em função do rendimento do que ele faz para a própria empresa. Então ele cresce dentro da empresa à medida que ele consegue produzir cada vez mais sem publicar coisíssima nenhuma. Então esse esquema de, vamos dizer, a patente ligada a indústria, está certo, ok! Porque existe outra indústria que quer também patentear outra coisa e que ambas vão competir uma com a outra para ver quem é que vai ter mais lucro. Então está tudo muito bem! Agora, quando você transfere isso para o sistema de trabalho de pesquisa que se faz no Brasil, o sistema não funciona e aí cria esse obstáculo que você falou. Quer dizer, você precisa patentear, mas para você patentear não pode publicar, mas você precisa publicar porque se você não publicar não ganha dinheiro. Pronto, aí fica igualzinho a história do pai que era um bom economista e estava numa situação difícil e disse para o filho ou para a família: “Olha gente, vocês querem almoçar ou cada um vai levar 10 pratas?” A turma “opa”! Desconto no jantar dez pratos! Quando chega de noite, “o jantar?” “Só janta quem pagar 10 pratas!” (risos) Realmente a coisa fica meio parecida com essa história que você... que acontece quando você superpõe o sistema capitalista lá dos Estados Unidos em um sistema de trabalho pseu-capitalista como é o brasileiro.

FD – E essa... bom, aí o senhor já falou da publicação e dos projetos de pesquisa, não é...

TF – Deixa eu perguntar uma coisa para o senhor...

Data: 11/06/1997

Fita 4 – Lado A

TF – Entrevista com o dr. Francisco José Matos, no dia 11 de junho de 1997 para o Projeto: “Plantas Medicinais” da Casa de Oswaldo Cruz. Fita 4.

TF - Nós hoje gostaríamos de recomençar a entrevista abordando a sua experiência administrativa na universidade, se foi chefe de departamento, se foi diretor... Eu gostaria que o senhor falasse desses momentos de experiência.

FM – Pois não. Isso faz parte da vida do magistério, embora eu nunca fosse muito afeito ao trabalho de direção, mesmo direção da atividade de colegas; mas aqui e ali a gente tem que concordar com a vontade da maioria e exercer esse tipo de atividade. Assim eu fui chefe do Departamento de Farmácia da antiga Faculdade de Farmácia, que hoje em dia os departamentos são diretamente ligados aos centros, então seria Departamento de Farmácia do Centro de Ciências da Saúde. Então exerci no máximo umas duas vezes ou mais, posteriormente já transferido aqui para o Centro de Ciências na Universidade no Departamento de Química Orgânica e Inorgânica. Nesse Departamento também exerci umas duas vezes a chefia do Departamento de Química Orgânica e Inorgânica. Fui vice-diretor do Centro de Ciências também, onde fica esse Departamento nos últimos anteriores 4 anos e posteriormente assumi também por designação da própria Universidade, a diretoria do Centro de Ciências da Saúde.

TF – O Centro de Ciências da Saúde engloba que...

FM – Não, o Centro de Saúde não, desculpe. A Diretoria do Centro de Ciências.

TF – Que engloba que Faculdade?

FM – A estrutura da universidade compreende vários centros: Centro de Humanidade, Centro de Ciências Sociais, o Centro de Tecnologia, o Centro de Ciências Agrárias, o Centro de Ciência da Saúde e o Centro de Ciências. O Centro de Ciências é... estão os departamentos de Química, de Física, de Matemática, de Geologia e eles não tem, vamos dizer, um curso completo, a não ser o curso de licenciatura em todas essas áreas científicas. Os cursos profissionalizantes das profissões mais comuns, como Medicina, Engenharia, etc., esses ficam nos outros centros. Então o Centro de Ciências inclui, realmente, diretor, e na época da diretoria foi quando eu me aposentei também. Aliás, já contei, nós... na diretoria, já estava com 37 anos de serviço e atividade burocrática já não me atraía muito porque era uma atividade de assinar as coisas absurdas, por exemplo, folhas de frequência de todos os professores e funcionários do Centro de Ciências. Então todas essas folhas passavam pela mão do diretor e ele tinha que assinar uma por uma, inclusive, propus ao diretor que, em vez de dar uma folha de frequência dessem uma folha de ausência, que aí você teria apenas poucas assinaturas a fazer e perderia muito menos tempo numa atividade tão simplória, principalmente, o sujeito sabendo que é uma atividade, é uma declaração escrita que não corresponde a verdade. Mas isso são os pequenos males que vão se somando na administração Pública Federal, Estadual ou Municipal, na administração Pública de um modo

geral. Ainda ligado a essa atividade administrativa, eu fui presidente da chamada Comissão Central de Pesquisas da Universidade Federal do Ceará. Foi em um período em que o governo fez um projeto de, vamos dizer, normalização do trabalho de pesquisa e ensino em uma universidade. O segmento inicial de categorias, através de um órgão central que se chamava Concretite e a Comissão Central de Pesquisas e esse órgão comandava as atividades dentro das próprias universidades que seriam feitas através das Copertites e eu fui presidente da COPERTITE durante muito tempo. Bem, eu acho que aí, com isso ficou encerrada a minha atividade administrativa na Universidade. Posteriormente, aliás, não encerrou ainda porque se tem um posteriormente, não é? Posteriormente então, eu acabei assumindo também a, já depois de aposentado, a Diretoria do Laboratório de Produtos Naturais sobre o qual nós já falamos; aquele laboratório que era uma estrutura sonhada, mas que resultou numa estrutura bem mais simples, muito aquém daquela que foi sonhada. Mas ela existe na Universidade, realmente necessitava de uma diretoria e na nova administração da Universidade com o novo Reitor, dr. Roberto Cláudio, então houve necessidade de escolher alguém e esse alguém, a contragosto, eu é que fui escolhido.

TF – A contragosto, por que é que o senhor aceitou?

FM – As razões dessa aceitação são claro, é a razão da participação de uma administração superior de pessoas que eu estava acreditando que deveriam fazer uma boa administração para a Universidade e que solicitou então... quer dizer, como ele mesmo diz: “Olha, eu sei que o seu trabalho está lá no seu projeto “Farmácias Vivas”, mas eu gostaria que você sacrificasse um pouco do seu tempo para me administrar o Laboratório de Produtos Naturais”. Aí como eu tenho uma das características que eu considero extremamente negativa da minha personalidade, que é uma enorme dificuldade em dizer não as pessoas. Eu geralmente (inaudível) e com isso eu estou colaborando com a reitoria da Universidade na administração desse pequeno laboratório.

TF – Professor, eu queria que o senhor fizesse uma avaliação assim, desse sua opinião sobre a administração pública a partir da sua experiência na administração. O quê que o senhor acha da administração pública? Mudou muito de quando o senhor entrou na Universidade para hoje em dia?

FM – Olha, em termos de Organização da Universidade mudou, mudou muito mesmo. Eu me lembro que na época que eu fiz concurso para a universidade, eu entrei como professor catedrático. Nesse tempo a administração da universidade era baseada no somatório das administrações das unidades de ensino e essa administração de unidade de ensino era uma administração dividida em duas partes: uma que era a parte executiva propriamente dita, que seria o diretor e o vice-reitor da instituição; mas o grande poder ficava num órgão que existia e hoje não existe mais, deixou de existir, mas que na época era um órgão, realmente, de muita força, porque correspondia ao pensamento dos professores dispostos hierarquicamente dentro da universidade... um Instituto que se chamava Congregação. Então a Congregação, realmente, ela decidia a vida de cada uma das unidades e, portanto, no seu todo decidia também a vida da Universidade. Infelizmente, essa estrutura depois foi considerada ultrapassada, principalmente por pessoas que tinham tirado os seus doutorados fora do país, os PHD's, e foi copiado o modelo norte-americano de estrutura universitária. E esse tipo de coisa aliado a um processo de, vamos dizer, de interferência na hierarquia da universidade acabou com a hierarquia da universidade,

praticamente acabou também com a disciplina que poderia existir e a universidade perdeu as Congregações, perderam as faculdades e foi toda departamentalizada. O departamento passou a ser aquela unidade pequena que não contava com as mesmas facilidades de, vamos dizer, organização administrativa que existia na antiga escola, na antiga faculdade. Esses departamentos foram reunidos em centros, esses centros também tiveram uma estrutura que eu considero uma estrutura administrativa também falsa, porque também não contavam com a mesma estrutura que havia nas faculdades porque se a gente comparar uma estrutura com a outra você vê que você tinha uma estrutura administrativa de uma faculdade onde tinha a parte administrativa com secretaria, com contabilidade, com bibliotecária, etc., funcionando. Na hora em que você desmancha essa estrutura e separa em micro-pedaços que foram os departamentos, depois junta todos os micro-pedaços das várias escolas e transforma isso em um centro, esse centro teria que ter agora uma superestrutura que seria o somatório das estruturas administrativas, isso nunca foi dado. Quer dizer, a idéia parece se tornar clara que havia, realmente... é uma maneira de você tirar o poder das universidades e esse poder ficar extremamente diluído. Se você agregar a isso outra influência, por exemplo, do departamento que foi acrescido por decreto de vários professores iniciantes, chamados professores colaboradores. O nosso departamento, por exemplo, nós tínhamos, vamos dizer, 12 professores concursados, alguns já no início da carreira, outros já no meio da carreira e de repente com um decreto você acresce mais 20 colaboradores. Na hora que há uma reunião no departamento o comando passa para os 20. Então a universidade passou a ser um, somando todos; todos os departamentos aconteceu a mesma coisa. Então a universidade passou a ser administrada agora de uma forma que... passou a ser administrada por pessoas inexperientes; que essas pessoas inexperientes passaram agora a eleger os chefes de departamento, passaram a eleger os representantes do conselho departamental e indiretamente, talvez, a eleger o próprio Reitor. Então, quer dizer, foi uma mudança extremamente radical, acho que não foi benéfica para a universidade apesar de ser teoricamente uma estrutura muito bonita quando você fala, eu mesmo cheguei a defender certos aspectos dessa reforma. Quando você saía do curso dividido em etapas anuais, você tinha o primeiro ano de Farmácia, segundo ano de Farmácia, terceiro ano de Farmácia etc., e passou a ter os cursos através de disciplinas semestrais. O grande argumento para isso é que você não poderia dentro de uma turma considerar que todos os alunos tivessem a mesma capacidade de aprendizado na mesma velocidade para quando chegar no fim do ano todos estarem na mesma situação; então com isso você daria, alguns alunos fariam três disciplinas por ano, outros duas disciplinas, outros faria seis disciplinas e com isso você estaria adequando o ensino a capacidade do próprio estudante. Bem, eu não sei até que ponto isso correspondeu a realidade, nunca fiz nenhum exame profundo disso. Simplesmente, como eu fiquei... quando eu saí da Farmácia e vim para o Centro de Ciências, eu fiquei ligado ao ensino básico, eu fiquei ensinando Química Orgânica para os alunos que estavam entrando na Universidade e isso aí realmente criou uma série de dificuldades ao ensino e basta dizer a você que eu cheguei a ensinar, a dar aula expositiva, como chamam de aula teórica, dar aula expositiva para 110 alunos de uma vez; quando você sabe que é praticamente impossível você conseguir uma comunicação em uma relação desse tipo, de um professor falando para 110 e que talvez 100 não estivesse nem sequer ouvindo. Bem, tudo isso interferiu, naturalmente, na estrutura administrativa da universidade. Eu não tenho, realmente, apesar de ter sido chefe de Departamento, algumas vezes de Centro, não é uma especialidade da minha atividade, eu não fui preparado para isso, mas dá para perceber perfeitamente que essa administração sofreu processos de crises bastantes grandes e posteriormente ela já está começando a se adequar. Dentro da própria Universidade houve já, por exemplo, inclusive, uma demonstração de poder da antiga

Faculdade de Direito que tinha passado a ser um conjunto de departamentos, não existia mais Faculdade de Direito, ela pertencia ao Centro de Ciências Sociais, mas aí os professores naquele curso de Direito não admitiram a manutenção, pensavam que era um rebaixamento do nível sair de faculdade para curso e fizeram uma reação muito grande, conseguiram a modificação do estatuto da universidade e conseguiram retornar a ser Faculdade de Direito. Foi a única, os outros, todos continuaram como curso, tem curso de Farmácia, curso de Engenharia, as de Engenharias foram divididas em “N” cursos, e esse é o quadro que a gente tem aí, extremamente agravado, agora já não mais por problemas de ordem, vamos dizer, estrutural, mas principalmente por ordem financeira. As universidades tem cada vez menos verbas e eu acho que se torna muito difícil administrar qualquer coisa que precisa ter uma despesa quando você não tem o recurso para cobrir essa despesa.

FD – Prof. Matos, o senhor é uma pessoa que tem um pensamento social forte, poderia dizer até assim... socialista, não é? Como é que o senhor viu a questão da ideologia dentro da universidade a partir do Golpe Militar de 64, aqui no Ceará, como é que o senhor vivenciou isso aqui.

FM – Foi... é um período que eu, inclusive, não gosto nem muito de falar. Foi um período terrível para a universidade porque... em função das minhas atividades, em função de ter sido um dos poucos professores do curso de Farmácia que tinham ido fazer sua formação lá fora, eu comecei a assumir uma certa liderança dentro do próprio curso de Farmácia e quando chegou o período da revolução, quem assumiu a diretoria da Faculdade de Farmácia foi um professor antigo, mas de extrema direita. A posição dele como extrema direita era tão declarada que ele saía de manhã de casa passava no quartel general para tomar café com o comandante da Região e de lá ele ia para a Universidade. Uma posição de subserviência que é inexplicável para uma pessoa que ocupa um cargo tão importante, ele inclusive era médico. Então em função disso, quer dizer, ele significava dentro da Universidade aquilo que o sujeito chama direita e eu, embora não significasse a esquerda, eu participava de um grupo que podia se chamar de esquerda e esse grupo então passou a ser realmente um grupo muito pressionado dentro da própria escola. Mas, a gente conseguiu sobreviver a toda essa situação, esse próprio diretor chegou em seguida a ser reitor da Universidade ainda durante o período revolucionário. E eu cheguei até a dizer em uma certa ocasião, não sei se hoje reafirmaria, mas eu tenho quase certeza que reafirmaria, que o malefício que foi feito durante esse período de diretor e reitor por esse professor significaria um mal que provavelmente nós levaremos meio século para recuperar, não antes. E a Universidade Federal do Ceará, às custas de uma série de professores que realmente tinham uma dedicação muito grande ao ensino e tinham um pensamento muito avançado em termos de administração superior e ensino, ela estava alcançando uma liderança muito grande dentro da Universidade Brasileira e...

FD – Isso antes do golpe?

FM – Antes do golpe. Inclusive, foi uma das poucas universidades, talvez a única, entre as jovens talvez seja a única Universidade que conseguiu reunir todo seu pessoal mais ativo num seminário chamado “Seminário do Planejamento de 6 anos”. Nós nos reunimos, os professores todos, de todos os níveis, inclusive aquelas figuras mais imponentes da Escola de Direito, até aqueles mais rebeldes professores jovens, se reuniram sobre o futuro da Universidade, o que é que a gente tem que fazer para o futuro da Universidade. E isso foi transformado posteriormente em um

documento chamado “Planejamento dos 6 anos”. O “Planejamento dos 6 anos” que não pode ser realizado porque pouco depois ele foi envolvido pelo processo revolucionário que aconteceu e que mudou tudo. Mas, então essa linha de pensamento, essa linha de desenvolvimento da Universidade que eu achava que ia levar a Universidade para uma situação de a gente poder dizer: “realmente, nós chegamos tarde em ter uma Universidade, mas vamos ter uma boa Universidade!” Essa linha foi que eu lhe disse que nós perderíamos essa velocidade e levaríamos 50 anos para retornar a ela, e tudo indica que já se passaram 25 anos e ainda não retornou.

FD – Vai demorar mais 25 anos.

TF - Foram muitos cassados? Como é que foi isso? Qual foi a consequência...

FM – Professores cassados lá na Escola de Farmácia nenhum, mas foram realmente submetidos a uma pressão muito grande, por exemplo, a dr. Maria Zélia Roqueiro que hoje é professora de Higiene e Saúde Pública, é aposentada e fez concurso de novo e continuou, ela foi presa porque disse que o leite do FISI [Fundo Internacional de Socorro a Infância] não era uma ação em benefício da criança pobre, era uma ação em benefício do empresário americano que estava com estoque de leite guardado em excesso, então que o organismo internacional tinha que comprar e distribuir. Mas o lucro foi para lá, é verdade que as sobras vieram para cá, mas a intenção não era atender; então por causa disso ela foi presa.

FD – O quê que é o leite do FISI?

FM – Fundo Internacional de Socorro a Infância, que distribuía leite gratuitamente, esse leite é... Nessa época, não sei se ainda hoje existe isso, havia uma distribuição realmente em larga escala de leite em pó, era um leite desengordurado, mas vinha acompanhado de milhares de cápsulas de vitamina A e D que tinham sido retiradas do leite, então precisavam ser repostas e também toneladas de quilos de queijo. O leite era todo distribuído com os organismos que cuidam das crianças pobres, favelados, etc., mas o queijo e a vitamina não, essas eram distribuídas por pessoa que poderiam comprar tudo isso. Então ela falou, realmente, era uma figura socialista, uma mulher muito inteligente e foi levada a isso aí. ...Que mais meu Deus! Bem, sempre eu ouvi o próprio dr. João Ramos, recebeu muitas pressões a respeito do trabalho que ele desenvolvia também, porque ele fazia declarações, por exemplo, desse tipo sobre a indústria brasileira, “a Indústria Química Brasileira só tem de brasileira o operário e o barulho das máquinas, que nem a máquina é brasileira”. Então isso mostrava realmente que ele estava de um lado e a situação estava de outro lado e por isso, realmente, o curso de Farmácia se dividiu bastante, alguns apoiando a direita outros a esquerda, mas no fim a tempestade passou.

FD – E foi nessa época que o senhor lançou a idéia...

FM – Do XPTO?

FD – É.

FM – Foi (risos)

FD – E aí o senhor saiu da Farmácia para a Química com isso.

FM – Exatamente.

FD – Porque na Química era mais fácil o trânsito, o seu trânsito, o trânsito da esquerda?

FM – Não sei se seria o trânsito da esquerda, mas era um trânsito mais honesto; inclusive quando eu fui sai o próprio João Ramos me pediu: “Não saia, não saia, essa situação vai passar e o curso de Farmácia precisa muito mais de você do que você dele”. Mas a situação tinha chegado a um ponto em que não dava mais nem para dialogar e o pessoal daqui, porque eu já vinha trabalhando junto, são diversos trabalhos de pesquisa, o ensino não, ensino era lá na Farmácia, mas algumas pesquisas eu já começava a visitar os laboratórios de Química porque o prof. Ventura, que eu já me referi também, ele tinha conseguido montar uma bela de uma estrutura que foi o Instituto de Química e Tecnologia da Universidade. Então ele já tinha muito equipamento, ele já tinha muito material, ele já tinha, vamos dizer, uma escola de trabalho em termos de química. Então como existia aquela, vamos dizer, uma forma oficial de poder ser usada para a minha transferência e que era a transferência da disciplina de Fitoquímica, na hora que a reforma reuniu todas as químicas reuniu também a Fitoquímica; e a Fitoquímica no desdobramento da Farmacognosia tinha ficado Farmacognosia e Fitoquímica. Então eu resolvi assumir a Fitoquímica que era uma forma, realmente, de sair de um tipo de problema e começar um tipo novo de trabalho. Então, durante o tempo subsequente, praticamente o ensino de Fitoquímica só foi alcançado quando foi instalado a pós-graduação na Universidade, a pós-graduação de Química-Orgânica onde eu assumi a disciplina de Fitoquímica com o nome de... .. como era o nome da disciplina...

TF - Isolamento...

FM - Isolamento... exatamente! “Isolamento e purificação de substâncias naturais.” (inaudível) Isso, inclusive, me levou a fazer um livro porque não existia um livro em português para Fitoquímica e os nossos alunos realmente não conseguem ler facilmente o inglês, então eu desenvolvi um livro que foi um livro de “Introdução a Fitoquímica Experimental”.

FD – Por que que o senhor diz que na Química as relações eram mais honestas, não entendi ainda direito essa diferença aí.

FM – Ah, não entendeu bem essa diferença? Bem, eu vou dizer, quando eu fiz o XPTO na Universidade, o XPTO não nasceu assim espontaneamente, ele não caiu do céu. O XPTO, ele foi desenvolvido depois de uma série de reuniões de professores que se interessavam pelo ensino, pela metodologia de ensino, pela estrutura do curso de Farmácia, eu tinha chegado com idéias muito novas sobre a estrutura do curso de Farmácia e me foram incutidas pelo meu orientador e por isso ainda hoje eu tenho aquele enorme respeito a ele, que foi o prof. Richard Wasicky, em que ele dividia as disciplinas do curso de Farmácia em dois grupos: as chamadas Ciências Farmacêuticas cujas disciplinas são disciplinas de Ciências Farmacêuticas e as disciplinas não Farmacêuticas e ele sempre achava que todos o currículo deveria ser dirigido para as Ciências Farmacêuticas e as não Farmacêuticas serviriam apenas como base para o desenvolvimento das Ciências Farmacêuticas. E quando eu cheguei na Universidade com essas idéias dentro dos cursos de Farmácia, o professor de Química Analítica disse: “Não, absolutamente! Química

Analítica também é uma Ciência Farmacêutica”. Eu eu digo: “Não, pode ser exercida por um farmacêutico, mas não é uma Ciência Farmacêutica”, é claro. Então isso mostra que não havia, vamos dizer, o que eu chamei de honestidade de propósito no ensino da estrutura do ensino; o professor poderia ser excelente, mas ele deformava a idéia do estudante no seu objetivo principal que era sair farmacêutico. Mas isso não aconteceu só no Ceará, isso aconteceu no Brasil inteiro a tal ponto que o próprio curso de Farmácia foi sucateado em benefício de um curso de Análises Clínicas, provavelmente por questões de ordem econômica. O farmacêutico saía, não tinha emprego porque a indústria estava sendo ocupada por outras pessoas e o curso não direcionava o farmacêutico para a indústria corretamente, então a brecha que se abriu, o espaço que foi aberto, foi Análises Clínicas onde o farmacêutico poderia ganhar dinheiro. Mas então ele não está sendo farmacêutico, isso para mim não corresponde a um tratamento honesto da situação ao passo que dentro da Química eu não tinha esse tipo de problemas, os professores eram químicos mesmo ou eram agrônomos, etc. Mas o objetivo da instituição era a Química e com isso eu achei que isso era muito honesto, fora, naturalmente, outras situações, por exemplo, de corporativismo. As pessoas que não gostam de ensinar comparecem o mínimo, dão o tempo integral, mas comparecem 3 horas por semana e ficam lá enquanto o pessoal do Instituto de Química dava tempo integral e ficava oito horas no trabalho dentro da Universidade. Então outro grupo media, vamos dizer, a honestidade de comportamento de um lado e do outro. Na Farmácia tinha alguns que faziam a mesma coisa, mas tinham muitos que não faziam.

FD – Professor, então olha só, o curso de Farmácia, ele nasce lá por volta do começo do século como uma disciplina da Medicina.

FM - Exato.

FD - Na década de 20 por aí, ele abre uma porta para a formação do farmacêutico ainda agregada a Medicina.

FM - Certo.

FD - E quando chega na década de 50/60 essa porta se fecha por conta do que o senhor chamou da “revolução industrial da indústria farmacêutica”

FM – Certo.

FD – Então esse curso de farmácia, ele existiu durante 20 anos, a formação do farmacêutico.

FM – A formação do farmacêutico mesmo.

FD – *Estricto sensu*.

FM – É, eu não sei se eu chegaria a essa conclusão numa análise tão rápida da questão, eu não sei se todas as variáveis já estão sendo analisadas para isso, mas de certo modo é verdade, porque o seu início, o início que você refere a ligação...

Fita 4 – Lado B

FD – Não era faculdade?

FM – Não, acho que era chamada Escola de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia.

TF – Isso no início do século?

FM – Isso em 1916 quando ela foi fundada.

FD – E antes disso a Farmácia era disciplina ou era especialização da Medicina?

FM – Bem, em termos nacionais eu acho que sim, não tenho análise sobre esse assunto.

TF – Seu pai era farmacêutico.

FM – Meu pai era farmacêutico formado em 1922.

TF – Ah, 22.

FD - E seu avô era farmacêutico?

FM– O meu avô era farmacêutico prático, não tinha curso naquele tempo.

TF – Mas não tinha curso só aqui no Nordeste. Lá no Rio de Janeiro já tinha!

FD - Não, não era autorizado ainda.

FM – O meu avô...não sei, na época do meu avô... eu sei que na época do meu bisavô que ele atuou também como farmacêutico, tanto que ele elaborou essa fórmula das pílulas de Matos e outras que subsistiram posteriormente. Ele, o título que ele tinha era o título chamado “Cirurgião do Imperador” que era formado pela Faculdade de Medicina, mas não era médico. Ele saiu do Ceará, foi fazer esse treinamento na área de saúde mostrando que era capaz de, saindo (inaudível) quando já saindo, era capaz de encanar um braço, consertar uma fratura, arrancar dentes e fazer um parto; então ele recebia esse título de cirurgião, não era propriamente um cirurgião.

FD – Ele foi fazer esse treinamento onde?

FM – Ele fez no Rio, na Corte, daí o nome de “Cirurgião do Imperador”, porque a corte ficava lá.

FD – É, mas a Bahia também tinha, não era mais perto?

FM – Tinha... não sei, mas ele fez no Rio, agora eu não sei qual foi a época do ano que ele esteve lá.

FD – Porque as duas faculdades de Medicina acho que se criou no mesmo ano no Rio e Salvador, no mesmo ano, 1800 e um pouquinho, 1812...

FM – É provável que foi atração da corte.

FD – É, quer dizer então que...

FM – Talvez o cunhado dele que era o senador Alencar, pai de José de Alencar, naturalmente estava na corte e facilitou para ele.

FD – E facilitou para ele.

FM - É, provavelmente é isso aí.

FD – Então o seu avô é... o seu bisavô desenvolveu essas técnicas a partir de um treinamento na Faculdade de Medicina.

FM - É, exato.

FD - E o seu avô não teve nem esse tratamento, ele teve sempre uma formação empírica.

FM – Acho que sim, não tenho certeza, não conheço a história correta do meu avô, não sei, porque a... esse tipo de conhecimento me foi transferido assim, gradativamente, ao longo da vida pelo meu próprio pai que conversava muito comigo sobre essas coisas, mas nunca me falou da formação do meu avô. Eu sei que o meu avô montou essa farmácia lá em Baturité, fazia as mesmas pílulas do meu bisavô, o pai dele, e ainda conseguiu fazer muito mais outras coisas, ele era muito empreendedor, inclusive chegou a ser até... editar um jornal que chamava-se “O Combate”. Por aí, pelo título do jornal você deve notar que ele já era um homem combativo e era um homem também de natureza bastante socialista, não sei se ele realmente era ligado a religião espírita, qualquer coisa, mas ele... a sexta-feira dele era sagrada. Sexta-feira ele abria a farmácia para atender os pobres onde ele fazia consulta como se fosse médico, aliás com o aval do próprio médico que existia em Baturité, e distribuía os medicamentos gratuitamente a pobreza, toda sexta-feira isso era sagrado.

FD – Não se elegeu nada por causa disso.

FM – Ele chegou a ser prefeito em uma ocasião em Baturité, mas não sei se foi em função disso ou não, eu acho que isso foi até posterior. Ele era prefeito acho que nos anos 20... acho que ele foi prefeito. Nesse tempo saiu uma publicação muito grande, publicação acho que, inclusive, de uma empresa internacional que é... título “Impressões do Brasil no século XX”. Você chegou a conhecer essa obra?

FD – Não.

FM – Ah, meu Deus, o cupim comeu a lá de casa!

FD – Mas eu vou procurar.

FM – Era um volume grosso, não sei quantas páginas, mas tinha pelo menos, o dorso dele devia ter assim uns oito cm de diâmetro, todo em papel cochê e com muitas fotografias da época do Brasil inteiro e onde está a cidade de Baturité, com o retrato do meu avô como prefeito nesse tempo; eu tenho uma cópia dessa página, consegui salvar do cupim. Bem, mas quanto a formação do meu avô... eu sei que ele... bem, a minha impressão pessoal é muito vaga. Quando ele morreu eu tinha 6 anos de idade e a maior lembrança que eu tenho dele são só de dois momentos, aquele momento do cavalo de cabeça para baixo para desenhar e o momento em que ele já doente, deve ter sido um problema de coração, ele sentado numa rede poucos dias antes dele morrer lá na casa dos meus pais e a meninada toda fazendo muito silêncio para não perturbar o velhinho e eu me lembro que quando passava no quarto eu olhava, ele estava sentado na rede se balançando, depois disso eu não me lembro de mais nada.

FD – Mas então aí, vamos pegar a memória mais do seu pai que o senhor lembra mais, não é? Seu pai era um farmacêutico com título de farmacêutico da Faculdade de Farmácia...

FM – Do Rio de Janeiro.

FD – Do Rio de Janeiro. E aqui no Ceará ...

FM – Não, não foi do Rio de Janeiro, ele começou o curso dele no Rio de Janeiro, então ele saiu daqui para lá como jovem em busca de conhecimento. Faculdade de Farmácia aqui não tinha sido fundada ainda no Ceará.

TF – Nem em Pernambuco?

FM – Não sei, acho que não, não sei. E logo no fim do primeiro ano a mãe dele adoece e ele volta para Fortaleza e ela morre.

FD – E ele já era casado quando foi para o Rio?

FM – Não, ele era solteiro, solteiro, e... morre e ele fica ligado a Farmácia Matos de Baturité. Foi quando meu avô, acho que ele começou nessa época a montar o laboratório lá na casa onde eu nasci, que eu falei ali perto da reitoria, e por alguma razão meu pai tinha uma amizade com o Juarez Furtado que já era farmacêutico; então induziu meu pai, “olha você já tem o início do curso de Farmácia, termina o curso de Farmácia”. E ele então entrou e terminou o curso de Farmácia em 1922 aqui no Ceará.

TF – Aí já tinha aqui.

FD - E nessa época que ele se formou, ele já tinha farmácia, tinha uma tradição... E as outras farmácias também eram de farmacêuticos ou elas ainda estavam amarradas aquela formação

empírica do seu avô, por exemplo.

FM – Olha, eu sei que tinha uma outra farmácia da mesma época do meu pai que durou muito tempo e chamava-se “Farmácia Artur de Carvalho,” mas eu não sei se o velho Artur de Carvalho era farmacêutico mesmo, eu tenho a impressão que era também formado aqui e essa farmácia, ela, acho que acabou-se há uns 10 anos mais ou menos, ficava ali perto da reitoria e eles geraram também um produto que ainda hoje é conhecido e é vendido, produzido aqui no Ceará chamado “Gotas Artur de Carvalho”; são gotas estomacais, são gotas amargas, “Gotas amargas Artur de Carvalho”, ainda hoje isso existe, já está na mão de terceiros, mas continua sendo produzido.

FD – E a relação entre esses farmacêuticos era de uma concorrência como vem a ser depois na Indústria Química ou era mais de colaboração?

FM – Não, acho que eles se respeitavam muito mutuamente, eu não me lembro de nenhum atrito em que, por exemplo, estivesse envolvido o meu pai em termos de farmácia com outras farmácias, não me lembro, pelo contrário, havia sempre era um certo apoio entre todos eles.

FD – O seu pai era capaz de indicar para um doente, um cliente, as “gotas Artur de Carvalho”?

FM – Ah sim, sem dúvida.

FD – Mesmo tendo um produto parecido...

FM – Não, ele não tinha um produto parecido, talvez por isso, se tivesse acho que ele indicaria o dele, claro, não é? Mas ele não se incomodaria de fazer isso.

TF – Me diga o seguinte professor, já na faculdade de Farmácia quando o senhor já estava trabalhando, entre os colegas seus, farmacêuticos, o senhor percebia uma trajetória também vinculada com a família com farmácias ou o quê que levava essas pessoas a fazerem o curso de Farmácia? Tinha muito essa relação família e formação?

FM – Não, inclusive eu estou com o retrato ali da minha turma todinha, por exemplo, ali o único que era ligado a farmácia era o José Artur de Carvalho que foi meu colega de turma. Então ele era, vamos dizer, de uma linhagem de farmacêuticos tradicional do mesmo jeito que eu também, do meu lado, mas os outros meus colegas não, eles iam fazer farmácia da mesma maneira como hoje acontece, eles escolhem um curso; primeiro, escolhiam um curso que não existia aqui, outro não tinha Medicina, as opções eram poucas, então eles ficavam: Farmácia, Odontologia ou Direito, não é? Eram as três, então se eles gostavam mais para o lado de Ciências deixavam... Ciências exatas deixavam Direito e ficavam optando entre Odontologia e Farmácia alguns... a maioria sempre decidia por Odontologia. As turmas de Odontologia sempre foram maiores que as turmas de Farmácia. Eu me lembro que quando eu terminei o meu curso minha turma era de 13 alunos e a de Odontologia era de 30, já havia essa diferença.

TF – Me diga o seguinte professor, nós estamos falando muito no curso de Farmácia relacionado com a Farmácia, mas no curso de Farmácia ele forma também Bioquímicos, quer dizer, a parte de Análise é extensa.

FM – Certo. Aí foi no XPTO que provocou a grande guerra...

TF – E tem a parte de alimentos também que eu não sei aqui como é que é.

FM – Também, também tem as disciplinas de tecnologia de alimentos. Isso continua...

TF – Sim, mas naquela época tinha uma procura grande? Quem fazia análises clínicas era o médico ou era o farmacêutico?

FM – Na minha época quem fazia as análises clínicas era o médico. O farmacêutico...

TF – Mas na faculdade tinha essa especialização?

FM – Não tinha porque... no começo quando eu me formei não tinha nenhuma especialização, já havia um sintoma de que o curso de Farmácia não estava nem adequado a realidade porque... turmas anteriores a minha, eles recebiam o título de farmacêutico, quando chegou na minha turma já havia um interesse industrial muito grande porque os laboratórios internacionais já estavam chegando no Brasil, alguns laboratórios no Rio de Janeiro e São Paulo também estavam desenvolvendo muitos produtos e a minha turma então, nós já fomos denominados de farmacêuticos químicos.

FD – O seu título é...

FM – É farmacêutico químico. Com o passar do tempo e com as reformas o curso foi subdividido, totalmente subdividido e eles criaram 4 linhas que seriam, vamos dizer, as especializações do curso de Farmácia. Aí saiu...

TF – São 4 anos.

FM – É, que seriam os 4 anos. O quarto ano seria dedicado a Indústria, Alimentos, Análises... e o que mais? Não, eram 4... agora não sei... toxicologia...

TF – Toxicologia estava colada com Alimentos.

FM – Com Alimentos? É que eu não me lembro bem, mas eu sei que foram 4 linhas. Isso praticamente desapareceu, hoje em dia está menor, eu acho que hoje em dia só tem 3, que é Indústria... não, só tem... Alimentos e...

TF – E Bioquímica.

FM – É, e Bioquímica.

FD – Da sua turma de 13 farmacêuticos químicos que se formaram, todos foram atuar como farmacêuticos?

FM – Sim, durante os primeiros anos de atividade sim. Eu, de certo modo segui uma atividade farmacêutica porque, quer dizer, eu entrei para o laboratório “Lilly” e exigia farmacêutico para essa atividade, um outro colega entrou para o laboratório, aliás, 1, 2, 3 entraram para o laboratório Rhodia e foram para a Paraíba para atuar lá, que exigia também farmacêutico, e os outros montaram farmácia; inclusive, um deles, por sinal, se batia comigo como primeiro aluno da turma, ele era epilético, mas um tipo de epilepsia assim um pouco diferente porque ele percebia antes. Então ele sentava sempre perto de mim e dizia: “toma nota aí que eu vou ao banheiro”, eu já sabia, chegava no banheiro deitava no chão e tinha a crise dele, passava alguns minutos, passava e ele voltava. Ele acabou, depois de alguns anos, comprando a Farmácia Matos de Baturité e eu me lembro do nome dele ainda completo (inaudível) Linhares de Souza Madruga.

FD – E essa família ainda é a dona da farmácia?

FM – Não, não é mais. Depois ele morreu, morreu cedo e a farmácia então já passou para outra mão.

FD – Quer dizer que então, na época que o senhor se formou quem se formava em Farmácia ia ser farmacêutico.

FM – Ia ser farmacêutico.

FD – Ia trabalhar com farmácia mesmo, manipular drogas...

FM – Exato.

TF – Não tinha uma relação com análises clínicas nesse tempo?

FM – Não tinha nenhuma relação.

TF – Como é que começou a ter esse casamento, o farmacêutico começou a assumir análises clínicas.

FM – Esse casamento começou logo depois dessa minha turma, talvez uns 4 ou 6 anos depois.

TF – Era de 50 então.

FM – É, já na era de 50 então começou esse casamento. Eu vou já lhe dizer porque em 1951 eu entrei para a Escola de Farmácia, 1960 eu estava voltando de São Paulo, aí logo em seguida 62, 63 foi a minha revolução parecida com a outra, não é? Que a minha era XPTO e nesse tempo análises clínicas já vigorava e foi uma das razões do XPTO foi aquela separação dos rumos dos cursos de Farmácia.

TF – A sua proposta do XPTO incorporava essa...

FM - Análises Clínicas?

TF - Análises clínicas.

FM – Não, desincorporava, entregava a...

TF – A Química?

FM – Não.

TF – A Medicina?

FM – Não, nem a Medicina, entregava a um curso que deveria ser criado e que posteriormente foi criado e que é chamado Biomédico.

TF - Biomédico.

FM - Só que apesar de criado o curso Biomédico, a especialização Análises Clínicas continuou vinculado a Farmácia.

TF – Isso já era na década de quase 80!

FM – Já.

FD – Isso é uma espécie de reserva de mercado...

FM – É, exato. É reserva de mercado, nada mais.

FD – O senhor acha que esse farmacêutico... quando o senhor se formou, a sua turma, esses farmacêuticos que se formaram lá, eles eram capazes de dar essa consultoria médica que o senhor acha importante que se tenha hoje num curso de Farmácia e que depois isso se perdeu ou já na sua turma já não tinham muito essa capacidade de estar identificando a doença, a droga que servia...

FM – Olha, você tem que me fazer passar aqui um filmezinho retrospectivo aqui na minha memória. Eu não posso tirar o exemplo por mim, que eu sempre fui mais ou menos ligado a isso porque na realidade quando entrei para o curso de Farmácia a minha idéia era ter feito Medicina, eu era ligado a isso. Mas, eu acredito que os farmacêuticos daquela época seriam já conselheiros, eu não sei, porque eu me formei em 45 e o exemplo que eu estou me lembrando aqui é de gente que terminou já perto de 60. O Edgard Rodrigues de Paula, da Oswaldo Cruz, ele inclusive se formou quando tomou conta da Farmácia, não teve dúvida, ele passou a ser um conselheiro terapêutico, mas eu acho que mesmo antes disso. Agora, dos meus colegas, por exemplo, o (inaudível) Linhares que foi para Baturité, ele fazia esse aconselhamento, quem era outro... Eduardo Pierre Solon também, esse fez durante algum tempo, ele teve farmácia também lá na cidade de Crato no interior do Estado e fazia esse tipo de aconselhamento, depois ele abandonou a farmácia e formou-se em Direito e foi advogado. Então, eu tenho a impressão que isso sempre foi mais ou menos embutido no curso, não de uma forma perfeitamente transparente, mas sempre foi embutido. Eu me lembro ainda como professor que tinha um outro professor chamado

Raimundo de Noronha Milfont, era farmacêutico, era também bacharel em Direito, mas era um dos que trabalhava na escola para a formação do farmacêutico do interior como uma especialização do farmacêutico que ele passava a chamar de farmacêutico clínico, porque já naquela época como ainda hoje havia uma dificuldade muito grande do deslocamento do médico que se formava na cidade grande para ir para o interior; geralmente ele era uma pessoa do interior que a família voltava, ia para a cidade grande, então quando ele se firmava aqui já não queria mais voltar e na idéia do prof. Noronha Milfont, eu acho que, realmente, era uma boa idéia introduzir no curso alguns ensinamentos de médico e de diagnóstico de terapêutica e, essa gente que entraria nesse curso seria essa gente destinada a trabalhar no interior, mas isso nunca foi aprovado.

FD – E os médicos tinham uma relação de desconfiança em relação a esse papel clínico do farmacêutico? Como era essa...

FM – Ah, sempre tiveram, sempre houve uma espécie de divisão de espaços entre a Medicina e a Farmácia que foi muito aumentada no período do desenvolvimento da Análise Clínica entre os farmacêuticos. Isso realmente chegou a ser quase uma guerra declarada e se tornava tão evidente que eu sempre gostei muito de fazer palestra sobre Farmácia, você deve ter visto no currículo aí inúmeras palestras que eu fiz, eu tinha mais ou menos uma frase padrão quando ia falar para os farmacêuticos que eu dizia que, fazendo um paralelo entre o médico, não só o médico, mas principalmente o médico e o farmacêutico, é que o médico e outras profissões, engenheiro, etc, eles começavam a vida com um crédito, quer dizer, na hora que eles apareciam na sociedade diziam: “Eu sou médico”. Aquilo significava um crédito e o farmacêutico começava a vida com um débito, na hora que ele chegava na sociedade e dizia: “Sou farmacêutico!” As pessoas diziam: “Ih! Esse cara não é de nada!” Então farmacêutico tinha que primeiro pagar o débito através da sua atividade, provar que realmente ele era um bom profissional. E olhe, ainda hoje eu digo isso associada a uma expressão que eu também uso já há bastante tempo: “o farmacêutico sempre teve o hábito de perder o bonde da história”.

FD – Por quê?

FM – Porque quando começou o desenvolvimento da indústria farmacêutica no Brasil os cursos de Farmácia não se adequaram a isso, resultado, a maioria das indústrias passaram a utilizar um químico para isso. Então, quando passou esse bondinho o farmacêutico perdeu; agora mesmo ele está perdendo. A fitoterapia, é hoje, acho que é quase uma moda, todo mundo fala em fitoterapia, todo mundo quer fazer fitoterapia, é cursinhos de fitoterapia em todo canto; nenhuma Escola de Farmácia... talvez nenhuma não, algumas tenham um curso de fitoterapia, as outras... a nossa aqui não tem. Então a fitoterapia está chegando, há uma luta enorme em termos nacionais para a regulamentação da profissão do terapeuta que, provavelmente, vai se conseguir, eles vão fazer também a regulamentação do fitoterapeuta, aí o fitoterapeuta assume isso que está simbolizado aqui no projeto Farmácia Viva e o farmacêutico vai ficar de novo olhando, deixando o bonde passar.

TF – Professor, mas dá para perceber, falando nesse assunto, no ano passado eu fui, encontrei com o senhor, inclusive no ano retrasado, naquele congresso em São Paulo de Farmacêutico.

FM - Sim, exato.

TF - E tinha ali uma gama muito ampla, me fez inclusive deslocar para São Paulo, de discussões sobre fitoterapia, sobre plantas e esse ano até trouxe o programa. Esse ano quando eu fui ver o programa ele estava rarefeito a essa questão, tinha uma mesa redonda, uma palestra e nada mais, não houve discussões sobre isso. O quê que aconteceu nesse Congresso? São os organizadores que...

FM – Não sei, não sei.

TF – O senhor foi a esse Congresso?

FM - Qual é deles?

TF - Ainda vai acontecer, desculpe. O senhor tem pretensão de ir lá?

FM – Não, não fui e acho que também não estou aqui.

TF – Não está.

FM – Eu estou no de Campinas.

TF – O de Campinas é de Farmácia também?

FM – O de Campinas... eu acho que é de Farmácia... é de Plantas Medicinais onde eu fui convidado, inclusive, para a abertura, para fazer uma palestra e... Eu não sei, nesse movimento de fitoterapia...

TF – Mas aí é o Simpósio Nacional.

FM – Não, não é o Simpósio Nacional, o de Campinas não é. É o do CPQBA [Centro de Pesquisas Pluridisciplinres de Química, Biologia e Agricultura].

FD – CQBA.

FM – CPQBA.

FD – CPQBA.

FM – CPQBA, Centro de Pesquisas Químicas Biológicas. CPQBA, Ok! É lá! Mas nesse movimento de fitoterapia que corre o Brasil todinho de ponta a ponta, tem havido muitas reuniões que discutem o assunto, a principal delas é essa seqüência do Congresso, é... “Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil”. Já está no 14º, mas ele não é muito... ele é muito mais ligado a Produtos Naturais do que fitoterapia, ele foi criado mesmo Produtos Naturais, mas está crescendo...

TF – Por que ele chama Plantas Naturais? Chama Produtos Medicinais.

FM – Mas todo Químico chama Plantas Medicinais, não é? Não era de aplicação, ultimamente o aspecto de aplicação, o aspecto etnobotânico, ele tem crescido muito nesses congressos. Mas, aí surgiram alguns movimentos, por exemplo, em São Paulo teve um movimento muito grande ligado ao chamado, era o “Projeto de Fitoterapia do Litoral Norte”. Eu não me lembro das pessoas... esse é um dos nomes que eu esqueci, essa... eu acho que ela é farmacêutica... eu não sei se ela é farmacêutica ou médica, inclusive, ela é japonesa, nissei, japonesa não, nissei e ela trabalhou muito nessa área, mas nunca foi muito para frente. Depois teve aonde? Teve no Rio de Janeiro um movimento também muito grande iniciado pela Elizabeth (inaudível) que queria também fazer o desenvolvimento de Fitoterapia.

TF – Como é que foi esse negócio do Rio? O senhor tem conhecimento desse negócio do Rio?

FM – Do Rio tenho; e ela conseguiu agora lavar um (inaudível). Ela conseguiu que o Estado criasse o programa Estadual de Fitoterapia, inclusive, ela me telefonou e me mandou um fax com o decreto do governador do Estado. A linha de trabalho dela é um pouco diferente, é muito mais parecida com a linha de laboratório de tecnologia farmacêutica, quer dizer, só que vai trabalhar com plantas adquiridas no mercado, ela não vai trabalhar em cima de cultivo de plantas medicinais. Aí tem um outro grupo muito bom em Olinda que foi liderado, eu tomei conhecimento desse grupo já naquele 10º, quer dizer, há 8 anos passados, liderado pela dr. Evani Araújo, que é uma médica que resolveu se dedicar de “corpo e alma” e como ela é da Saúde Pública, ela implantou dentro da Saúde Pública de Olinda o uso da fitoterapia e também já conseguiu que a Prefeitura montasse um laboratório de Fitoterapia da Prefeitura de Olinda e essa tem cultivo de plantas, tem terra onde ela pode colher as plantas silvestre e plantar essas que são cultivadas. Aí tem um outro grupo grande também em... no Maranhão, no Maranhão com a dr. farmacêutica Terezinha Rego, tem um programa também muito grande de plantas medicinais. O programa da Terezinha é vinculado... é muito parecido com o programa das pastorais, ela faz a utilização de plantas, mesmo das plantas empíricas, ela divulga, ela monta postos dentro da cidade, etc. Então tem esse trabalho muito grande dela. É considerada uma das líderes da etnobotânica no Brasil e, realmente, ela tem muitas informações sobre etnobotânica lá no Maranhão, que é muito rico nesse tipo de informação. E o meu que ficou um pouco diferente dos outros porque eu comecei com essa linha, vamos dizer, de sempre recomendar só a planta que fosse validada, cientificamente obtivesse, vamos dizer, um respaldo de publicação científica.

Fita 5 - Lado A

TF - Fita número 5, dia 11 do 6 de 1997.

FM - Bem, como eu estava dizendo, então eu deixei realmente por último, a... a... .. programação de fitoterapia aqui do Ceará, que é a que eu criei, né, chamada “Projeto Farmácias Vivas”. Tem suas características muito próprias, né, porque realmente esse projeto, ele não nasceu da etnobotânica como os outros projetos normalmente nasceram. Esse projeto ele nasceu a partir de uma experiência preliminar científica, envolvendo as áreas de botânica, de química e

farmacologia. Então, essa experiência de botânica, química e farmacologia, levou à uma associação a etnobotânica, que permitiu que todo um acervo de informações é... adquiridas durante muitos anos de trabalho, nessas 3 áreas, pudessem ser agora utilizadas no processo de seleção das plantas que deveriam ser repassadas para as comunidades. Então isso aí gerou o chamado “Projeto Farmácia Viva”. O projeto cresceu, passou a ser imitado em muitos lugares de uma forma correta, outras de forma incorreta. A única coisa que realmente não me agradou muito foi o fato de é... da expressão “Farmácia Viva”, que foi criada por mim, num dado momento em que eu disse: “Bem, eu preciso plantar hortas medicinais. Mas hortas medicinais existem em todo canto! Todo mundo tem a sua horta medicinal! Como é que eu vou distingui-las?” Aí me surgiu a idéia, vou chamá-la de “Farmácias Vivas”! O nome agradou tanto que hoje todo mundo usa isso aí... inclusive outro dia eu recebi uma correspondência... dos Estados Unidos, via indireta – essa correspondência foi mandada para uma empresa chamada Central Flora, não é, é acabou caindo na minha mão pra completar algumas informações. E a pessoa colocava lá no cabeçalho do papel dela: “*Living Pharmacy*”. Eu digo (risos): “Meu deus! Já chegou lá?!” E... bem, então eu passei a chamar “Farmácia Vivas Verdadeiras” e as outras “Farmácias Vivas”, pra distinguir realmente. Porque hoje todo mundo, as próprias... a Pastoral da Criança, por exemplo, não trabalha com... com farmácias, com plantas medicinais reconhecidas, mas elas só chamam “Farmácias Vivas”. Bem, o nome ficou. Tá bom, deixa pra lá! Mas isso gerou alguns frutos interessantes também. Por exemplo, ah... a maior influência do desenvolvimento da fitoterapia do estado em termos de Farmácia Viva foi o repasse da Farmácia Viva para um programa municipal. Que já tem 4 instaladas e com uma programação para uma instalação de mais 12. Nos... nos centros que foram criados pelo... prefeito Juraci Magalhães ainda na primeira gestão, chamados centros de... centros de... É, são CIES: Centros Integrados de Educação e Saúde. Esses centros são construídos na periferia da cidade, são 14 centros. Cada centro fica dentro de 1 hectare de terra, onde tem um prédio com a...as condições necessárias para escola e posto de saúde. E creche, inclusive parquezinho de criança, etc. E eu propus ao secretário de Saúde da Prefeitura que adicionasse a isso a Farmácia Viva, já que ele tinha terra. E que aquele horto, que aquela Farmácia Viva, aquela horta de plantas medicinais, funcionaria inclusive como um material didático para os alunos, para os próprios alunos aprenderem a trabalhar a terra e etc. E embora não, pra eles, um estudante, criança, saber o que é medicinal ou não é, é diferente. Mas cada um teria um farmacêutico e um pequeno laboratório, onde as plantas seriam transformadas em medicamentos e o posto de Saúde... daí essa idéia. Bem. Eu mexi tanto com isso que a Câmara dos Vereadores resolveu criar “O dia municipal da planta medicinal”. E usou o dia 21 de maio pra isso. Hoje, aqui no Ceará, 21 de maio, que é o dia do meu aniversário, passou a ser o dia da planta medicinal aqui. E, já posteriormente, agora recente, nesse seminário de Fitoterapia da Prefeitura, foi criado também o prêmio “Farmácia Viva”, que seria dado anualmente a três pessoas que se destacassem no... no campo da fitoterapia aqui na cidade de Fortaleza. Ou o mesmo fora, o prêmio é... é... dado a qualquer pessoa. Isso pra mim funcionou de uma maneira realmente como se fosse uma gratificação de uma atividade que eu passei a desenvolver mesmo depois de aposentado, e pela qual eu realmente me apaixonei porque ela passou a sintetizar todo o trabalho que se tinha sido desenvolvido anteriormente.

FD - Professor, o senhor fala assim, que o projeto... o seu projeto Farmácias Vivas, gerou uma série de cópias, de clones que o senhor considera alguns corretos e outros incorretos...

FM - Exato.

FD - O que é uma cópia incorreta do projeto Farmácias Vivas?

FM - A cópia incorreta é aquela que emprega e divulga o uso de plantas medicinais que não foram validadas. Essa eu considero uma cópia incorreta.

FD - Então todos esses projetos que o senhor citou: é... de São Paulo, de Olinda, do Rio de Janeiro, de São Luís... eles seriam cópias incorretas.

FM - Não. Não porque esses não seriam cópias. Esses surgiram concomitantes. Né?

FD - Tá.

TF - Não como Farmácias Vivas.

FM - Não como Farmácias Vivas.

TF - Eram fitoterápicos.

FM - É tanto que lá, no Maranhão por exemplo, aquela... Teresinha Rego, não chamava de Farmácias Vivas! Ela chamava...

TF - Então quais outros no Brasil se chamam Farmácias Vivas?

FM - Olha, são principalmente aqui no próprio estado do Ceará. Tem muitos, muitos. A Pastoral só chama Farmácia Viva hoje, né? E a Pastoral ela tem essa qualidade de se estender por todo território nacional, né? Então eles se reúnem periodicamente e as informações então são trocadas e o nome Farmácia Viva foi adotado.

TF - E alguma outra faculdade ou algum que não esteja vinculado à faculdade, mas um grupo de pesquisa em produtos naturais e plantas medicinais, foi criado também horto ou essa é uma... (inaudível)

FM - Só um, que eu não sei, mas acredito que tenha sido ainda do tempo do Delby, (ruído) eu fiz algumas visitas lá ao LTF [Laboratório de Tecnologia Farmacêutica], já tinha aqui o meu horto e um dia eu fiz uma palestra lá mostrando tudo, né, e realmente eu insisti muito com o Delby, pra fazer a mesma coisa lá onde ele tinha, vamos dizer, maiores condições do que as que tenho aqui. Né? Inclusive a instalação do horto de plantas medicinais dentro do setor de química, foi muito polêmica. Criou inclusive algumas áreas de atrito. Mas lá não. Lá é um laboratório de tecnologia farmacêutica, então lá eu não tenho dúvida de que caberia realmente um horto. E eles realmente montaram. Hoje eles têm lá. Mas não chamam de Farmácias Vivas. Só que o Delby me prometeu uma coisa que não fez: disse que no dia da inauguração do horto mandaria me chamar porque queria colocar uma placa “Horto de Plantas Medicinais do LTF Professor Abreu Matos”, mas não fez. (risos)

FD - Mas olha só, então o senhor citou projetos que não são cópias incorretas como o senhor

disse, porque não são cópias inclusive...

FM - Hum, hum. Porque seguem outra metodologia.

FD - Seguem outra metodologia, agora todos eles seguem experiências oficiais. O senhor me omitiu por exemplo, a experiência do dr. Selerino Arricone...

FM - Sim... eu omiti, sei lá, por uma... por um lapso!

FD - Porque ele estaria no mesmo padrão dessa experiência de São Luís, da de Olinda...?

FM - Não. Diferente, diferentes... É... Seria por exemplo, bem próxima da experiência de São Luís, por exemplo, e da de Olinda, onde ele também... é experiência dele também em Olinda. Você vê a experiência da Evani, bem próxima também. Tanto no caso da Evani como no caso do Selerino, o projeto de fitoterapia desenvolvido por eles, tem uma vantagem sobre todos os outros, inclusive sobre o meu. É que eles começaram com uma orientação médica, né? A... no caso do Maranhão, a orientação é farmacêutica, aqui no caso do Ceará, a orientação também é farmacêutica, né? Tanto que o aspecto clínico do projeto Farmácia Viva deixa muito a desejar. Exatamente por isso, eu tenho que estar sempre buscando apoio clínico pra complementar o projeto. Lá ele já tinha... dentro de si mesmo a parte clínica. E é como eu falei, o... o projeto da Evani praticamente já foi englobado pelo projeto da... do Selerino. Não foi totalmente englobado porque a Evani trabalha no centro de Saúde, no Centro Municipal, né? Então tem um posto de Saúde, tem... é separado. Mas elas trabalham muito em comum enquanto que o Selerino trabalha numa organização não governamental, não é, e o trabalho dele não é centralizado, é distribuído, praticamente em todo o Nordeste. Ele desenvolve esse trabalho... com um acompanhamento muito grande, não é? Eu aliás já expliquei que ele procura selecionar as plantas da própria observação clínica e quando ele acha que o número de observações favoráveis é suficiente, ele incorpora aquilo no seu... se... a nível de aconselhamento. Você pode usar essa planta porque ela funciona. É... mas que ele mesmo faz até, vamos dizer, uma pós seleção desse trabalho, como a gente pode tirar pelo livro que ele publicou. Ele publicou um livro: "Plantas medicinais e alimentícias". E neste livro "Plantas medicinais..." não estão, são poucas as plantas que ele colocou. E eu sei que ele usa muito mais plantas. Até pelo próprio cartaz dele da, das "7 plantas para 7 dores", tem plantas que não estão incluídas no livro. O livro dele tá calcado também num levantamento de informações bibliográficas muito bom. Por sinal criado, foi criado um sistema pra isso chamado "Rei de Mandacaru". Foi criado por uma farmacêutica alemã. Ela está bem abrazeirada já, embora não tenha conseguido se firmar no Brasil. Ela não... eu acho que ela continua com cidadania alemã. Casou-se com um alemão que mora na Alemanha, um médico, né, que também tinha tentado ficar no Brasil, mas também não conseguiu ficar, teve que voltar pra Alemanha. Então ela vai, passa um período na Alemanha, outro período aqui no Brasil, e ela desenvolveu um programa de... de banco de dados sobre plantas medicinais baseado em informações etnobotânicas e informações bibliográficas. E pra satisfação minha, a maior parte dos dados que estão lá foram os que saíram aqui do meu computador para o dela. Mas eles têm lá também muitas informações.

FD - Olha só, dr. Matos, é... então o projeto, por exemplo, desses projetos que o senhor falou, eles todos se baseiam em pesquisa etnobotânica. Etnobotânica é considerado um campo

científico, não é?

FM - Certo.

FD - E o trabalho das Pastorais? Como é, como o senhor avalia ou como os cientistas avaliam esse trabalho das Pastorais em relação a essas outras experiências que também são oriundas do conhecimento empírico popular, mas que o cientista atrela a um conhecimento científico que é etnobotânico?

FM - Olha, eu acho que o trabalho feito pelas pastorais, apesar de ser um trabalho realmente muito útil... é um trabalho que mereceria um certo repasse. Não sei se eu estaria puxando, querendo colocar um esquema de trabalho das outras pessoas dentro do meu esquema de trabalho, mas o trabalho da pastoral, parte da informação é etnobotânica. E essas informações são repassadas de grupo a grupo, de botânica do Rio Grande do Sul ao Amazonas. E muitas plantas são completamente diferentes. Como eles não usam o... o crivo científico na designação da planta, que seria o seu nome científico para que a informação pudesse ser passada inequivocamente, eles usam a informação popular. E além disso eles fazem muita experimentação clínica com esses, esse grupo que eu não sei como é que a gente poderia chamar. Seriam “fitoterapeutas leigos”. Ele é numerosíssimo, é de geralmente mulheres. Então elas fazem a própria experimentação, mas sem o embasamento que o Selerino tem. Sem o embasamento que uma Evani tem. Então começa a surgir um receituário muito grande em torno disso. Eu, numa ocasião fui convidado para uma reunião dos grupos de Pastoral da Criança lá em... no Paraná. É... eu ouvi umas palestras, apresentei a minha palestra e surgiu... naturalmente gerou umas certas discussões. Umas favoráveis, outras desfavoráveis. ... Mas sempre a gente chegava numa situação em que o aspecto de... vamos dizer, de desenvolvimento de um trabalho prático superava nas pessoas a idéia de um crivo científico que poderia ser colocado ali. Chegava uma das representantes da Pastoral e fazia a declaração de que tinha uma fórmula praticamente secreta em que ela estava utilizando para curar AIDS e que já estava com 6 casos de AIDS totalmente curados. Depois de muito esforço a gente conseguia que pelo menos que uma das plantas da fórmula secreta pudesse ser dita, que seria a babosa. “Não, a babosa. Mas o resto da mistura eu não digo o que é.” Bem, então esse aspecto não científico do... trabalho das pastorais é que eu critico, né? E tentei realmente induzir e oferecer às pastorais o apoio da universidade, para que essa divulgação pudesse ser feita com base num conhecimento científico correto de cada uma das plantas. Elas seriam uma grande arma para a Saúde Pública porque elas estão espalhadas no Brasil inteiro e que se pudesse utilizar esse esquema eu acho que seria melhor do que usar o esquema deles. Um pequeno exemplo, que não foi nessa reunião, mas numa visita que eu fiz a um grupo pastoral que tomava conta do Hospital de Quixeramobim, aqui no Ceará. Eu tava lá numa visita de férias, tomei conhecimento de que existia isso e a pessoa que me convidou disse: “Vá lá, vá lá! A irmã usa não sei quantas plantas... Vai ser um encontro interessante entre vocês.” Eu fui e realmente ela tava... ela usava muito empirismo em todo trabalho dela. Eu tentei levar o trabalho Farmácia Viva pra ela. Aí ficamos em posições opostas e no fim da nossa discussão ela acabou dizendo: “O senhor faz o seguinte, o senhor fica com a ciência dos homens que eu fico com a ciência de Deus.” Eu digo: “Pois não! Agora a sra. conseguiu um sócio que eu não consigo lutar contra ele. Eu encerro a minha conversa aqui mesmo.” Então esse aspecto é que eu acho que não é um aspecto, vamos dizer, que seja de natureza útil em termos de saúde pública. Ele é muito útil em termos sociais, mas em termos de saúde pública ele não é muito útil. Ele poderia

ser melhorado. Bastante melhorado se houvesse uma abertura maior ou talvez se houvesse a possibilidade da formação de pessoas especializadas que pudesse chegar mais intensamente até todos esses outros grupos.

FD - É... essa resistência que esses grupos populares têm em relação à proximidade do cientista com seu trabalho, ela muitas vezes é motivada por algumas posturas do cientista é... em relação por exemplo, àquela coisa da patente...

JC – Ah sim.

FD - ...Que a gente tava conversando ontem. Quer dizer, esse cara ou esse sujeito mesmo que vem aí conversar com o senhor sei lá o quê, né? Quer dizer, vem, vai um cara lá... como colaborador, com uma postura de colaborador...

FM - Certo.

FD - ...absorve aquele conhecimento... e transforma aquilo numa ponte de lucro e o produto dessa transformação é inacessível à população. Então, essas pessoas, elas resistem em abrir seu conhecimento. Não é?

FM - Exato. Isso acontece. Acontece.

FD - O senhor não acha que tem uma postura do cientista muito...

FM - Mas será que seria a postura do cientista ou é a postura do empresário? (risos)

FD - Eu estou lhe perguntado.

FM - Não é? Isso existe naturalmente, né? Isso existe e é reconhecido em todo canto... Ainda, você falou nisso aí, eu me lembrei imediatamente de uma viagem que eu fiz à Barra do Corda, onde eu queria conhecer a... lidar com os índios. E eu sabia que lá em torno da cidade de Barra do Corda no Maranhão, tinha umas 6 aldeias de índios. Então, fui lá, e ao chegar em Barra do Corda, pedindo uma informação ali, me aparece uma dessas pessoas que eu acho que são bem características do local. Disse: “Ah, doutor, o senhor anda atrás de planta pra indústria farmacêutica? Eu conheço tudo por aqui. Vamos embora. Minha diária é de tanto, eu vou com o senhor e lhe mostro tudo.” Quer dizer, isso aí existe. Mostrando que há uma frequência muito grande de pessoas interessadas nisso. Bem, isso foi um lado da moeda, quando eu encontro o outro lado da moeda... (ruído) é quando eu conheci o genro do cacique que trabalhava numa serraria. Aí eu falei pra ele: “Ah, me leva pra lá, eu quero ver essas coisas...” E saímos andando, fomos de carro um grande trecho, depois a pé... Ele: “Mas o que é que o senhor quer realmente saber dos índios em termos de planta medicinal?” Não, “O que é que o senhor quer saber dos índios?” Eu disse: “Não, eu quero saber quais são as plantas medicinais que eles usam, que eu trabalho nessa área. Trabalho na universidade, não trabalho para indústria... Não é? Então o meu interesse é meramente científico.” “Ih, doutor, então o senhor perdeu sua viagem! Cada aldeia tem uma farmácia da CEME [Central de Medicamentos]. Índio diz que não quer mais remédio de índio só quer remédio de branco.” Né? E realmente eu não consegui nenhuma informação

mais lá. A não ser aquelas informações já da excursão de coleta individual, pega uma planta ali, pega um caboclo acolá, uma informação ali, uma velhinha que morava numa casinha dá outra informação, etc. Mas essa que era dirigida, não consegui. Mas... quer dizer, essa caracterização de que há uma espoliação do conhecimento, não é, isso existe. Mas existe também um outro lado. Aqui no Nordeste, não sei se a gente pode generalizar, mas pelo menos aqui no Ceará com certeza, a informação etnobotânica está totalmente... degradada. A... uma grande prova disso é que nós temos aqui bem perto uma... restos de uma tribo de índios chamada “Tribo dos Tapebas”, que vive às margens das estradas, embora o governo... o INCRA... a FUNAI [Fundação Nacional do Índio] já tenha conseguido terras pra eles, etc, mas as terras não são desocupadas. Fica aquela briga eterna entre o proprietário e o vizinho que ocupou aquela terra, né? Então nós fizemos através de um... de uma enfermeira que trabalha no... no Serviço Nacional de Saúde. Ela tava querendo fazer um trabalho em cima disso, parece que é uma tese, um concurso, qualquer coisa assim, e nós fizemos um levantamento das informações etnofarmacológicas desses índios. Não ficou diferente do Mercado de São Sebastião aqui. Eles não tinham nenhuma informação que eu chamaria de tradicional. Depois de repassar todos esses estudos e essas informações todas, eu hoje separo a chamada informação popular, eu separo a informação tradicional e a informação não tradicional. A tradicional, são aquelas que no meu modo de pensar, aquelas que têm 2, 3 séculos de repetição, né? Você pega informações realmente antigas, é isso aí, você encontra uma informação tradicional. As que não são tradicionais são aquelas que praticamente novidade. É quando você pega uma planta e transforma o nome dela num nome de um medicamento de farmácia, um chama terramicina, chama penicilina, chama anador, uns chamam insulina, etc. Mostrando que realmente isso aí não tem nada de tradição. A informação tradicional antiga não sabia nem o que era insulina! As plantas tradicionais, de uso tradicional, essas eu acho que elas devem ser realmente estudadas o mais urgentemente possível antes que desapareçam. As outras, funcionam talvez, de certo modo como pista, dependendo da frequência em que elas sejam indicadas para a mesma indicação terapêutica. Dependendo da frequência com que isso acontece então ela pode funcionar como pista muito boa, senão realmente não adianta. Então você encontra plantas que não eram nem brasileiras, que de repente chega aqui e as pessoas passam a utilizar. Mas desse conjunto todo eu ainda separo, faço uma outra classificação, eu chamo as plantas da etnobotânica, aquelas que são recomendáveis, pra mim são aquelas que coincidem com as plantas da Farmácia Viva. As não recomendáveis, que são aquelas que a gente só tem prova de que elas são realmente nocivas. E as outras eu coloco copiando um método de trabalho que foi utilizado no Caribe, né, que eu chamo de “Plantas em estudo”. Quer dizer, eu não sei se elas servem ou não servem, estão em estudo. De um modo geral eu acho que não devem ser utilizadas, as utilizadas seriam só as recomendáveis. Agora, é pena que todo esse tipo de informação esteja realmente se perdendo ou praticamente já esteja perdida. E...

FD - Por que?

FM - Foi perdida por falta de tradição. É aquilo que, por exemplo, que o próprio Adalberto lá no projeto dele tenta fazer. Foi perdida porque, a informação se perdeu quando o homem perdeu a sua própria identidade na hora que saiu do interior massacrado por alguma razão e veio para a cidade, e transformou-se num favelado. Aqui ele perdeu identidade, perdeu família, perdeu cultura, perdeu tradição. Então como a gente vai agora descobrir qual é a planta tradicional nesse meio? Eu acho praticamente impossível. Eles vão passar a integrar a nova cultura da cidade. Eles vão usar insulina, a terramicina, etc. É isso que eles vão fazer.

TF - Quando o senhor esteve em Barra do Corda, é... o senhor estava caminhando na direção dos índios para conversar com eles.

FM - É. Exato.

TF - O senhor deu essa informação de que havia desaparecido, o senhor foi aos índios?

FM - Não cheguei a ir até lá. Aí bem, senão existe, mas o pajé, aquele receitador, não é, que o pajé transformou-se...

TF - O senhor não checkou isso.

FM - Não, não chequei! Simplesmente acreditei na informação do genro do cacique, né? Também não sei se ele tava querendo ocultar, não é, também. “Esse homem veio buscar informação aqui...”

TF - É. É muito provável.

FM - Né? Não sei.

FD - Agora, olha só, é... então aí a gente tem uma certa concorrência no campo das plantas medicinais ou da fitoterapia que eu acho mais correto usar agora nesse sentido que eu estou colocando, entre os campos, um conhecimento científico e um conhecimento popular, não é?

FM - Certo.

FD - ...tem-se uma concorrência. E ao mesmo tempo tem-se uma concorrência de mercado entre...

FM - Sim.

FD - Entre... porque esse cientista, né, ou o não cientista, mas o que... decorre do conhecimento sistematizado pela ciência, vai ocupar um espaço tradicionalmente usado pela população e que é não só um espaço de poder pelo conhecimento, mas de poder por ser mercado de trabalho, por ser a profissão desse raizeiro, dessa rezadora... Não é?

FM - Hum, hum.

FD - Não tem forma de integrar isso?

FM - Olha, eu acho que sim e acho que devia ser integrado. Eu dei já uma idéia sobre isso, né, quando eu falei no chamado “médico de pés descalços”. Eu acho que seria uma obrigação do próprio governo na sua área de saúde, tentar reciclar o conhecimento dessa gente e corrigir o uso de planta que eles fazem, né? Talvez o grande problema que possa decorrer daí é que fazendo isso, eu estaria pensando numa forma de assistência social farmacêutica, quando o esquema

nacional não é de assistência social. O esquema nacional é um esquema de comércio farmacêutico. Não é? Como você mesmo acabou de dizer, essa gente profissionalizou esse trabalho. Então você chega lá no mercado, você encontra “n” pessoas com... “n” sacos, milhares de saquinho com raízes disso, daquilo, de sementes, etc, vendendo e cantando todas as suas propriedades que ele provavelmente nem sequer conhece. (ruído) Porque são pessoas muitas vezes, bastante jovens, recentemente chegadas do interior e que simplesmente acharam que aquilo era um bom mercado de trabalho que dava pra ele sobreviver. Não é? Aqui e ali você encontra um tipo mais antigo que esse aí, como eu falei que tem no Mercado São Sebastião, o dr. Raiz, né... que marca até consulta com as pessoas para vários dias na frente porque ele não pode atender todo mundo. Mas eu não sei até que ponto aqui no Nordeste ou principalmente aqui no Ceará, a informação popular é realmente uma informação que a gente possa considerar como boa informação sobre planta medicinal. (interrupção da gravação)

Fita 5 - Lado B

FM - ...Ao lado disso aí você tem também, quer dizer, algumas das plantas utilizadas e recomendadas por esse grupo são das plantas tradicionais. Então essas realmente merecem um cuidado especial. É o caso, por exemplo, da aroeira... A aroeira que resultou inclusive já num livro, tanto foram as pesquisas que o grupo que está desenvolvendo na fitoterapia, o estudo de fitoterapia dedicou tantas pesquisas que acabou isso resultando num livro. O que é que a gente fez? Até agora... o resultado desse trabalho, a gente pode fazer uma pequena síntese, a aroeira é uma planta especialmente utilizada pelas mulheres, não há dúvida. Praticamente você não encontra no Nordeste uma mulher que não tenha utilizado aroeira no pós-parto na forma de banho de assento. Seja rica ou seja pobre. Ela pode sair do hospital, vai casa, o médico passa uma série de cremes e pomadas etc, mas a mãe diz: “Não, toma um banhozinho de aroeira de assento.” Então é isso, é tradicional. E essa história se perde ao longo do tempo. Mas elas fazem também um outro uso, elas bebem aroeira. Bebem a aroeira porque diz que ajuda a fazer a cicatrização. Bem...

TF - E isso... esse trabalho dessa...

FM - É o trabalho dessa...

TF - ...já comprovou esse uso duplo da aroeira? Comprovaram que ela não tinha...?

FM - De que... Não, ela não comprovou... Não sei...

TF - O trabalho dela era químico ou era...?

FM - Não. Ela só associou o trabalho dela com a parte clínica. Então quando ela desenvolveu o trabalho dela e que chegou à conclusão final, até agora o que a gente conseguiu saber realmente: 1º- a aroeira pra funcionar ela precisa entrar com a parte lesada. Nessa ação da aroeira existe atividades farmacológicas importantíssimas: uma atividade antiinflamatória, uma atividade cicatrizante e uma anti-histamínica, e portanto, e uma leve atividade antimicrobiana. Essas 4

atividades ocorrem quando a aroeira entra em contato com a atividade lesada. Então, a gente não pôde é... comprovar se a pessoa bebendo aroeira isto poderia ocorrer, essas mesmas atividades, no colo do útero. Porque pra isso significaria que a aroeira teria que entrar na circulação sanguínea e atingir o colo do útero já pelo lado de dentro e não mais pelo lado de fora. Então essa experiência realmente não foi feita. Mas a experiência contrária de comprovar a hipótese de que ela precisa do contato foi feita. E resultou numa atividade que o povo não utilizava, que não era a etnobotânica, mas sim conseqüente a esse raciocínio. É... se esse contato, se essa hipótese fosse verdadeira, ela deveria atuar na gastrite e na úlcera gástrica. Porque aí na hora que você bebe, você faz o contato. E foi comprovado que gastrite e úlcera gástrica são curadas, gastrite com 1 semana de tratamento e a úlcera gástrica com 1 a 3 semanas de tratamento, cicatriza completamente.

FD - Com um chá da aroeira.

FM - É. Exatamente. Com um..., não é bem um chá, é um cozimento aproximadamente a 10%. E foi feito então a ... o tratamento local com o extrato da aroeira em caso de cervicite e cerviginite. Com uma a três semanas, a total reepitelização do colo do útero e da vagina. Com um revestimento totalmente novo. Isso inclusive substitui o tratamento por eletrocoagulação, o que pras mulheres é uma vantagem enorme, né?

TF - O senhor faz essa comprovação química aonde? Junto à Secretaria da Saúde?

FM - Não. Junto ao Hospital das Clínicas na universidade. E... é... conseqüentemente isso aí já fugiu da própria experiência, já passou a ser por exemplo, uma utilização paralela das pessoas dizerem: “Ah, e se eu tiver hemorróidas inflamadas?” Eu digo: “Faz o mesmo tratamento que a mulher faz quando está com o colo do útero inflamado. Faz uma higiene e faz um contato.” Nesse caso eu já tive inclusive a oportunidade de observar em pessoas da família que na hora que é feito o (inaudível) com a aroeira, a própria mucosa, o muco que existe dentro do intestino, combina com a aroeira e forma um gel consistente. Então esse gel passa a ser um gel terapêutico que fica em contato com toda a mucosa e as pessoas saem da fila das cirurgias de hemorróidas. Ficam curadas.

FD - Cura a hemorroida?

FM - É. ...

FD - Agora, tudo isso foi descoberto a partir do trabalho...

FM - A partir do trabalho etnobotânico de que a mulher tomava banho de aroeira depois do parto e cicatrizava.

FD - Não, quer dizer, tudo isso foi feito a partir de uma pesquisa científica...

FM - Ah, sim! Exato. É. Saiu o resultado da etnobotânica, foi feita a pesquisa científica e volta agora com a correção do uso. O uso correto da aroeira. A aroeira é útil? Cura? Cura. Agora, a forma de usar tá certo como o povo faz? Bem se beber não vai fazer mal, mas não vai curar o útero. Se tiver uma gastrite, ótimo, vai curar a gastrite. Então em função disso a própria a Escola

de Farmácia desenvolveu um creme vaginal de aroeira. Que é um negócio es-pe-ta-cu-lar!

TF - E qual é a relação, professor Matos... Vem cá, eu percebi que o senhor participou de um mesmo simpósio, de um seminário de plantas medicinais e saúde pública.

FM - Sim... Ham, ham.

TF - Quer dizer, que amplitude tem essa discussão aqui na... é um simpósio nordestino ou é um simpósio só no Ceará?

FM - O simpósio é municipal. Foi um simpósio da Prefeitura Municipal de Fortaleza. 2º Simpósio de Fitoterapia e Saúde Pública. Isso... nos faz voltar um pouquinho àquela situação de confronto dentro de uma atividade não tradicionalmente médica para uma atividade tradicionalmente médica. Os médicos estão... acostumados a sua rotina de trabalho onde não entra a fitoterapia. E quando se vai pra Saúde Pública aí você vai entrar num meio médico. E nesse meio médico você encontra já hoje alguns médicos que aceitam normalmente isso, enquanto que outros ainda não aceitam. Eles... continuam é... querendo seguir as normas que foram criadas para eh... análise das substâncias sintéticas que são utilizadas para passar os medicamentos. Que requerem naturalmente uma profundidade de ensaios químicos, bioquímicos e farmacológicos, muito grande, né? Então como você não fez isso com as plantas, então você não pode utilizar, né? Daí é que eu acho por exemplo, que a grande vantagem do trabalho do Selerino, é porque esse ensaio clínico-toxicológico, já foi feito pela população. Simplesmente precisa de uma interpretação. E... por isso eu acho que a velocidade de implantação de uma fitoterapia em Saúde Pública é muito lenta, né? Quer dizer, dentro da própria prefeitura onde há já essa abertura muito grande, a Prefeitura Municipal de Fortaleza, você veja... em 6 anos de trabalho só consegui ou só conseguiram ser desenvolvidas – não só eu que consegui – só consegui ser desenvolvida pelo grupo que apoiou esse tipo de trabalho, 4 Farmácias Vivas dentro da prefeitura, quando o projeto é de mais 14. Nessa marcha então vai acabar o... o mandato de um prefeito, entra em outro, entra em outro e etc. Mas eu acredito que é muito provável que esse número comece a crescer exponencialmente.

FD - É... e, professor Matos, quando a gente fala na regulamentação da fitoterapia do trabalho do fitoterapeuta, não é? Uma regulamentação a partir dos parâmetros científicos. Isso está excluindo a população, o... isso está excluindo o rezador, o raizeiro, que tem já o seu mercado de trabalho...

FM - Certo.

FD - ...que tem sua profissão, que vive disso, que tem esse conhecimento, às vezes não, como o senhor mesmo colocou, mas às vezes sim, como o senhor colocou, e ao mesmo tempo isso tá matando o conhecimento etnobotânico. Não?

FM - Não. (ruído) O que a gente... começando pelo fim. O que a gente chamou de conhecimento etnobotânico, quer dizer, essa soma de informações, diz um que está aqui no Ceará, diz que está praticamente degradada, você já não tem mais. A não ser com algumas plantas como a aroeira. A aroeira você encontra a aroeira citada há séculos, né, com essa mesma indicação. Você encontra outras que estão citadas também, como a (inaudível) também que é citada há séculos.

Então esse é um conhecimento etnobotânico. Mas a grande validade do conhecimento etnobotânico pra mim é essa que também já está prestes a se perder, é que são dos grupos étnicos mais primitivos, daqueles que não foram ainda perturbados pelo civilizado. Então você lá no seu trabalho na Amazônia, onde você encontra as tribos de índios (tosse), pode encontrar realmente muitas informações novas, como poderá encontrar inclusive espécies novas que nunca foram nem descritas botanicamente. Então aí você tem a grande fonte. Mas no meio conturbado da civilização, essa... esse uso, vamos dizer, esse uso... essa informação etnobotânica pra mim ela tem um valor muito relativo, muito relativo. Embora possa acontecer de alguém que pegou realmente uma planta, que aquilo apareceu alguma atividade que não era nem esperada e que de repente aquilo pode dar origem a um novo medicamento, etc. Isso é um lado da coisa. O outro lado é o lado da profissionalização. Quer dizer, se a gente exagera na aplicação dessa fitoterapia toda, vamos dizer, muito bem ordenada e organizada, eu vou cortar a profissão de gente que está sobrevivendo às custas disso. Mas eu também já tinha dito aqui, a solução pra isso não é fechar os olhos e também não é mandar prender esse pessoal. A solução pra isso é reciclar esse conhecimento. É de novo voltando ao Mao Tse-Tung, não tem jeito. É conseguir que essa gente comece a se integrar, comece a integrar em si um conhecimento que eles precisam. E que eles mesmos então aí espontaneamente vão corrigir os... Eu tenho uma prova disso aqui dentro do Projeto Farmácia Viva. Dentro do Projeto Farmácia Viva, dentro dos hábitos da informação etnobotânica, uma das principais plantas do Projeto Farmácia Viva não é nem utilizada, que é a (inaudível) ou (inaudível), que agora tá passando a ser utilizada em função já da influência da divulgação das Farmácia Viva através dos setores, né? Isso é que chegou a levar – você falou aí me lembrou do Adalberto Barreto – quando ele disse que o projeto Farmácia Viva estava usurpando a... a... – como é que ele dizia? – a etnobotânica, as informações etno... tava usurpando, porque a informação era do povo e agora passou a ser do cientista. Não, isso é uma radicalização muito grande e uma interpretação errada do problema a meu modo de ver. Apesar dele ser doutor em antropologia e doutor em psicoterapia..., em...

FD - Psiquiatria.

FM - É, psiquiatria. Né? Mas eu acho que isso não é realmente a realidade. A realidade eu acho que aquilo que gente tem que fazer porque dentro desse esquema social nós temos os nossos diversos níveis estratificados. Você tem lá realmente o povo nessa situação, fazendo essas coisas, fazendo por quê? Por que é que ele tá fazendo isso? Por que é que tem aquele raizeiro ali? Dentro da cidade, como a cidade de Fortaleza, como tem dentro da cidade do Rio de Janeiro, como tem dentro da cidade de São Paulo? É por tradição? Não é. É por sobrevivência. É uma tentativa de sobrevivência. E nessa sua tentativa de sobrevivência ele está usando as armas de que ele dispõe, é claro! Ele tá... existe um mercado por quê? Porque a situação econômica do país excluiu do grupo de consumidor, 85% de sua população! E essa população vai fazer o quê? Não vai mais usar remédio? Vai ter que usar! Mas não pode comprar, onde é que ele vai? Vai lá para o outro grupo excluído também que está agora com aquelas plantas, que algumas estão certas, outras estão erradas, mas que as pessoas vão usar de qualquer jeito. E como é que a gente vai consertar isso? Então a gente volta àquele mesmo pontinho de todas as discussões sobre o desenvolvimento nacional. Tem que trocar de elite.

FD - (risos) É impossível. Mas olha só, é... essa tradição, é porque o senhor diz, que ele não tá ali por tradição, ele tá por sobrevivência, isso também é uma radicalização. Porque a gente tem

essa tradição.

FM - Aonde? Aqui, no Ceará?

FD - Tem no Ceará, tem no Rio de Janeiro, tem em São Paulo...

FM - Tem não. Tinha!

FD - A gente tem isso na Europa! Se o senhor ...

FM - Tem...!

FD - ...vai à Europa, por exemplo, tem...

FM - (ruído) Tem! A Europa... Tem! Tem na China!

FD - ...um mercado de, na Europa por exemplo, o senhor tem um mercado de plantas também. De comércio...

FM - Tem, tem!

FD - ...de plantas medicinais.

FM - Tem, tem. Não, a fitoterapia não...

FD - E que funciona por...

FM - Não, pois é...

FD - ...tradição. É uma tradição que se mantém e acaba gerando um mercado porque a nossa sociedade hoje é de mercado, não é?

FM - É, eu sei que é, mas as... Eu não vou discutir o problema europeu, ...

FD - Ham, ham.

FM - ...nem o norte-americano, porque eu sei que lá também que uns centros de fitoterapia, tem a escola de Medicina Herbária na Inglaterra, né, eu sei que tem tudo isso aí. Mas esse tipo de... vamos dizer, medicina tradicional com plantas aqui no Nordeste, eu acho que ele só é válido em pouquíssimos casos, pouquíssimos casos. E se você fizer um levantamento de como essa gente que você vai encontrar se visitar lá o mercado central, você fizer um levantamento de como eles chegaram lá, você vai ver que é gente que veio simplesmente do interior, não tinha o que fazer, já tinha um parente ou um conhecido que fazia aquilo porque era lá da mesma cidade, vem pra cá, ele vai e consegue e faz isso. Existe uma série de plantas que são utilizadas pra isso aí. Então a gente vai medir essa, o aspecto de tradição a partir de que época? A partir dos africanos quando chegaram aqui com a babosa, então transferiram o uso da babosa para a população local. E eles

passaram a também a vender a babosa, né? (tosse) É... não sei bem, acho que isso eu teria que estudar mais o caso.

FD - Tá bom. Tem mais alguma coisa? (pausa na gravação)

TF - O seguinte, nós vimos muito trabalho... dois entrevistados meus até em Recife, não tinham nada a ver com esse projeto, (tosse) era outro projeto. (inaudível) (ruído) o senhor também deu um exemplo aqui. Com relação a estudos do controle dos moluscos.

FM - Ah, sim...!

TF - Os transmissores, os reservatórios...

FM - É. Esquistossomose. É, é.

TF - ...de esquistossomose. O senhor teve algum trabalho nesse sentido de tentar? O senhor deu exemplo inclusive de uma planta...

FM - É, exato...

TF - ... que mata caramujo... O senhor trabalhou com essa (inaudível) (ruído)?

FM - Trabalhamos. Trabalhamos, trabalhamos sim. Está registrado aí nessas gravações, um esboço histórico do chamado “Projeto Integrado: Botânica - Química - Farmacologia.” Eh... esse projeto que foi inclusive, também, um dos pilares da formação do Projeto Farmácia Viva. Inclusive fazia coleta de plantas, as plantas chegavam aqui no laboratório... quer dizer, e seriam... levadas pra identificação, uma outra parte seria transformada em extratos. Ora o extrato seria, vamos dizer, para um estudo químico mais aprofundado, etc, mas a maior parte era levada também para extratos, pra é... execução de alguns *screenings*. *Fazia-se um logo no começo...* – *screening* significa... são ensaios de caracterização de propriedades, né? Ensaios simples. Um conjunto de ensaios onde você tem... o sentido de *screening* é mais ou menos o sentido da palavra esboço. É... a introdução de mais um anglicismo no nosso português. Então desses extratos, uma parte ia pra avaliação de atividade antimicrobiana. Tinha um grupo da microbiologia que pegava aquele extrato, juntava lá várias placas com “n” bactérias e via se tinham atividade sobre uma, sobre outra, etc. Um outro grupo trabalhava com os moluscos, então fazia a determinação da atividade em cima desses moluscos: adultos, jovens e ovos. Larvas aliás. Ovos não. Larvas. Larvas, jovens e adultos. E verificava se que tinha realmente uma atividade molucisida, em concentrações que pudessem ser consideradas adequadas para a sua aplicação posterior. Foi quando eu disse que o hidrolato dessa planta, da (inaudível), o hidrolato por si já é uma solução extremamente diluída da planta e esse hidrolato diluído 100 vezes, ainda tinha atividade letal sobre os moluscos. E... então esse era o trabalho que vinha sendo feito até que o grupo que se dedicava a isso mudou de atividade, foi fazer outras coisas e o projeto então entrou realmente em defasagem e não fez mais. Isso raramente então é feito algum ensaio desse tipo.

TF - E... e aqui no Ceará tem muito caso de...

FM - Esquistossomose? Em algumas regiões, sim. Região canavieira do estado é toda cheinha de esquistossomose.

TF - Professor, mais uma questão. Com relação ao... vamos voltar, eu vou voltar a dois pontos.

FM - Mas nesse ponto quando você faz essa pergunta, isso já me leva a um outro questionamento.

TF - Pode falar.

FM - Se a gente tem essas observações, se a gente tem a planta, se a gente tem um governo de Estado, se você tem uma secretaria de Estado e você tem uma endemia, por que é que os elos dessa corrente não...

TF - Isso, isso...

FM - ...não se unem?

TF- (inaudível).

FM - Eu não sei por que não se unem! Há uma espécie de divórcio entre aquilo que se faz cientificamente dentro da universidade e aquilo que se pretende fazer na realidade dentro do sistema de Saúde Pública do estado.

TF - E esse simpósio que foi realizado agora, como fruto dele, quer dizer, qual é a continuidade dele?

FM - Olha, a pretensão é repetir esses simpósios, inclusive premiar os melhores trabalhos e como... uma meta que não é muito... vamos dizer, não se procura fazer coisa grande demais, mas a meta seria implementar novas farmácias vivas dentro do mesmo estilo em... inicialmente nos CIES como eu falei, não é, que são os centros Integrados de Educação e Saúde. E aí a Farmácia Viva teria várias abordagens diferentes e várias utilidades. Mas... esse tipo de integração junto a uma única prefeitura, embora seja a maior prefeitura do estado, ainda está longe de ter as consequências que teria o envolvimento do próprio estado no uso dessa metodologia de trabalho.

TF - E mesmo com esse convênio com o senhor eles criaram tipo uma coordenação... de utilização...?

FM - Sim!

TF - (inaudível) hipotética. Mas uma coordenação de utilização, digamos, da fitoterapia no Ministério da Saúde? Isso já estava organizado ou (inaudível)?

FM - É... paulatinamente, e bota paulatinamente nisso mesmo, é... está sendo desenvolvido o chamado Programa Estadual de Fitoterapia, que é coordenado por comitê estadual de fitoterapia do qual eu faço parte. Mas... como em qualquer iniciativa ligada à política de administração, sempre há necessidade premente de que a decisão política seja apoiada pelo poder e pelas

finanças. Então, se essas duas condições não ocorrerem, a gente fica sempre marcando passo, trabalhando muito lentamente, tentando incentivar, incentivar. Esse trabalhado já está com aproximadamente dois anos. E até agora não... não..., vamos dizer, não se transformou numa realidade, né? Existe um planejamento, nós... vamos dizer, todo um formulário pra fazer o planejamento, pra fazer um levantamento da situação da fitoterapia no estado, está feito, será distribuído inicialmente com as prefeituras. Cada prefeitura vai ter que se informar se no seu município alguém usa planta medicinal, pra que usa, como usa, etc. Então tem um formulário lá pra isso. Depois desse levantamento aí então vai haver a análise desse levantamento. Enquanto isso, paralelamente está sendo desenvolvido aqui no... chamado Distrito Sede de Saúde do Estado, a construção de um horto de plantas medicinais que já deve ser inaugurado até o fim desse mês e um laboratório, tipo laboratório farmacêutico, para produção de medicamentos para os postos de saúde, a partir dessas plantas, né? As plantas foram selecionadas dentro do elenco Farmácia Viva, mas ao invés das 52, foram selecionadas pelo próprio comitê, apenas é... 20 plantas. É... o... .. o que eu acho que seria necessário, inclusive propus isso várias vezes nas nossas reuniões, é que esse comitê tivesse uma participação médica maior. Porque, no momento, esse comitê está constituído de... 12 membros. Desses 12 membros 8 são farmacêuticos e 4 são agrônomos.

TF - Então na realidade, o centro de saúde não está sendo envolvido.

FM - Não. Não está envolvido. Começou a ser envolvido eh... começou a ser envolvido (risos) ah... porque a subsecretária de saúde, no início ela foi... foi escolhida presidente do comitê, mas, pouco tempo depois, ela deixou de ser subsecretária de Saúde e passou a secretariar outro trabalho do governo – trabalho inclusive a nível internacional ou sei lá, não sei bem o quê – e se afastou do comitê e não houve um substituto médico. Então, por exemplo, a própria secretaria da... de vez em quando um secretário participa das reuniões, mas dá aquele apoio... logístico só.

TF - Professor, o senhor não recebe verbas da Secretaria de Saúde.

FM - Não, não. Não recebo.

TF - E os convênios não têm...

FM - Não, não. Nenhum. No começo nós tivemos. No começo quando foi para implantar o projeto o... a Secretaria de Saúde me contratou realmente, para o período de 6 meses, para fazer o planejamento do Programa de Fitoterapia do estado. Então, eu recebi o dinheiro, já gastei por sinal, né? Eu... deixei tudo organizado, a coisa foi implantada, mas a... a transformação disso numa realidade palpável, ainda tá muito... muito devagar. Muito lenta.

TF - E o seu financiamento, o senhor já tinha falado ontem, mas eu acho que a conversa ficou no meio do caminho.

FM - Ah, sim.

TF - O seu financiamento aqui das Farmácias Vivas...

FM - Ah, sim!

TF - ...da Farmácia Viva...

FM - É, é... Distingui as duas coisas, né? Porque eu estou participando realmente de, aliás não de duas, estou participando de três coisas bem diferentes, né? Eu estou participando como membro do Comitê estadual de Fitoterapia do qual eu sou assessor técnico-científico, né? Sou diretor do Laboratório de Produtos Naturais que não é diretamente ligado ao Projeto Farmácia Viva, porque inclusive o Projeto Farmácia Viva nasceu independente dele e sou coordenador do projeto Farmácia Viva que é a atividade que me toma realmente a maior parte do tempo. Então esse Projeto Farmácia Viva já deu origem ao projeto estadual, aos projetos municipais e etc, é que tem sobrevivido às custas de financiamentos externos. Disso começou o financiamento da CEME, depois o financiamento da FINEP, parou com 2, 3 anos, aí não tem renovação. Passou pra uma tal entidade internacional chamada “*(inaudível) Alliance*” e terminado esse período, também foi um período curto, de 2 anos, e em seguida entrou o Kew Garden com o Projeto Nordeste, né? Aí já vem o dinheiro de libras, pra cá. Foi quando o projeto realmente adquiriu a sua estrutura física bem montada, né, que vieram os computadores, o ambiente, salas, etc... a bibliografia, impressão de produtos necessários à divulgação do trabalho. E, finalmente CEME de novo, não é? Quando eu pensava que a CEME, por declaração da própria presidente da... do IPPN, não sei se presidente ou coordenadora do IPPN, ela disse: “A CEME vai adotar o horto de plantas medicinais da Universidade Federal do Ceará, como sua filha...”

TF - Dileta.

FM - ... dileta. Aí fecham a CEME. (risos) De modo que eu não sei. A partir de 1900 e... 98, o dinheiro da CEME eu só receberia até dezembro, daí por diante eu não sei se esse dinheiro como, de onde é que eu vou conseguir realmente recursos para garantir o funcionamento nesse estado. Mesmo agora o financiamento da manutenção não é muito grande. Você vê a manutenção do Horto aí funciona, tá aí tudo montado direitinho. Então... é... adubo, é conserto de cercas, conserto de canteiros, é o material de computação... etc, que é cheio daqueles papéis e impressoras e etc. E uma parte principal, quer dizer, o meu braço direito na atividade é a Francilene. Essa também terá interrompido os seus pagamentos, vai ter que cuidar da vida sem... (interrupção da gravação)

Fita 6 - Lado A

TF - Fita número 6 para o projeto Plantas Medicinais da Casa de Oswaldo Cruz. (Interrupção da gravação) Professor, vamos dar continuidade, nós gostaríamos de saber, que nós vimos no seu currículo, o senhor teve uma atividade sindical, logo depois de formado...

FM - Ah, sim. Exato.

TF - Dentro da própria formação de farmácia, né, no Sindicato de Farmácia que, senão me falha era um Conselho de Farmácia também.

FD - Hum, hum. Conselho Regional.

TF - Um Conselho Regional. Como é que foi essa atividade?

FM - Essa atividade no Sindicato, ela ocorreu num período em que realmente a atividade sindical de profissões liberais era uma atividade, vamos dizer, quase que de faz de conta. Havia exigência das leis trabalhistas. O farmacêutico era contratado pra trabalho então teria que ter um sindicato. Mas esse sindicato realmente nunca, na época em que eu estive lá, só funcionava talvez assim, mais politicamente para é... uma tentativa de busca de poder. E eu fui realmente envolvido, chamado por um grupo que achou que eu poderia liderar, assumir essa presidência, né? Eram elementos mais que tinham maior vivência política do que eu, mas eu acabei aceitando dentro daquela minha qualidade negativa que eu já falei, né, de não saber dizer: “Não.” E acabei como presidente do sindicato. Atividade sindical para a profissão de farmacêutico naquela época era tão secundária, que quando terminou o mandato, né, que eu abri uma nova eleição, não me candidatei e não apareceu nenhum candidato. A coisa é... continua assim durante o período todinho de validade daquele edital, a ponto de o Ministério do Trabalho, a sessão local do Ministério do Trabalho, é... designar uma junta governativa de 3 membros para reger o sindicato. E nessa junta governativa eles acharam por bem que eu deveria (risos) também participar da junta. Além de ter sido presidente eleito, depois fui obrigado a ficar mais um período na junta governativa. Felizmente na ocasião seguinte apareceu um candidato que queria realmente entrar na política sindical através do Sindicato de Farmácia, e ficou. A minha atividade no Conselho Regional de Farmácia já foi apenas no período de organização do Conselho, da minha colaboração. Eu tenho a tendência muito mais de é... ficar, vamos dizer, na parte mais legislativa do que na parte executiva. Então realmente eu colaborei muito com os colegas na organização do Conselho Regional, mas nunca participei da direção do conselho.

TF - Quando foi a organização do Conselho aqui?

FM - Não sei... Mas foi mais ou menos pouco tempo depois do sindicato. Mas eu apenas entrei como membro. Eu sou fundador do Conselho. Meu, a minha carteira tem o número 5. Não é? Foram parece que 10... 10 os farmacêuticos formadores do Conselho Regional de Farmácia, né? E o meu número era o número 5. Provável... posteriormente, essa atividade conseguiu se desenvolver e hoje, realmente o sindicato, tanto o sindicato quanto o Conselho, já desenvolve uma boa atividade como aprovação de cursos, com eh... movimentos em defesa da classe, etc. A única coisa que eu considero estranha, tanto no movimento do Sindicato como nas realizações do próprio Conselho, é que nenhum dos casos, nenhum dos dois é... conseguiram ainda assumir como realidade a fitoterapia, portanto eu não sou convidado para a apresentação de cursos ou conferências, nas reuniões nem no Sindicato nem do Conselho Regional. É aquela velha história que eu tava falando, eu acho que eles tão esperando passar o bonde da história para depois reclamar que perderam o bonde.

TF - É... aí professor, o seguinte, a outra questão... Com relação a... eu estava apreciando o seu currículo e percebi que as teses que, com que o senhor se orientou, tem várias teses parecem compor – não sei se minha leitura está correta – compor um progresso de pesquisa, né? Por exemplo, aqui, tem várias teses que chama “Contribuição ao conhecimento químico de plantas

do Nordeste”, dois pontos, o nome de uma planta, outra planta, outra planta, etc.

FM - É. Certo.

TF - Quer dizer, como é que o senhor organiza, né, como é que o senhor organiza, porque é bem diferente das ciências sociais por exemplo...

FM - Ah, sim!

TF - ...Como é que organiza esse campo, como é que esse campo se organiza no sentido dessas orientações das teses?

FM - Ah, é fácil explicar! O curso de pós-graduação em química orgânica aqui da universidade, ele nasceu como fruto do Projeto Integrado: Botânica, Química e Farmacologia. Então, é... os trabalhos desenvolvidos, todos eram trabalhos ligados a esse projeto. E pra evitar que houvesse assim muitas modificações de... modificações não só, mas vamos dizer, de escolha de títulos de teses, né? Nós inclusive nos reunimos a essa época e decidimos que essas teses envolvendo estudos de plantas, sempre seriam “Contribuição ao estudo químico de plantas do Nordeste”, aí viria em seguida o nome da planta. E talvez um fato digno de nota é que depois de montado o curso... a primeira tese de mestrado, quer dizer o primeiro mestre do curso de pós-graduação em química orgânica, foi de uma tese orientada por mim de uma aluna que tinha sido inclusive minha bolsista em iniciação científica, então ela terminou a tese dela em primeiro lugar de toda turma que entrou na época dela. Posteriormente ela foi fazer o doutorado lá na França. Fez um belíssimo doutorado. Fui membro distante, né, apenas compus no papel, a banca examinadora que lá eles chamam “júri”, né, o júri do julgamento da...

TF - Por que o senhor estava distante? Eu não entendi...

FM - É porque eu não viajei por causa de uma polêmica.

TF - Ah, distante mesmo!

FM - Quem pagaria, se seria a França ou se seria o Brasil? E enquanto o jogo de empurra ocorreu, chegou a hora da tese e eu não estava lá. Mas eles mantiveram o meu nome. Essa professora hoje, ela é professora de química lá da Universidade é... Federal do Rio Grande do Norte. Teresa Neuma de Castro Dantas. É uma excelente profissional, uma pesquisadora também de mão cheia e... mas ela derivou pra uma linha diferente, mais ligada ao trabalho de tese dela na França do que o trabalho de tese de mestrado. De modo que aí a nossa colaboração diminuiu substancialmente.

TF - Ainda é... sobre os simpósios de plantas medicinais, o senhor já falou rapidamente, mas eu queria saber o seguinte, quer dizer, como é que esses simpósios – o simpósio já é uma tradição, não é?

FM - Já é uma tradição, é.

TF - É. Como é que esses simpósios começaram a se organizar e qual é a sua participação efetiva na organização e na participação mesmo desse? Porque me parece que esse simpósio é fundamental para a troca de experiências...

FM - Ah, sim...!

TF - ...ou não?

FM - Sim. É fundamental para a troca de experiências, é fundamental para que todos possam ter conhecimento do que se faz praticamente em todo Brasil. Agora, é um tipo de simpósio que eu acho que ele é único entre todos os outros simpósios que se realizam. Porque esse simpósio começou pelo grupo de São Paulo, foi organizado pelo professor Carlini, da Escola Paulista de Medicina. Então foi feito esse primeiro simpósio. Durante esse é... o término desse primeiro simpósio... se achou que a iniciativa deveria continuar, mas não tinha nenhum órgão que assumisse, por exemplo, como o SBPC [Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência], como o... a Sociedade Brasileira de Botânica... Nada, não tinha nenhum órgão! Foi algo assim mesmo de geração espontânea. O Carlini resolveu fazer, conseguiu naturalmente um auxílio pra subvencionar o trabalho todo e a realização do simpósio, convidou várias pessoas e no fim se elegeu uma nova cidade onde deveria se realizar o simpósio. Então naquela nova cidade o pesquisador assumia a responsabilidade, aí conseguia o auxílio do CNPq [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico], novamente realizava o simpósio e isso veio durante vários anos, eu acho que até o 10º simpósio. O 10º simpósio foi de novo em São Paulo, local onde ele nasceu, e daí por diante eu acho que ele passou a ser de 2 em 2 anos. Mas até hoje não se chegou a um consenso para se formar uma sociedade que abrigasse esse simpósio, que tivesse a sua publicação para exatamente divulgar todos os eventos do simpósio. Isso, eu acho uma falha que realmente já, o grupo já está suficientemente amadurecido pra ter isso, mas não foi possível ainda conseguir. Ainda no 10º ... no 11º simpósio, senão me engano, 12º ... – não sei – que foi realizado no NPPN [Núcleo de Pesquisa em Produtos Naturais] no Rio de Janeiro... eh... se propôs que se organizasse um grupo capaz de dirigir permanentemente esse conselho, criar uma diretoria, né? Propuseram meu nome, mas quando eu quis fazer qualquer movimento aqui no Ceará pra registrar uma Sociedade Brasileira de Estudo de Plantas Medicinais, qualquer coisa assim, é... que eu quis registrar pra começar a angariar dinheiro, né, eu fui informado de que eu só poderia fazer isso se tivesse uma ata que constasse essa decisão. Como não foi feita nenhuma ata – por sinal não sei porque razão – o Walter Mors teve dificuldades de recursos, ou de montar uma secretaria, não foi feito praticamente nenhum registro do simpósio, um registro escrito, não saiu do livro posterior, comunicação posterior, só saiu mesmo o livro de resumo inicial. Então, isso não foi possível. Eu propus também que a Sociedade Brasileira de Farmacologia... que o termo brasileiro eu acho que está realmente muito abrangente, porque na realidade é uma sociedade paulista. Ela foi sediada, nunca saiu da Escola de Farmácia da USP [Universidade de São Paulo], mas eu achei que o melhor local para abrigar o simpósio e a organização e a manutenção das plantas seria a Sociedade Brasileira de Farmacologia. Mas também eu não consegui um consenso, um apoio dessa idéia. Mas eu continuo achando que a Sociedade Brasileira de Farmacologia deveria abrigar esse simpósio e passar a organizá-lo daqui por diante. Mas por enquanto é mais um sonho que a gente tá esperando.

TF - Não tem nenhuma... nenhuma sociedade brasileira...?

FM - Não, nenhuma. Nenhuma sociedade.

TF - ...de fitoterapia...

FM - Cada simpósio se organiza independentemente à medida que vai escolhido o local onde ele vai ser realizado. Chegou-se a criar no Brasil, a sociedade... a Associação Brasileira da Planta Medicinal. Essa associação fica, senão me engano, em São Paulo. E ah... supõe-se que, eu não sei se é verdade, mas supõe-se que essa sociedade seja mantida exclusivamente pela Rhodya, né, com a finalidade de captar informações.

TF - Não é a sua... (risos) não é a sua... a sua praia.

FM - (risos) Não. Não é a minha praia. Então, realmente... eles geralmente nas reuniões eles apresentam sempre de... de serviços que poderiam ser feitos pela associação como informações bibliográficas, etc. nunca ninguém conseguiu nada.

TF - E com relação, professor, às publicações de vocês. Aonde vocês publicam? Vocês que eu estou falando... o pessoal do Ceará.

FM - O... pessoal... O pessoal de, de...

TF - O pessoal que trabalha com fitoterapia.

FM - É, normalmente de uma maneira muito eclética. Cada um publica, geralmente naquelas revistas onde ele está mais ou menos ligado, né?

TF - Que revistas são essas?

FM - A... aqui por exemplo, eu tenho por hábito publicar é... na Revista Brasileira de Farmácia, determinados assuntos de pesquisas de plantas medicinais, às vezes até resultante do somatório de várias publicações em revistas estrangeiras, em aspectos parciais do problema. Então eu reuno aqueles aspectos todos e repasso aquilo para o português e mando como se fosse um tipo de monografia da planta. Então eu repasso isso lá para a Revista Brasileira de Farmácia porque eu acho que o estudo de plantas brasileiras, o conhecimento dessas plantas deve ser feito em primeiro lugar pelos brasileiros. Os brasileiros, os farmacêuticos brasileiros, as pessoas que estudam plantas medicinais no Brasil, é quem deve tomar logo conhecimento do que se faz aqui ao invés de realmente fazer isso no exterior. Obviamente como a... as bolsas de pesquisa do CNPq exigem publicações no exterior, a gente sai publicando principalmente, o maior número de publicações aqui do grupo, né, bem em cima do... do vamos dizer, plantas medicinais, embora sejam produtos naturais, é feito principalmente em cima de óleos essenciais, que é o nosso maior programa aqui no Ceará no setor de Química Orgânica. Então são... existe praticamente é uma revista de escolha pra isso que é o... Journal Oil Essential Research. Então praticamente todas as nossas publicações vão sendo feitas lá. E ah... a nossa última publicação aqui no Brasil foi na Revista Brasileira de Farmácia, sobre o nosso... conhecidíssimo chá cidreira. Se descobriu simplesmente que cidreira aqui no Brasil, não é mais nem no Ceará, aqui no Brasil, não

corresponde a uma única espécie, né? São várias plantas ou talvez uma espécie com algumas variedades que são diferentes quimicamente e farmacologicamente, mas que o povo usa, né? Aqui no Ceará nós conseguimos detectar 3 tipos, que nós chamamos de quimiotipos de cidreira. Um quimiotipo que é muito rico em mircênio e citral, ambas substâncias já existentes no... conhecidas lá do nosso capim santo, do (inaudível), né, e que foram estudadas em São Paulo também e em outras partes do Brasil, e que se sabe tem uma atividade sedativa e tem uma atividade também espasmolítica. Então essa, essas mesmas duas substâncias estão num dos tipos de cidreira, que provavelmente será o mais eficaz de acordo com a atividade atribuída. A outra é muito rica em citral e limoneno. É mais gostosa por causa do limoneno e talvez seja bastante tranqüilizante por causa do citral, mas não tem atividade analgésica e espasmolítica do mircênio. E a 3^a... (tosse) Desculpe. É rica em carvona e limoneno. Essa não deve ter as atividades típicas da cidreira, mas é tomada também como cidreira. Depois disso eu encontrei também, numa viagem que eu fiz, à Santa Catarina para examinar uma tese é... o grupo que trabalha com plantas lá tava estudando uma cidreira, que também classificou... tecnicamente classificada com a mesma... o mesmo binômio: *Lipia Alba*, mas que tem características diferentes da *Lipia Alba* que ocorre aqui. Eu acho que a gente teria que fazer um pool de investigação em cima da cidreira pra poder determinar qual realmente é a mais eficaz e passar, repassar as mudas para as várias partes do Brasil.

TF - O senhor nos falou em algumas... numa... em off no almoço... (risos) sobre algumas, alguns trabalhos criados no Brasil quando o senhor teve interferência, o senhor ajudou a criar. O senhor colocaria pra nós?

FM - Em qual tipo de trabalho que você fala?

TF - O de Brasília, alguns grupos foram criados...

FM - Ah, sim! Algumas extensões, alguns núcleos...

TF - Isso!

FM - ...de plantas medicinais que eu ajudei a criar, né? Um desses núcleos, talvez um dos muitos importantes hoje do Brasil, é o núcleo de Brasília, da Secretaria do Ministério de Saúde... Secretaria da... do Distrito Federal. Esse... esse núcleo hoje ele é dirigido pela dra. Fábiana Sampaio. A Fábiana Sampaio ela é paraibana, mas reside há vários anos em Brasília. E ela é sempre muito ligada a essa atividade de ações não muito convencionais em medicina. Tanto que ela tem vários cursos na China como acupunturista e isso a levou também a utilizar, a estudar a chamada a fitoterapia chinesa e... passou a dirigir esse trabalho. Esse núcleo lá de Brasília, ele foi criado pela dra., pela própria Fábiana junto com uma outra médica que hoje não está mais ligada ao programa, dra. Maria Aparecida Araújo. Hoje eles têm lá um horto de plantas medicinais, contam com um farmacêutico pra produção de medicamentos, é um grupo que tem evoluído bastante, né? E... interessante, a dra. Fábiana ela tem é... já uma ligação anterior com a fitoterapia através de uma... uma pessoa muito experimentada, hoje já é um homem idoso, eu não me lembro o nome dele agora, né, mas certamente ela se lembrará quem é se vocês tiverem oportunidade de entrevistar, ela poderá indicar essa pessoa que tem um mundo enorme de informações sobre plantas medicinais do cerrado. Porque ele só trabalha com plantas do cerrado.

TF - Devem ser outros casos, né?

FM - Além... outros casos além desse... eu não sei. Tem o grupo de Curitiba, aí eu fui convidado para Curitiba para ministrar também um curso rápido de... sobre plantas medicinais. Eles possuíam já um (ruído) trabalho em cima de plantas medicinais lá, mas em seguida a essa minha palestra, a coisa realmente se organizou mais a ponto de que numa das reuniões de simpósios de plantas medicinais do Brasil, foi criada a chamada Coordenação Brasileira de Plantas Medicinais em Saúde Pública ou Fitoterapia em Saúde Pública. E quem foi eleita e passou provavelmente 4 ou 6 anos, eu não me lembro bem, foi a dra. Marly (inaudível). Só depois disso, da Marly, eh... passou depois para outro, um médico, também um médico lá de São Paulo, dr. Aldo – não me lembro o nome dele – dr. Auro. Auro. Não é Aldo, é Auro. Não é? E em seguida, já na última reunião, foi eleito e assumiu o nordestino que é o dr. Selerino. Que hoje é o Coordenador da Fitoterapia em Saúde Pública. E que tem desenvolvido uma atividade realmente muito grande nisso, a ponto de ter realizado com... acho que com uma frequência talvez de umas mil pessoas, uma reunião lá em... lá em Olinda com, é... em que ele procurou integrar nesse simpósio geral, todo o pessoal que fazia etnobotânica, mesmo etnofarmacologia, as pessoas que lidavam diretamente com a aplicação das plantas medicinais até as pessoas dos níveis mais altos da fitoterapia no Brasil, né? Ele conseguiu fazer uma integração muito boa de toda essa gente, né, e foi realmente um simpósio muito frutífero, muito bom.

FD - Professor Matos...

FM – Diga!

FD - O senhor falou antes quando tava falando da organização do simpósio, dessa Associação Brasileira de Plantas Medicinais, né, que seria patrocinada pela Rhodya, e eu fiquei pensando o seguinte: qual é, não só a parte do grupo que o senhor falou, mas a experiência que nós vivenciamos na nossa área de ciências sociais, qual é a dificuldade que os cientistas institucionalizados – vamos chamar assim, né? – que trabalham nas universidades, instituições públicas, encontram pra se relacionarem com as indústrias nessa questão do fomento?

FM - Ah, sim! Bem, eu acredito que é um pouco de... xenofobia. ... Em termos de plantas medi... em termos de medicamentos, não é, nem só de plantas medicinais, é... todos nós assistimos a completa degradação da Indústria Farmacêutica Brasileira. Eu me lembro que nos meus primeiros anos de formado, quando eu visitei o Rio de Janeiro, quando eu fui conhecer as indústrias, não é, eu visitei um farmacêutico muito ilustre dr. Virgílio Lucas – não sei se chegaram a ouvir falar do nome dele – ele era diretor de um dos laboratórios, senão me engano Laboratório é... Silva Araújo, né? E realmente era um grande laboratório brasileiro. Esse laboratório foi comprado por uma empresa francesa, a Russel. E o dr. Virgílio Lucas acabou virando assim uma figura de vitrine, né? Ele recebia as personalidades, tinha um gabinete muito bonito, mas perdeu absolutamente toda e qualquer controle sobre a produção industrial que passou a ser toda da Russel. E assim aconteceu com outros os laboratórios até que toda a indústria farmacêutica nacional praticamente desapareceu e ficou a indústria farmacêutica internacional, é quem ficou aqui no Brasil. Talvez por isso é que as pessoas se restringem muito em manter colaborações porque sabem que a... alguma descoberta que ocorra, imediatamente será

patenteada por uma empresa estrangeira e não haverá nenhum retorno para a atividade que foi desenvolvida anteriormente no Brasil. Inclusive eu digo isso porque eu me lembro até... (ruído) fui procurado – eu não vou dizer os laboratórios por uma questão de ética, são dois laboratórios muito grandes – fui procurado eh... para um trabalho de colaboração. Exatamente porque tava sendo muito divulgado aquela minha atividade que eu falei que eu corri todo o Nordeste em busca de plantas e informações. Então esses dois laboratórios, em ocasiões diferentes disseram: “Esse trabalho que você está fazendo nos interessa muito. Nós queremos ajudar com financiamento e tal, contribuir... com os gastos nessas excursões, nós queremos pegar algumas informações e queremos encomendar algumas plantas que vocês possam colher e etc, etc, etc...” “Tá bom, então vamos fazer um contrato.” Muito bem, quando chegou o contrato, eu assinei o contrato, aí tinha uma cláusula no final em que todos os direitos que pudessem decorrer daquela atividade em função do aproveitamento posterior daquela planta, ficariam...

TF e FD - Pra eles.

FM - ...pra eles. Aí eu risquei essa cláusula e acrescentei uma correção, eu disse que seria dividida entre eles, a universidade e o pesquisador envolvido. E isso foi suficiente para cortar qualquer entendimento posterior. Em todos os dois casos. E eu acho que por isso então, cria-se realmente uma dificuldade muito grande de diálogo e de relacionamento entre uma atividade de pesquisa desenvolvida por brasileiros e os interesses das indústrias que hoje não são mais nacionais. Algumas pessoas têm conseguido fazer um by pass pra isso, né? Talvez pessoas com maior habilidade nessa área, eu acho que já me referi a dois pesquisadores, senão me engano – não me lembro bem se são da Bahia ou de Minas Gerais – encontraram uma planta, descobriram a substância altamente potente como antiinflamatório e simplesmente patentearam lá na França, né? Então se livraram de qualquer ligação. Essa patente, não fora isso, seria hoje uma patente de uma Rhodya, de uma Russel ou de uma American, né, etc.

FD - Que by pass é esse que eles conseguiram? É esse tipo de salto?

FM - Esse salto foi exatamente eles guardarem a informação para o próprio grupo e no fim, quando estavam com toda comprovação, conseguiram desenvolver uma solicitação de patente aceitável pelas leis francesas. E patentearam lá porque no Brasil não adiantava patentear porque o Brasil patenteia processos, não patenteia esse tipo de trabalho, produtos, é.

FD - Esse é o único tipo de mediação que o senhor conhece entre a comunidade científica e essas indústrias? Ou o senhor conhece algum outro tipo de relação aí no meio, de cientistas institucionais, né?

FM - Não, existe, existe. Aqui mesmo nós temos agora um exemplo disso, né? Tem um trabalho que foi desenvolvido pelo professor Afrânio Craveiro, do tempo em que ele se dedicava ao estudo dos óleos essenciais, mas hoje ele tá mais ligado à direção da PADETEC [Parque de Desenvolvimento Tecnológico], mas ele mantém ainda esse tipo de inter-relacionamento com empresas estrangeiras. Então ele tem um trabalho dele que foi desenvolvido junto com uma empresa nacional. Não me lembro o nome dessa empresa nacional. Mas uma empresa do Rio que trabalha na produção de hormônios vegetais. Então esse trabalho foi desenvolvido aqui, inclusive aqui no horto de plantas medicinais, em mini escala em que a... chegou-se à uma conclusão não

definitiva, mas com indicações muito positivas de que determinados hormônios dessa linha de fabricação aplicados no... no capim santo, no (inaudível), faria com que o rendimento de óleo essencial aumentasse 40, 50%, não é? Então isso foi inclusive passado pro, foi divulgado. Entrou numa comunicação de congresso, etc. Então recentemente a própria Rhodya procurou o professor Craveiro e está financiando já agora um estudo em larga escala, senão me engano em 5 ou 10 hectares, esse material, essa planta tá sendo cultivada, eles entram com a substância, eles compram esse material que eu não sei se já é produzido no Brasil ou se eles trazem da França porque a substância não é patrimônio brasileiro... eles vão pulverizar e tentar ver se vale a pena fazer isso. Se for assim eles vão entrar numa produção em larga escala de citral que será utilizado pela indústria francesa, não sei se lá na França ou aqui, para a transformação do citral em vitamina A. Não é? Esse é um tipo de trabalho que está em pleno prosseguimento. A vitamina A não é patente de ninguém, o capim santo... o (inaudível) não é patente de ninguém, mas o processo provavelmente será.

FD - E o que é que o professor Craveiro vai...

FM - O que é que ele está lucrando nessa história? Não sei. Ele está recebendo financiamento para isso aí e provavelmente recebeu... esse financiamento lhe dará dinheiro suficiente pra contratar mais alguém para...

TF – Outras pesquisas.

FM - Outras pesquisas e alguém para, vamos dizer, trabalhar dentro do projeto, não é, porque isso aí vai pagar trabalhadores, vai pagar agrônomos... vamos dizer, os homens que vão executar o trabalho em si, na prática, no campo. Então esse pagamento é feito... o Afrânio não ganha nada, talvez ganhe uma cota de administração. Eu não sei. Também se ele ganha ele não diz nada a ninguém.

FD - Mas assim... Não, o que eu estava perguntando não é nem no sentido de ganhar dinheiro, mas ele descobriu o processo...

Fita 6 – Lado B

FM - ... mas na realidade é o seguinte, 1º ato: ele não descobriu o processo, ele fez uma aplicação do processo que já tinha sido utilizado pra outras plantas ele fez em cima do, dessa planta de cá, do (inaudível)... Então na hora que ele publica isso, o conhecimento passa a ser de domínio público. Não é mais de ninguém! Então se é de domínio público ele não pode nem vender. Nem ninguém poderá comprar. Mas, de qualquer maneira o processo interessou a uma empresa estrangeira grande como a Rhodya. Poderia ter interessado a qualquer outra, mas interessou à Rhodya e a Rhodya então resolveu confirmar ou avaliar, vamos dizer, o rendimento dessa investigação, dessa aplicação de hormônios se seria realmente uma coisa viável ou não. Pelas indicações da experiência anterior, há, vamos dizer, uma chance muito grande de sucesso. Mas sucesso só poderá ser demonstrado experimentalmente. Então ela joga, arriscou. Investiu pra ver se aquilo realmente funciona. E pra fazer investimento ela já entrou com dinheiro que vai servir

para o professor Afrânio aplicar em outros trabalhos de pesquisa e contratação de outras pessoas que vão ajudar nessa pesquisa ou em outras. Eu não sei se posteriormente se a Rhodya resolver, por exemplo, patentear isso aí, se essa patente vai envolver também o PADETEC. E junto com o PADETEC o professor Afrânio, eu não sei.

FD – Tá

TF – Vai fazer uma outra pergunta? Só um instantinho. Faltou o senhor falar pra gente sobre o laboratório da secretaria.

FM - Ah, sim! A... (ruído) o Projeto Farmácia Viva – é até bom tenha ficado exatamente pro fim porque isso é realmente um ato final do Projeto Farmácia Viva. O projeto Farmácia Viva compreende não só a instalação de hortas medicinais que eu passei a denominar Farmácia Viva, mas ela tem um complemento que é aquele que vai permitir a transformação da matéria-prima cultivada no próprio horto de medicamentos. Então um dos exemplos disso, o primeiro exemplo eu tinha até mostrado aqui, não veio... não deu tempo de vocês darem uma olhada, que foi aquele do Iguatú, né, onde tinha realmente o... a Farmácia Viva e o seu complemento que eu chamei de Oficina Farmacêutica. Eu fiz questão de denominar Oficina Farmacêutica e não de Laboratório de Fitoterápicos, porque o Laboratório de Fitoterápicos dá uma conotação industrial-comercial. Então a Oficina farmacêutica só dava uma idéia de uma manipulação tecnológica. E é realmente o que ela faz. Então, eu tenho aqui alguns exemplos, inclusive, que eu vou levar pra Natal, onde será inaugurado uma... Farmácia Viva lá em Natal, eu vou levando isso para incentivar que isso seja feito.

FD - (inaudível)

FM - Ah, sim! Você quer...

FD - Não, tá bom. Deixa assim.

FM - Deixa assim? Assim. Frente e verso. (risos) Ah... Então a Oficina Farmacêutica aparece aí como um complemento da Farmácia Viva, né, permitindo que aquelas plantas que são usadas também na forma de chás já possam também serem usadas na forma de medicamentos simples. Em pequenos xaropes, cápsulas, de pós, de pomadas... tecnicamente feito por farmacêuticos. E que não são vendidos, eles são aplicados pela própria secretaria e pros seus usuários. Aquelas pessoas que vão ter atendimento médico-sanitário...

TF - Nos postos de saúde.

FM - ...nos postos de saúde.

TF - E a aceitação dos médicos desses postos com relação à essa medicação?

FM - É progressivamente maior. De início... algumas restrições são feitas, mas à medida que os resultados vão aparecendo, aumenta o número de médicos também que participam do trabalho.

TF - Desde quando que essa... essa... esse laboratório da secretaria existe?

FM - A secretaria existe... o primeiro foi montado... na gestão... – os dois primeiros – ainda na gestão do prefeito Juraci Magalhães no seu primeiro mandato. Então teve um intervalo de 4 anos. Quer dizer, entre 4 a 5 anos as duas primeiras. E logo a seguir mais duas. E é possível que agora no novo período de governo ele consiga implantar em 14 dos CIES existentes. Isso tem uma dificuldade de fazer isso, que é em cada CIES deveria ter um farmacêutico habilitado e não é fácil conseguir farmacêuticos interessados em plantas medicinais. Aquela velha história do bonde! (risos)

TF - Qual é a história do bonde?

FM - É que o farmacêutico fica olhando o bonde passar, depois:...

TF - Ah! O bonde!

FM - ... “Ih, eu perdi o bonde!” (risos)

TF - Tá certo. Tinha mais uma perguntinha.

FM - Faça.

TF - Sobre pragas. Pergunta de jardineiro.

FM - Ah, sim...

TF - (inaudível) de jardineiro.

FM - Sei, sei.

TF - ... uma plantação grande, né?

FM - Certo. É relativamente grande, é.

TF - Ela se comporta, como é que se comporta... a diversidade.

FM - Aqui por exemplo, é...

TF - Os outros seres que atacam as plantações...

FM - É. Exato. Aqui, por exemplo, a gente conseguiu, né? Nós fizemos um pacto. Existia naturalmente, aqui ao lado toda uma vegetação que eu mostrei a vocês ali, quer dizer, a vegetação natural de tabuleiro baiano que ocorre aqui nessa área no canto do (inaudível). Então nessa parte, onde foi colocado o horto, aproximadamente uma área de 1 hectare, nós separamos $\frac{1}{4}$ de hectare, ficamos com $\frac{3}{4}$ para o horto e deixamos $\frac{1}{4}$ para os seres vivos que já estavam nele habitados. Então com isso a gente conseguiu mais ou menos um pacto de colaboração. Nem eu mexo com

eles lá no campo em que eles estão...

TF - Conversou com eles? Eles entenderam tudo?

FM - Eu acho que sim. (risos)

TF - O senhor não usa nenhum... nenhum...

FM - Não. A gente usa alguns agentes biodegradáveis como calda de fumo, né, e detergente que em alguns casos é suficiente mesmo para o caso de cochiníla, por exemplo.

TF - Borrifava?

FM - Borrifava. Borrifa um tipo desse detergente de cozinha mesmo neutro, sem amônia, sem nada...

TF - Diluído.

FM - Diluído. Diluído a 10, 20%. Então isso limpa completamente, as cochinílias morrem. Às vezes, quem dá um pouquinho mais de trabalho são as formigas, mas aí essas formigas também, aí a gente vai matar as formigas longe daqui. Elas nunca estão aqui dentro.

TF - Lá no lugar onde elas estão.

FM - Aí então a gente usa um tratamento mais agressivo. Agora, de modo geral, a... fazendo isso, fazendo sempre uma adubação orgânica, segura, né, nós temos aqui uma preparação constante de composto orgânico e enriquece muito...

TF - (inaudível), potássio...

FM - ...(inaudível), potássio, muitos micro-nutrientes. Então as plantas se desenvolvem muito bem e são resistentes. Aqui e ali acontece alguma coisa, é óbvio. Isso faz parte mesmo do pagamento do imposto à natureza.

TF - OK, muito obrigado!

FD - Muito obrigado.

TF - O que é que o senhor achou desse trabalho nosso de entrevista?

FM - Eu acho magnífico esse trabalho de vocês. Muito interessante realmente.... Não sei se realmente todas as informações que vocês colheram aqui serão realmente terão, vamos dizer, um valor histórico, né? Considerando que isso aí... o fundamento é manter a história da ciência nesse campo no Brasil. Mas realmente foi muito bom.